



Letria candidato à compra do Primeiro de Janeiro

O jornalista Joaquim Letria, actual porta-voz do Presidente da República, poderá vir a comprar o «Primeiro de Janeiro», jornal que ameaça falência com um passivo de cerca de um milhão de contos. Contactado pela agência NP, Letria disse que «falar nisso é ainda prematuro», adiantando todavia

Continua na pág. 4

Tailândia: falha golpe de Estado

Militares tentaram hoje derrubar outros militares na Tailândia. O golpe abortou, depois do primeiro-ministro Prem Trisulanouda ter interrompido a visita que efectuava à Indonésia, regressado a Banguecoque. A meio da manhã a situação era considerada como normal.

Pág. 14



Hoje, em Bangkok

Diário de Lisboa

ANO 65 N. 21 855

Segunda-feira, 9 de Setembro de 1985

Preço 40\$00

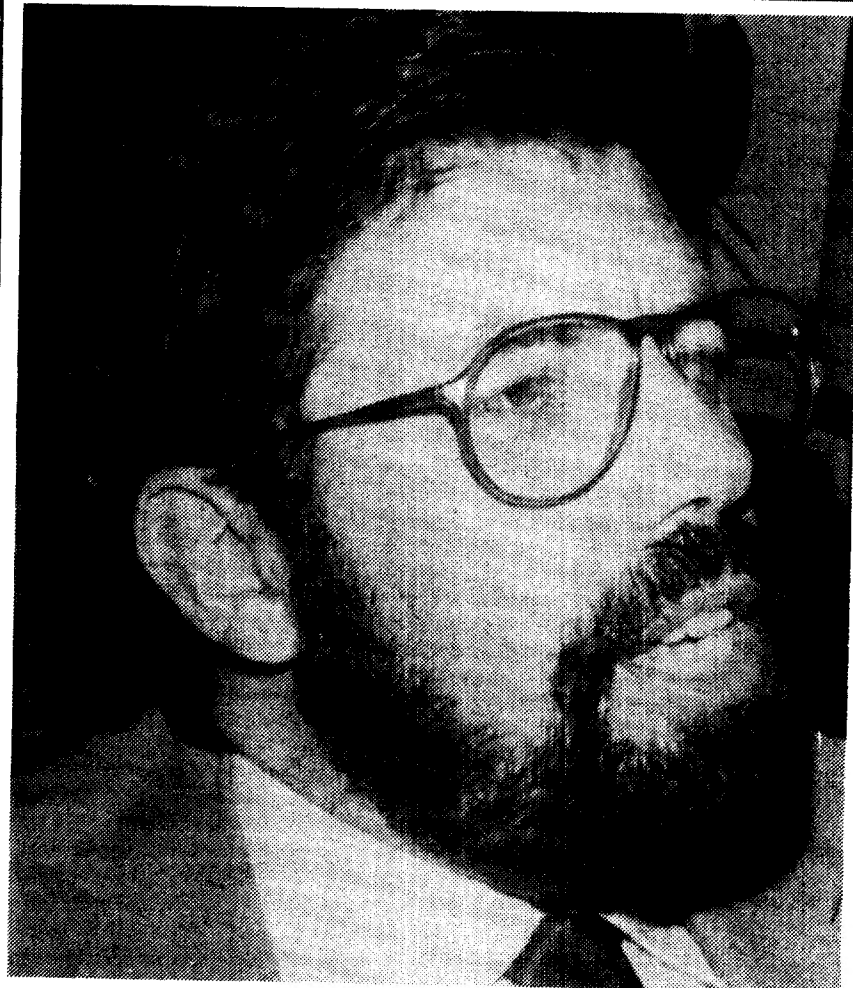
Alguns eram da mesma família

Catorze bombeiros mortos pelo fogo perto de Armamar

Catorze bombeiros de Armamar morreram carbonizados no combate a um pavoroso incêndio na serra do Freixial (Vila Nova) que em poucos instantes se estendeu a várias frentes. Regressavam ao quartel, por falta de meios, quando um raio os atingiu. Fontes de Armamar afirmaram ao «DL» que a morte dos 14 bombeiros, todos já identificados,

enlutou a vila e todo o concelho, em particular duas famílias, que entre eles perderam cinco irmãos. O comandante da corporação foi acometido de forte comoção, logo que teve conhecimento da tragédia. Dos 15 bombeiros que saíram para combater as chamas, apenas um se salvou.

Pág. 11



**Entrevista com
Lucas Pires**

Guerra PS/PSD lembra o boxe do Parque Mayer

«A luta entre PS e PSD faz-nos lembrar os combates de boxe do Parque Mayer, onde os golpes eram combinados entre os adversários», diz Lucas Pires em entrevista que hoje publicamos e com que abrimos uma série de conversas com dirigentes dos principais partidos.

Págs. 2 e 3

GARANTIMOS
RAPIDEZ E
EFICIÊNCIA



ESTACÃO DE SERVIÇO
PERMANENTE

☎ 88 27 86
89 98 26

A
MELHOR
ASSISTÊNCIA
TÉCNICA
AO SEU
TELEVISOR
E VÍDEO

18 ANOS AO SERVIÇO DA ELECTRÓNICA • SONORIZAÇÕES PARA TODOS OS FINS

AV. S. JOÃO DE DEUS, 13-B • R. DE MACAU, 8, 1.º — LISBOA

CAMPEONATOS NACIONAIS DE TÊNIS

PEDRO CORDEIRO: REEDITOU-SE O CAMPEÃO

**REPORTAGENS COM O PATROCÍNIO
EXCLUSIVO DA**



Royal

Convidámos para entrevistas, que contamos publicar antes do início da campanha eleitoral, dirigentes dos principais partidos concorrentes: o dr. Almeida Santos, o prof. Cavaco Silva, o dr. Álvaro Cunhal, o dr. Lucas Pires e o eng. Hermínio Martinho.

Ao PS, PSD e CDS, anteriores actos eleitorais conferem essa qualidade. Ao PRD, confere-a — mas estamos cientes de que é, ainda, uma hipótese por confirmar — o facto de a sua inspiração ser eanista, de reunir um grande número de antigos dirigentes de outros partidos, e de a sua vocação ser a de se tornar em mais um partido de implantação nacional. Que nos seja perdoadada esta presunção: é o interesse dos leitores que nos move, ao fazê-la.

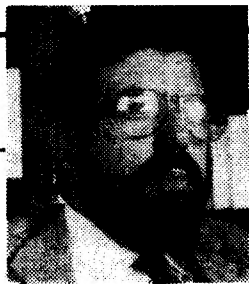
Conversar com dirigentes partidários no auge da pré-campanha é atravessar um terreno minado: eles vigiam mais do que nunca o seu discurso, seja porque ele tem de ser eficaz com vista às urnas, seja porque as suas defesas e tabus estão ainda mais despertas e activas, seja porque a tendência para a chuva de promessas os obceca e limita. São, por outro lado, discursos guerreiros, atravessados por algum furor, e por uma carga agressiva menos usual, quando a caça ao voto não se perfila no horizonte. Por isso, entrevistar dirigentes em pré-campanha tem o interesse de permitir clarificar muitos dos aspectos adormecidos das suas relações com os seus concorrentes. O período tem, assim, as suas vantagens, e defeitos. As entrevistas que publicaremos demonstrarão sem dúvida.

Todos falamos de crise: ela transformou-se mesmo numa espécie de novo deus da política. Falar sobre ela com os dirigentes dos principais partidos visa também esclarecer como lidam eles com ela. Há quem, entre nós, grite «Viva a crise»? Há quem assuma que nos condenamos a viver com ela? Ou todos são campeões da luta que a vencerá, todos indicam as vias contraditórias que nos evacuarão do labirinto em que a crise se transforma?

A cada um as suas verdades, as suas meias-verdades... e o resto. A cada leitor o juízo o comentário... e o voto.

«DL»

Entrevista com



Lucas Pires

Texto: José Manuel Saraiva

Fotos: José Tavares

O dinheiro não é nenhum mal

Lucas Pires garante que o CDS tem «fortes chances eleitorais»... Em entrevista concedida ao «DL», o jovem dirigente democrata-cristão diz que acredita na vitória (relativa) do seu partido, porque as únicas sondagens reais conhecidas lhe permitem concluir que o CDS atingiu já os 29 por cento em eleições intercalares para autarquias, realizadas nos últimos dois anos. Para Lucas Pires, Portugal é um país onde «cada aldeia foi construída à volta de uma igreja», e é também um país que mergulha numa das suas mais graves crises económicas das últimas décadas. Para a solução deste mal, o líder democrata-cristão propõe uma nova revisão económica da Constituição, acabar com as «conquistas irreversíveis» e pôr fim àquilo a que chama «Estado socialista». No final da entrevista, Lucas Pires faz uma revelação e uma promessa: se o CDS ganhar as eleições não controlará nem partidizará a RTP e outros meios de Comunicação Social do Estado.

«Diário de Lisboa» — Começo por lhe perguntar que diferença há entre o chamado neo-liberalismo (português) e a direita tradicional (portuguesa)?

Lucas Pires — Nós continuamos a ser democrata-cristãos. Do ponto de vista dos princípios achamos que Portugal é o país onde cada aldeia foi construída à volta de uma igreja. Há portanto uma forte e enraizada consciência global de base cristã e consciência cultural. Mesmo os que não são cristãos, foram formados dessa maneira, e, para nós, apesar de tudo, este é o ponto matriz fundamental. A nossa proposta económica é de facto uma proposta neoliberal, porque achamos que o país tem que viver da iniciativa produtiva das empresas num mundo crescentemente competitivo. Não podemos ter mais um país fechado. Temos que resolver os problemas na base da organização competitiva do trabalho e da economia. É por isso que nós somos liberais, e julgo eu que o país não tem alternativa para isto. Não é apenas por causa da CEE, é por causa de um mundo que se abre e se alarga. Nós dependemos do estrangeiro

como toda a gente sabe em muitas coisas, até em coisas que consumimos diariamente, como a sardinha e o bacalhau. O que nós precisamos é de ter dinheiro, produzir para pagar. Até agora não temos criado os mecanismos suficientes para pagar aquilo que importamos. Precisamos de uma estrutura competitiva. Nesse sentido nós somos neoliberais e é esta a ideia que preside ao nosso programa. Não somos também, como nomeadamente antes do 25 de Abril se era, corporativistas. Não somos. Não acreditamos nesse tipo de disciplina do Estado. Eu próprio escrevi, antes do 25 de Abril, um texto chamado «O Estado post-corporativo» onde já defendia as teses liberais que hoje defendo para o País. Depois da descolonização nós temos que voltar a sentir os nossos problemas como um desafio competitivo.

«DL» — Diz-se que o dr. Lucas Pires poderá ser, ou é já, o líder do neoliberalismo em Portugal, e que o prof. Freitas do Amaral é, por seu turno, o líder da grande direita portuguesa. Assim sendo, e porque existem dife-

renças concepcionais entre um e outro modo de estar na política, como concebe o dr. Lucas Pires o entendimento entre o prof. Freitas do Amaral (candidato à Presidência da República) e o CDS, cujo líder defende uma filosofia neoliberal?

Lucas Pires — Eu julgo que o programa do dr. Freitas do Amaral também vai genericamente nesse sentido. Ele tem afirmado, inclusive como candidato à Presidência da República, a vontade de liberalizar a economia, no sentido mais amplo.

Penso que as duas coisas perfeitamente coordenáveis, até politicamente. Repare que o prof. Freitas do Amaral, quando saiu da direcção do CDS disse que continuaria ao nosso lado. Eu próprio ganhei o 5.º congresso dizendo: «CDS mais Freitas do Amaral» e não «CDS menos Freitas do Amaral». Nessa altura muita gente não percebeu o alcance dessa fórmula, mas julgo que ela é hoje mais compreensível, digamos assim. Portanto não vejo nenhum problema neste relacionamento. A candidatura do

prof. Freitas do Amaral é autónoma, mas quem começou por dizer que o CDS só apoiaria as candidaturas que fossem autónomas fomos nós. Há naturalmente uma certa independência nas relações entre nós e o prof. Freitas do Amaral, que não são iguais às relações entre o dr. Mário Soares e o dr. Almeida Santos. A candidatura que nós apoiamos é uma candidatura não partidária, mas, repito, isso não nos põe qualquer problema.

«DL» — Quais são as principais novidades, se novidades há, no programa eleitoral de governo do CDS, além das generalidades que se conhecem e das banalidades habituais como é o caso da necessidade de revisão constitucional, permanentemente reclamada pelo CDS?

Lucas Pires — Não é uma banalidade. Pelo contrário, é fundamental a revisão constitucional. Nós não temos cassetes, somos por ventura o partido com menos cassetes, e até somos capazes de correr esse risco eleitoral por não termos cassetes. Mas insistimos na revisão constitucional porque ela é, no fundo, a cabeça disto tudo. O País continua a viver numa crise permanente. Ora, essa crise, tem uma origem estrutural, constitucional, e não é uma doença de pele, é antes uma doença fundamental do organismo colectivo em que vivemos. Nós temos um programa de governo com muitas novidades. Já apresentámos esse programa em público, mas posso citar-lhe algumas. Posso por exemplo dizer que consideramos fundamental, no campo da prática económica, desnacionalizar as empresas públicas nomeadamente aquelas que foram nacionalizadas depois do 25 de Abril de 1975: Temos empresas públicas cervejeiras, cimenteiras, na área dos minérios, em áreas que não têm qualquer motivação. Mas dizemos mais: essas desnacionalizações devem começar pela banca. Está aí um ponto em relação ao qual nenhum outro partido fala. O PSD continua a dizer que quer inviabilizar as empresas públicas. Sobre a Reforma Agrária nós dizemos que o Estado não deve ser proprietário de terras. O Estado deve vender as terras a quem as queira comprar depois de indemnizar os anteriores proprietários. Também mais nenhum outro partido o diz. O PSD só quer distribuir algumas terras, continuando porém a respeitar a ideia do limite da propriedade aos tais 70 mil pontos. É esta portanto, uma proposta política que ultrapassa essa limitação. Nós achamos que é fundamental substituir a ideia da Reforma Agrária pela ideia da empresa agrícola e não ter medo desse

pensamento mais ambicioso. No fundo o progresso é indivisível dizemo-lo em nome dos pobres que estão cada vez mais pobres. O dinheiro não é um mal. No fundo há aqui também uma dose de revolução cultural que é o que nós queremos propor. Como vê aí está uma proposta concreta: vender as terras da Reforma Agrária a quem as compre e depois de indemnizar os anteriores proprietários. No campo económico temos também uma política financeira e orçamental clara que consiste basicamente em três pontos: primeiro, transparência das contas públicas, segundo, o seu equilíbrio; terceiro elaboração do orçamento por objectivos.

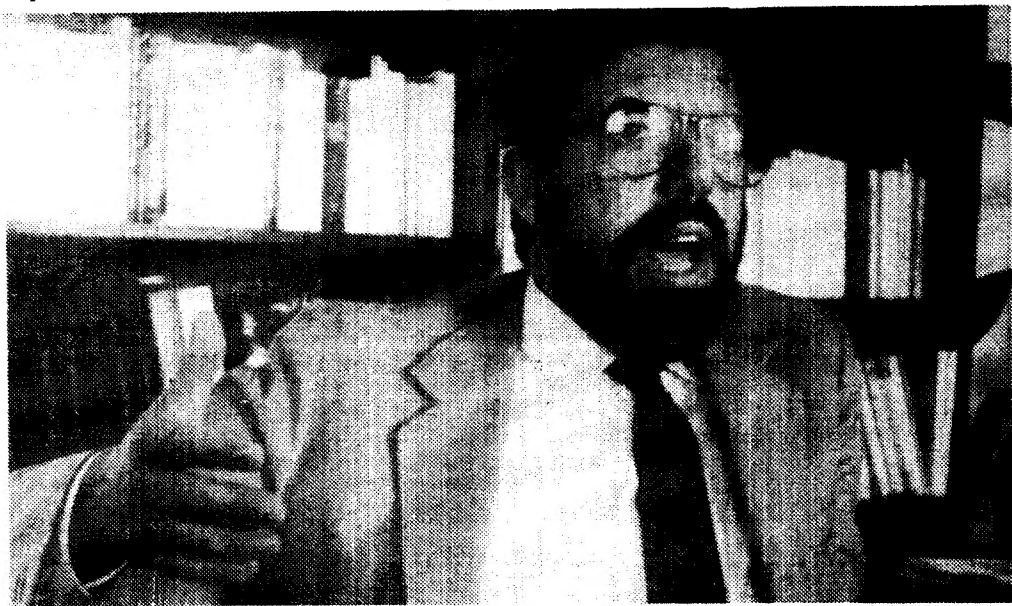
É preciso haver prioridades. Saber naquilo em que se vai gastar dinheiro e saber naquilo em que se vai cortar na despesa. Não é isso que tem acontecido. Outra novidade: parar a desvalorização deslizante do escudo. Aquilo que se ganha com a desvalorização deslizante do escudo, em competitividade externa, perde-se em inflação interna, e isto porque a desvalorização faz aumentar o custo de redução daquilo que exportamos, e faz perder competitividade. O que fazemos entrar pela porta sai pela janela, e isso não pode continuar.

Queremos também, neste aspecto da política económica, flexibilizar as leis do trabalho, alterar a política do crédito nomeadamente dando acesso directo, às empresas portuguesas, ao crédito externo. Nós queremos, no campo do ensino, contribuir para o aumento dos custos da Educação e um maior autofinanciamento do Ensino Superior através do cheque-escolar e da bolsa-empréstimo que serve aliás ao estudante para escolher o seu estabelecimento de ensino. No fundo é o estudante que recebe o dinheiro.

«DL» — O PS e o PSD estão já a fazer as suas campanhas eleitorais em torno dos seus mais destacados dirigentes e líderes, chamados «candidatos a primeiro-ministro» — essa nova figura institucional, desconhecida até agora. O CDS não irá ter também o seu «candidato» à chefia do Governo, ou não vê nisso grande necessidade por saber que estão para si longe as metas da vitória eleitoral, ou porque julga politicamente ridícula a invocação dessa nova condição institucional atribuída aos cabeças de cartaz políticos partidários?

Lucas Pires — Nós achamos perfeitamente bem a figura do candidato a primeiro-ministro. Só que há aqui dois casos diferentes: evidente que o líder do partido é o candidato a primei-

Continua na pag. 3



O sector público tem servido de coutada aos partidos no poder. Ele desempenha o papel que os territórios dos suseranos tinham na Idade Média

ro-ministro. Isso não acontece em todos os países. Por exemplo, em Itália, o líder do partido não é forçosamente o candidato, mas em Portugal é, normalmente, assim. Portanto, o CDS tem um candidato a primeiro-ministro, que é o líder do partido. As pessoas só agora repararam na utilidade da proposta de «candidato a primeiro-ministro» porque o Partido Socialista separou realmente a condição de líder da condição de candidato. Separou essas duas qualidades. Ora, nos outros partidos, essas qualidades não estão separadas, estão reunidas. Segundo ponto, acho que o CDS tem fortes chances eleitorais. Nós sabemos que os maiores partidos se aproximaram uns dos outros em termos de expectativa eleitoral. Enquanto nas últimas eleições houve uma grande diferença entre o primeiro e o quarto, agora há uma muito maior proximidade entre os quatro grandes partidos. Acredito sinceramente que o CDS possa ser o partido com mais votos, com uma maioria relativa.

É esse o nosso objectivo eleitoral. Vamos combater por isso com todos os meios, forças e energias. A única sondagem real e verdadeira que houve até agora que foi de facto a das eleições locais durante os dois últimos anos, deu-nos 29 por cento dos votos. Somos o partido mais votado. Isto não foi numa aldeia. Foi em 66 localidades, cobrindo um espectro de 150 mil eleitores. É certo que as condições políticas se modificaram com o fim do bloco central, mas o fim do bloco também não é tão evidente como isso. Primeiro, porque o PSD e o PS continuam a fazer acordos para as autarquias locais, ora para derrotar o CDS, ora para derrotar a APU; em segundo lugar porque o Governo PS/PSD continua a existir; em terceiro porque o poder PS/PSD continua e continuará a existir na Televisão, na banca onde têm sido sistematicamente saneados os gestores do CDS, por exemplo, nas administrações. O bloco central continua a existir ao nível dos mecanismos fundamentais do regime, no Conselho de Estado; nas maiorias do bloco central. Por outro lado, este espectáculo de obsessão mútua que o PS e o PSD estão a ter, não lhes permite sequer ver os problemas do País. Significa, de algum modo, um espectáculo de desculpabilização recíproca sobre as suas responsabilidades. Uma condução da política do país dos últimos tempos. É uma mistificação, um espectáculo que favorece os dois, embora se ponham um contra o outro. Faz-nos lembrar os combates de boxe no Parque Mayer que eram combinados entre os parceiros. Há aqui qualquer coisa de artificial. O bloco central continua a existir em grande parte e o que os separa são, tanto quanto se sabe, apenas nove medidas. Volto a insistir: o CDS quer ganhar as eleições e julga que as pode ganhar.

«DL» — Acha que os resultados das legislativas influenciarão, de algum modo, as eleições para a Presidência da República? Podem eles, no seu entendimento, levar ao



- Se calhar foi para evitar o apoio ao prof. Freitas do Amaral que o PSD não quis fazer listas conjuntas com o CDS.
- O fim do bloco central não é tão evidente como isso: o bloco PS/PSD continua para as autarquias, continua na RTP, continua na banca... É uma verdadeira obsessão mútua.
- Ganhei o quinto Congresso dizendo «CDS mais Freitas do Amaral» e não «CDS menos Freitas».

aparecimento de novos candidatos ou à desistência de outros, que hoje conhecemos?

Lucas Pires — Julgo que influenciarão as eleições para a Presidência da República e sempre julgámos isso. Nós dissemos sempre que ia haver três eleições seguidas no fim de 1985 e que todas tinham a ver umas com as outras. Ou há mudança e essa mudança começa logo nas legislativas, ou não há mudança. Portanto, nós temos que começar a fazer essa mudança já. Julgamos que estas eleições são fundamentais. Aliás, a Igreja, pela voz do senhor D. José Policarpo, disse justamente isso: que estas eleições seriam as mais importantes desde 1975. Sem dúvida que são eleições muito importantes e que ajudarão a enquadrar as outras duas.

«DL» — Se o CDS vier a ter sensivelmente a mesma percentagem de votos que teve nas eleições anteriores, estará em condições de negociar com o PSD o apoio a Freitas do Amaral?

Lucas Pires — Não somos

nós que negociamos o apoio que o PSD possa dar ao prof. Freitas do Amaral. Esse apoio é negociado directamente entre o PSD e o dr. Freitas do Amaral. É evidente que se tivesse havido listas conjuntas, as coisas eram de outra maneira.

O apoio ao dr. Freitas do Amaral era quase automático, resultante dessas listas conjuntas. Se calhar foi por isso que o PSD não aceitou as listas conjuntas pois ele sabia que se se formassem o apoio ao dr. Freitas do Amaral era praticamente automático.

«DL» — O dr. Lucas Pires já falou das propostas que o seu partido vai apresentar ao eleitorado. Peco-lhe, no entanto, que me responda, muito sinteticamente: que país deseja o CDS para Portugal?

Lucas Pires — O CDS deseja um país aberto, cujo motor de desenvolvimento seja a iniciativa privada e deseje um país moderno, ágil e rico. Acreditamos que isso é possível.

«DL» — Portugal atravessa uma grave crise económica.

Há uns anos, alguns sectores da sociedade portuguesa, designadamente o CDS, diziam que o país não evoluía por causa dos militares que estavam agarrados ao poder. Mais tarde, extinto o Conselho da Revolução, os mesmos sectores, e uma vez mais o CDS, clamavam que Portugal não sairia da crise em que se encontrava mergulhado, enquanto não fosse feita a revisão económica da Constituição. Feita, em parte, a revisão económica, a situação do País agravou-se, continua a agravar-se dia a dia, e eis que de novo se pede uma nova revisão da Lei Fundamental, que o remédio está aí. Não lhe parece que por este caminho corremos o risco de deixarmos qualquer dia de ter uma Constituição, por serem tantas as revisões feitas?

Lucas Pires — Só há aí um engano na pergunta: é que não houve nenhuma revisão económica da Constituição. Houve uma revisão da Constituição, mas não foi da parte económica. Ela continua exactamente na

mesma: com as conquistas irreversíveis, com intervenção ilimitada do Estado.

«DL» — Abriu-se ao sector privado...

Lucas Pires — De modo nenhum, de modo nenhum. Há sim duas leis que interpretam a Constituição sobre a abertura de sectores, mas não são leis que acabem com as conquistas irreversíveis.

«DL» — O mal é das conquistas irreversíveis?

Lucas Pires — As conquistas irreversíveis continuam sólidas do ponto de vista político e jurídico.

«DL» — A solução para esta crise é portanto acabarem-se definitivamente com as conquistas irreversíveis?

Lucas Pires — Sim. Infelizmente a revisão foi concentrada sobre o aspecto político, sobre os poderes do Presidente, sobre a extinção do Conselho da Revolução. É evidente que houve aí um grande avanço, que foi a desmilitarização do regime e o afastamento do Conselho da Revolução. Simplesmente, do ponto de vista económico, não houve avanço nenhum. Continua a haver o monopólio da Televisão do Estado, por exemplo, continua a haver um Estado que se arroga quase monopólio do Ensino, mesmo em termos constitucionais continua a haver a ideia de que todos os mecanismos sociais desde a Saúde à Educação, Informação só podem ser administrados pelo Estado. Continua a haver a Reforma Agrária, a haver as nacionalizações, tudo isso continua a estar na Constituição. O intervencionismo do Estado não foi afastado: houve na verdade uma pequena abertura, mas o que nós dizemos é que não basta abrir uma janela ou pequenos orifícios fisiológicos na construção do Estado socialista. É preciso mais do que isso: é preciso uma nova construção baseada na iniciativa privada e com objectivos de se construir em Portugal uma sociedade de mercado livre.

«DL» — Qual é então a solução para a crise, na perspectiva do CDS? A sua resolução passa pela revisão económica da Constituição?

Lucas Pires — Passa pela desnacionalização das empresas públicas e pela diminuição do sector público e pela eliminação ou redução de todo o Estado socialista que temos, e que é de facto o Estado mais socialista da Europa ocidental. Só poderemos resolver esta esclerose diminuindo a intervenção do Estado.

«DL» — A comunicação social tem estado, nos últimos tempos, na ordem do dia. Da UDP ao PDC, passando por todos os grandes e pequenos partidos, caem queixas contra a comunicação social do Estado, designadamente a RTP. O CDS também se tem queixado. Acha que o controlo, ou a tentativa de controlo da Informação, é uma fatalidade universal ou há possibilidades de se corrigir este terrível sentimento de cobiça pelos meios de comunicação de massas?

Lucas Pires — Quanto mais socialista é um país mais controlo de Informação há. Aliás, há um célebre livro escrito em

França contra o poder socialista chamado a «Nova censura», em que se afirma que o poder socialista e social-democrata tem formas subtis no domínio da Informação. O PS e o PSD guardaram alguns tiques do PC e um dos tiques que guardaram foi o do controlo da Informação. Há várias formas de fazer esta análise: veja as filiações partidárias dos principais responsáveis dos órgãos de comunicação social do Estado. Diz-se muitas vezes que a imprensa estatizada critica o Governo. Pois critica. Mas é verdade uma coisa. Não há nenhum jornal estatizado, nem pode haver, que durante uma semana a fio, por exemplo, critique sistematicamente o Governo. Pode fazer uma crítica avulsa para dar prova da sua independência, pode procurar uma distância momentânea. Nós achamos que a única forma de destruir a manipulação, que é uma forma também de corrupção, é de facto uma informação livre. Em Portugal há outros vícios informativos, que consiste em substituir-se permanentemente a informação pela agitação, pelo panfletarismo, pela intriga, que falsifica e deturpa permanentemente certas declarações. Todos os dias somos incomodados pelos jornais que noticiam coisas que não correspondem ao que dissemos.

DL — Uma última pergunta. Se o CDS amanhã fosse governo não partidaria a Televisão nem quaisquer outros meios de comunicação social do Estado?

Lucas Pires — Garanto-lhe inteiramente essa despartidarização.

«DL» — Nunca o CDS os controlaria?

Lucas Pires — Não. Eu acho que uma das coisas mais graves do país é a partidarização. Não apenas da RTP, também da banca...

«DL» — O CDS tem os seus gestores na banca, que ficaram dos tempos da AD...

Lucas Pires — Não tem, não...

«DL» — Se não tem, já teve, e bastantes...

Lucas Pires — Filiados no CDS, neste momento, na banca, há talvez dois, se tanto, se tanto. E pode haver gestores do CDS que sejam óptimos gestores. Isso não tem nada a ver. O problema é que tem havido uma marginalização propositada desses gestores, nesse e noutros domínios. Nós achamos que este é um dos problemas mais graves. É o problema de o sector público servir de cortina para a influência política dos partidos do poder. Desempenha o papel que para aí, na Idade Média, desempenhava os territórios dos suseranos. Basta dizer que cerca de 80 por cento do número de gestores bancários, segundo diz um relatório do Banco Mundial, são designados por puros motivos partidários. As pessoas às vezes querem arranjar um emprego e então vão filiar-se no partido para isso. É esse um dos dramas que há na democracia portuguesa, e que resultado do excesso da presença do Estado. Porque é que no fundo o PS e o PSD não podem alterar esta situação? Porque quando alteram esta situação perdem as eleições.

A candidata presidencial **Maria de Lurdes Pintasilgo** disse em Vila Praia de Âncora, concelho de Caminha, que se é urgente transformar o mundo de ideias dogmáticas em propostas válidas e realistas para o futuro do País.

Lurdes Pintasilgo falava num convívio com apoiantes da sua candidatura, tendo afirmado: «É imperioso criar um clima novo, um clima de confiança e de firmeza para acabar com o medo que de alguma forma se tem instalado na consciência dos portugueses».



O partido «Os Verdes» vai privilegiar os contactos de rua com a população na próxima campanha eleitoral, disse uma fonte partidária.

«Os Verdes» fizeram ontem em Lisboa uma reunião nacional de militantes com o objectivo de estabelecer orientações para a campanha eleitoral e a elaboração do seu manifesto. Um cartaz do qual sobressai a frase «amar verde, pensar o futuro», colorido a amarelo e verde, e um apelo ao voto na APU começa a ser colocado segunda-feira nas paredes da cidade.

CERCA de 150 pessoas reúnem-se em Lisboa a partir de hoje para «combater o comunismo e o ateísmo» e esperam fazê-lo «bem e certo», durante uma conferência de dois dias do Conselho Internacional de Segurança (ISC).

A declaração foi feita pelo pastor protestante tenente-general (na reserva) Thomas Rienzi, na invocação (oração) que precedeu o jantar inaugural da conferência do Conselho.



A redução drástica das despesas militares a renegociação da dívida externa e amplo debate público sobre a presença de Portugal na NATO foram defendidas no sábado pelo PSR na sua conferência regional de candidatos.

«Portugal gasta em despesas militares quantias perfeitamente desproporcionadas face aos problemas reais que tem e que são, entre outros, o desemprego, a habitação e saúde», disse à NP a cabeça de lista pelo distrito do Porto, Alda Maria Sousa.

O Repúdio da dívida externa e a revogação do acordo de adesão à CEE são os pontos principais do manifesto eleitoral do PCTP/MRPP aprovado no encontro nacional de candidatos daquele partido às próximas eleições legislativas.

A eleição de **Arnaldo Matos** para o Parlamento foi considerada como o objectivo principal por Carlos Paisana, membro do comité central.



PS apresenta hoje programa eleitoral

O líder socialista Almeida Santos apresenta hoje à tarde o programa de Governo do PS, preparado para a campanha eleitoral que se inicia no próximo sábado. Entretanto, hoje de manhã esteve reunido com o Primeiro-Ministro e com os candidatos a deputados do PS, para lhes apresentar o documento.

O programa foi preparado por uma equipa coordenada por Almeida Santos e na qual tiveram papel de destaque o seu chefe de gabinete, José António Barreiros e o secretário de Estado dos Assuntos Parlamentares, António Vitorino.

É, afirma-se, um programa

para o «ciclo da modernização» da vida portuguesa, depois de ultrapassado o «ciclo de recuperação».

Entretanto, ontem, em Évora, o cabeça de lista do PS e responsável pela Lei da Reforma Agrária, António Barreto, defendeu a suspensão da

entrega de reservas durante o período da campanha eleitoral. Para Barreto, também deveriam ser suspensos os despejos dos pequenos e médios agricultores.

Na sua perspectiva, e de futuro, o projecto para a Reforma Agrária passa pela «estabilização» da situação relativamente à posse da terra, nomeadamente através do fim das expropriações.

António Barreto e os restantes candidatos do PS por Évora visitaram no sábado a Cooperativa do Caborro e um agricultor

privado.

Da Cooperativa disse que ela foi exemplar porque respeitou a Lei e entregou as reservas marcadas. Mais, adiante, reconheceu que «se alguém não respeitou alguma coisa foi o Estado e o Governo». Barreto criticou, mesmo assim, o facto de a Cooperativa ter sido «beliscada com demarcações de reservas».

«O Governo não sabe distinguir entre quem trabalha a terra e aqueles que nada fazem», afirmou o ex-ministro.

MDP considera possível formar Governo de centro-esquerda

O dirigente do MDP/CDE, António Galhordas, disse, ontem, em Lisboa, que «é possível formar um governo de centro-esquerda» após as próximas eleições legislativas.

António Galhordas, que falava numa conferência de Imprensa no final do Encontro Nacional do MDP/CDE, especificou que esse governo seria integrado «pela APU, pelas forças que se reclamam do socialismo democrático e da social-democracia e outras forças democráticas».

O dirigente do MDP/CDE considerou que «estão criadas as condições favoráveis para uma viragem democrática» e que o Governo nasceria «dessa viragem democrática».

Instado a explicar como seria possível ao MDP poder estar

num Governo com forças políticas que defendem modelos económicos antagónicos ao do partido, o dirigente do MDP/CDE, Mário Casquilho, afirmou que o seu partido «não pretende prejudicar a iniciativa privada».

Mário Casquilho esclareceu que o modelo de «desenvolvimento estratégico» do MDP/CDE «valoriza a política do sector empresarial do Estado» como «motor de arranque da iniciativa privada».

Mário Casquilho afirmou que as próximas eleições «vão condenar» a política «que foi praticada» anteriormente e que por esse motivo «um novo Governo terá de ter uma maior base social».

António Galhordas esclareceu que a estratégia eleitoral do

MDP/CDE irá ser dirigida «contra a bipolarização da vida política portuguesa», que, na sua opinião, está a ser conduzida pelo PSD e CDS.

Argumentou que a «forma de lutar» contra essa bipolarização está na proposta de Governo que o MDP/CDE apresenta.

Para o MDP/CDE, nas palavras de António Galhordas, foi «um acontecimento positivo» o aparecimento do PRD.

«Ele veio preencher um vazio que se criou na vida política», afirmou, acrescentando no entanto que «ele é distinto do MDP/CDE».

António Galhordas referiu ainda que «o MDP/CDE é contra a pessoalização que se está a fazer em torno de dirigentes dos partidos».

Especificou os casos de Al-

meida Santos e de Cavaco Silva, afirmando que essas personalizações «escondem as verdadeiras questões que afectam o povo português».

O encontro nacional do MDP/CDE, ontem realizado em Lisboa, foi convocado para discutir a estratégia eleitoral actual e a estratégia futura do partido.

António Galhordas afirmou que sobre este último aspecto tinha sido elaborado um documento de «estratégia de uso interno».

O dirigente do MDP/CDE explicou que «a delegação distrital de Braga não esteve presente na reunião, nem deu qualquer explicação sobre a sua ausência».

«O assunto será discutido internamente» — acrescentou.

Arcebispo de Braga contra «instrumentalização da Igreja»

«A Igreja Católica não pode ser instrumentalizada em favor de quem quer que seja, por mais vivência cristã que possua um candidato e mais harmonia com a sua doutrina se encontre num programa político». É uma afirmação do arcebispo de Braga, D. Eurico Dias Nogueira, pronunciada durante a homilia da missa celebrada por ocasião da peregrinação anual ao santuário da Penha, em Guimarães.

Mais uma vez D. Eurico fala de política nas suas homilias, para dizer que «a Igreja não toma posição nem aponta rumos» e «não tem partido, nem projecto político, nem apadrinha candidatos».

Mas logo a seguir D. Eurico aponta um rumo, dizendo que os cristãos ao votarem num partido ou num candidato «devem ter em consideração o respeito dos projectos de um e outro pelos princípios do Evangelho que a Igreja defende».

D. Eurico diz que «seria incoerente darem os cristãos o seu voto a quem não respeita o essencial da doutrina da Igreja ou mesmo tem em vista subverter a ordem cristã e abafar a sua voz por lhes parecer incómoda».

Adianta ainda que «aos eleitores cristãos a Igreja apenas pede que votem, não se deixando dominar pelo abstencionismo, por descrédito do sistema. Mas votem bem, não obstante a confusão gerada pelos militantes políticos».

Lembrou também o arcebispo que «os maus democratas geram os ditadores» e, aludindo aparentemente aos últimos acontecimentos políticos, afirmou que se exige que os governantes sejam «mais comedidos no falar e promter e mais solícitos e generosos no agir: batam mais no próprio peito e menos no alheio».

Letria pode comprar «Primeiro de Janeiro»

Continuação da pág. 1.

que essa hipótese não passa de «mera possibilidade de consideração». Falhada uma tentativa de contacto com o porta-voz do Presidente da República, o «DL» soube junto de uma fonte

próxima de Joaquim Letria que isto não é de facto «nenhuma especulação», embora não haja nada de concreto. Se se concretizar tal hipótese, ela só se verificará no termo das funções que

aquele jornalista desempenha nestemomento. De acordo com a NP, Letria considerou que «é um estimulante desafio recuperar e pôr no são um dos mais prestigiados títulos da Imprensa

portuguesa». Recorde-se que Joaquim Letria vendeu recentemente as acções que possuía no «Tal e Qual» e «O Jornal», semanários que ajudou a criar e a fundar.

"É preciso um Governo com verdadeiros patriotas"

«Nós não propomos um governo com Mário Soares, nem com Cavaco, nem com Almeida Santos, nem com Lucas Pires. Propomos sim, um governo com verdadeiros patriotas, dispostos a pôr de lado rivalidades, interesses, querelas mesquinhas e ambições pessoais e a juntar os seus esforços numa grande obra democrática, nacional e patriótica», acentuou Álvaro Cunhal no comício de encerramento da Festa do «Avante!», ao defender uma vez mais a tese do PCP de formação de um governo democrático de salvação nacional.

Foi um dos pontos mais aplaudidos pela vasta multidão presente no comício. Começou o secretário-geral do PCP por sublinhar que a sua proposta não se refere a um governo de coligação partidária mas de «junção de vontades, capacidade e competência de portuguesas e portugueses, qualquer que seja o quadrante político em que se têm situado, decididos a fazer Portugal sair do atoleiro da crise a que foi conduzido por 9 anos de processo contra-revolucionário».

O PCP «não quer nem nunca quiz ir para o Governo contra a vontade do povo», acrescentou Álvaro Cunhal para reafirmar que se o povo o quiser «não será Soares nem Cavaco, nem Lucas Pires, nem o governo americano, nem os governos da CEE que impedirão que o PCP vá para o governo e que no governo ataque e resolva os gravíssimos problemas provocados por 9 anos de política de direita do PS, do PSD e do CDS».

A acção do Governo de gestão, a «exorbitar» de funções do domínio das empresas públicas e na distribuição de benesses e cargos pelas suas clientelas políticas foi ainda visada no discurso do líder comunista, rodeado no palco principal da festa pelos representantes de quarenta delegações estrangeiras (incluindo o director do «Humanité», Leroy) e pelo CC do PCP.

Um «apelo particular» foi então feito por Cunhal aos trabalhadores da Reforma Agrária, das empresas nacionalizadas e aos pequenos e médios agricultores e rendeiros para que a ofensiva do Governo seja travada e não avance «um milímetro que seja». Prometeu ainda luta «até ao último minuto» pela exoneração de Soares e do seu Governo. «Se não for para a rua antes, por decisão do órgão de soberania a quem compete tomar tal decisão, então que vá para a rua como resultado das eleições de 6 de Outubro, ou seja, por uma votação em massa na APU», disse ainda.

«Dólares e marketing»

E a propósito das eleições, considerou que Soares «sem

coragem de olhar de frente o eleitorado, faz por que esqueçam que é ainda primeiro-ministro, foge ao debate sobre a desastrosa situação a que a sua política e o seu Governo conduziram o País e faz afixar em todas as esquinas comercialmente e a peso de escudos ou de dólares, o seu retrato emoldurado, dando aliás a oportunidade ao povo português de lhe lembrar que se conseguiu alguma coisa foi destruição, fome e miséria».

O dirigente comunista referiu-se ainda a Almeida Santos e à sua campanha como «candidato a primeiro-ministro» dizendo que «pelo que se vê parece estar a receber lições e conselhos de 'marketing' corre o risco de qualquer dia estar preparado para anunciar um qualquer 'after shave'».

Sobre Cavaco Silva: «... esse pretende que o povo esqueça que, nos últimos nove anos, o PSD esteve no governo mais de 6 anos e teve 58 ministros e 139 secretários de Estado, desgovernando durante largo tempo as pastas das Finanças, da Agricultura, da Indústria e do Comércio».

«Quanto ao CDS — disse Álvaro Cunhal — que esteve anos inteiros no governo tanto com o PSD como com o PS, e apoiou e aprovou tudo o que houve de pior no Governo PS/PSD vem afirmar que nada tem a ver com a política após o 25 de Abril.»

E depois de salientar que «ninguém quer ter culpas no cartório», assinalou que «a maior diferença é que o CDS e o PSD expõem com clareza os seus objectivos e o PS tem ainda uma certa vergonha em confessar que adoptou e que pretende precisamente os mesmos».

As propostas eleitorais do PCP no âmbito da APU, a necessidade de que «nem um só voto do PCP e da APU» deve deslocar-se para o PRD e a reafirmação de que quanto a presidenciais o PCP só falará depois de 6 de Outubro, foram temas ainda da longa intervenção de Álvaro Cunhal.

«Milhão e meio de horas...»

Antes de Álvaro Cunhal, usou da palavra o director do «Avante», Dias Lourenço, que sublinhou ser a iniciativa do órgão central do PCP «um mi-

crocosmos da acção multiforme dos comunistas». Dias Lourenço fez um balanço das realizações desta 10.^a festa do «Avante» referindo-se designadamente à V Bienal de Artes Plásticas, com 130 obras de 45 artistas de 28 países, e aos espectáculos, este ano dedicados «à canção portuguesa e aos músicos e cantores de Abril».

«A Festa do «Avante!» dá muito trabalho», disse Dias Lourenço, que afirmou terem sido necessárias à realização das suas dez edições «11 mil jornadas voluntárias de trabalho individual e mais de milhão e meio de horas de trabalho».

Nas últimas semanas milha-

res de camaradas e amigos do PCP estiveram aqui em jornadas de trabalho voluntário e cerca de 1500 passaram aqui as suas férias, trabalhando no duro», disse ainda.

Disse também que a festa do «Avante!» deste ano «foi uma nova e grande prova de militância, da capacidade de organização e da engenhosidade dos comunistas».

«Os oráculos da reacção que tomam por realidades os seus desejos de quebra de militância nas fileiras do PCP têm aqui uma interessante resposta», concluiu Dias Lourenço. (Mais noticiário sobre a festa na página 28 desta edição).



FORMADORES

A Comissão Nacional de Aprendizagem vai seleccionar formadores para ministrar formação tecnológica nos cursos de Aprendizagem em regime de alternância

EXIGE-SE

- Habilitações técnicas e/ou experiência profissional, nas áreas de:

INFORMÁTICA
ELECTRÓNICA
METALOMECÂNICA
AGRO-ALIMENTAR
SERVIÇOS

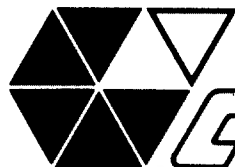
- Competência a nível técnico-científico
- Competência a nível pedagógico (como factor preferencial)

OFERECE-SE

- Retribuição compatível com as funções a desempenhar
- Acesso às regalias e meios de segurança social
- Apoio técnico, material e documental
- Possibilidade de acesso aos meios de informação e formação necessários ao exercício das funções

Informe-se na sua Empresa
ou nos Centros de Emprego
do Instituto do Emprego
e Formação Profissional

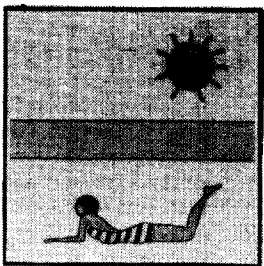
Inscrições de 2 a 13 de Setembro



COMISSÃO
NACIONAL
DE APRENDIZAGEM

INSTITUTO DO EMPREGO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

NÃO entre na água
após demorada
exposição ao sol



Só vitória do CDS afasta PCP do Governo

— considera Lucas Pires

Discursando ontem na Tocha, concelho de Cantanhede, Lucas Pires disse que enquanto o PS e o PSD governarem Portugal o Partido Comunista pode voltar ao Governo. O dirigente centrista, que falava durante uma festa comemorativa da elevação da Tocha à categoria de vila, afirmou ser necessário que o CDS ganhe as próximas eleições para que «Álvaro Cunhal deixe de ser o pai da revolução democrática portuguesa».

Sempre acompanhado pela mulher, Lucas Pires comeu sardinhas assadas e febras no arraial com que a Tocha assinalou a sua elevação a vila. Antes de partir da Tocha, o líder do CDS afirmou que o seu partido não precisa de dizer que é o partido dos trabalhadores para ter a dignidade de proclamar que «eles foram espoliados pelo PCP, PS e PSD».

Lucas Pires, reafirmando que as eleições de 6 de Outubro são

«decisivas para os portugueses encontrarem uma alternativa», sublinhou que «para se poder trabalhar em Portugal não falta passar a fronteira com a Espanha, mas a fronteira do socialismo».

Sustentou, ainda, que os combates entre o PS e o PCP fazem-lhe lembrar os combates de boxe do Parque Mayer, «onde — disse — quem ganhava era o empresário que os organizava».

Manuel Queiró, cabeça de lista do CDS pelo círculo de Coimbra, disse na Tocha que «é preciso dar uma chance a quem ainda não teve um primeiro-ministro: o CDS».

«É preciso armajar uma alternativa àquilo que falhou. O «bloco central» falhou e de que vale arranjar uma alternativa que não seja mais do que um pedaço desse mesmo bloco?», interrogou.

A esposa de Lucas Pires, Teresa Almeida Garrett, vai participar na campanha do CDS, cujo início coincide com o dia do 41.º aniversário do líder do partido, disse à NP uma fonte centrista.

Da Tocha, Lucas Pires seguiu para Tavarede, Algueirão e Paião, no concelho da Figueira da Foz, e finalmente para Montemor-o-Velho.

Visita a Castelo Branco

Eanes defende descentralização

O Presidente da República afirmou ontem, em Sarzedas, que chegou a altura de «dizer a verdade, fazer a descentralização e dotar o interior de projectos de desenvolvimento devidamente apoiados». Ramalho Eanes, ao concluir uma visita oficial de dois dias ao distrito de Castelo Branco, disse num improviso ser necessário acabar as visitas do «traz o cheque ou traz

benesses, e passar a acções práticas».

Sobre a situação das populações do interior, afirmou ser altura de exigirem que o poder central «defina com clareza quais são as suas competências e quais as do Poder Local».

A descentralização será um factor de desenvolvimento local «fixando quadros e trabalhadores assalariados e invertendo

assim uma tendência ancestral que tem agravado a dependência aos grandes centros do litoral, em vez de estimular o enriquecimento próprio de cada região», afirmou Ramalho Eanes.

A visita do Presidente da República realizou-se a convite da Câmara Municipal de Castelo Branco, cujo presidente, César Vila Franca, é do PSD.

Em seminário do IPSP

Cavaco Silva acusa PS de querer alianças com o PCP

O líder do PSD, Cavaco Silva, voltou a acusar o Partido Socialista de querer fazer alianças pós-eleitorais com os comunistas. Falando aos candidatos a deputados do seu partido, no encerramento de um seminário promovido pelo IPSP — Instituto Sá Carneiro, Cavaco Silva disse que «tudo indica que o PS terá de fazer algum tipo de entendimento com o Partido Comunista no período pós-eleitoral».

Isto porque «o PS não explicou ainda quais as suas intenções em termos de alianças pós-eleitorais e, como não se vislumbra a possibilidade de vir a alcançar a maioria absoluta, terá de recorrer ao apoio do PCP».

No mesmo discurso, proferido no sábado em Sintra, o actual líder do PSD fez também as habituais promessas eleitoralistas.

Assim, garantiu que, caso o seu partido ganhe as eleições, ele irá aumentar no próximo ano o poder de compra dos salários e diminuir a carga fiscal sobre os rendimentos do trabalho. Aproveitou, ainda, para criti-

car a política económica seguida nos últimos anos pelo Governo, de que, aliás, os sociais-democratas também fazem parte, apontando três erros essenciais: atraso de ano e meio na descida do preço do crédito para as empresas, queda brutal do investimento do Estado e forma tardia como se alterou o financiamento do Estado.

Cavaco Silva considerou ainda que o PS pretende atirar poeira para os olhos dos portugueses quando acusa o PSD e os governos da AD, em que este maioritário, de responsável pela crise económica e, principal-

mente, pelos desequilíbrios financeiros.

Segundo disse, eles deveram-se principalmente às dificuldades criadas pelo dólar, pela seca e pela existência do Conselho da Revolução.

Acusou também Mário Soares de ter falhado das três vezes em que esteve à frente do Governo, pois limitou-se sempre a fazer o que era mais fácil: «aplicar a austeridade e impor restrições aos portugueses».

Aos candidatos do seu partido, Cavaco Silva aconselhou especial atenção aos cerca de trinta por cento de eleitores ainda indecisos e os que, em determinadas zonas, têm votado PS, CDS ou mesmo APU.

Sobre a política de alianças do seu partido, Cavaco Silva garantiu que só formará coligação caso não obtenha a maioria absoluta e só com o CDS que não impediu que «o projecto executado pela Aliança Democrática fosse predominantemente social-democrata».

Hermínio Martinho na Figueira da Foz

PRD é a verdadeira alternativa

«O PRD é a verdadeira alternativa, mas não a única. Estamos em democracia e não queremos ser os únicos, mas queremos ser diferentes», afirmou ontem o leader do PRD, Hermínio Martinho, durante a cerimónia de inauguração da sede deste partido na Figueira da Foz.

Aquele dirigente acrescentou que uma das coisas que começou a arrastar o actual Governo foi colocar-se como única alternativa. Salientou também que o PRD não apareceu contra os outros partidos «mas surgiu pela sua incapacidade e por eles não corresponderem na prática» e que «só será possível ultrapassar a actual situação através do trabalho».

Hermínio Martinho afirmaria também que «os mimos que estão a ser trocados entre os «leaders» partidários são uma vergonha e os insultos ultrapassam tudo o que a dignidade hu-

mana permite».

O dirigente do partido eanista, sublinhou que metade dos portugueses ainda não sabem o que é o PRD e apelou aos militantes para que «divulguem o partido com a verdade».

Hermínio Martinho, que iniciou ontem uma visita de dois dias ao distrito de Coimbra inaugura hoje a sede concelhia de Oliveira do Hospital. Almoçará hoje em Arganil com militantes e participará em encontros em Penela e Condeixa. À noite presidirá à apresentação dos candidatos pelo círculo de Coimbra, numa sessão que se

realiza naquela cidade.

Contrato de deputado

O PRD vai apresentar pela primeira vez o «Contrato de Deputado» do qual consta a revisão dos «privilégios dos deputados» na parte vetada pelo Presidente da República, ou seja, os três parágrafos relativos à aposentação dos deputados.

O «Contrato do Deputado» é, segundo Carlos Lilaia, porta-voz do PRD, um compromisso do candidato para com os eleitores, ficando estes com a possibilidade de, periodicamente, poderem confirmar se o compromisso é ou não cumprido».

Entretanto o PRD apresenta amanhã o seu Programa e na quinta-feira os candidatos pelo círculo de Lisboa.

UDP apresenta medidas para resolver a crise

A Conferência Nacional da UDP aprovou por unanimidade o seu programa eleitoral que consta de 25 medidas «que resolveriam de imediato os problemas principais do nosso povo».

A UDP compromete-se, através dos seus deputados que forem eleitos, a apresentar na Assembleia da República projectos de lei para o congelamento dos preços dos produtos de primeira necessidade, alargamento do subsídio de desemprego a todos os desempregados e suspensão do pagamento dos encargos com a di-

vida externa.

Para resolver o problema dos salários em atraso, a UDP propõe a «confiscação dos bens dos capitalistas que não paguem os salários e obrigatoriedade de o Governo pagar a tempo e horas os salários dos trabalhadores das empresas públicas e intervenções».

A UDP propõe-se ainda, caso consiga eleger deputados, a apresentar a revogação do tratado de adesão à CEE e, no caso de a adesão se manter, apresentar um projecto para que os fundos da Comunidade Económica Europeia sejam aplicados na

agricultura, pesca e habitação.

A União Democrática Popular propõe-se apresentar a revogação da Lei das Renditas de Casa e a conseguir a «demissão imediata e pesadas penas sobre todos os corruptos e todos os que utilizem os cargos públicos em seu proveito ou em gastos sumptuários».

A UDP propõe a criação de um imposto progressivo sobre as grandes fortunas e os elevados rendimentos, a semana de 40 horas, a extinção dos contratos a prazo e passagem dos contratados a efectivos, a revogação do «lay-off».

INSTITUTO DE PREPARAÇÃO PARA A UNIVERSIDADE I.P.U.

SECÇÃO DE LISBOA
Prioridade no ingresso nos cursos superiores da Universidade Livre reconhecido oficialmente paralelismo pedagógico

INSCREVA-SE JÁ
10.º e 11.º anos: áreas A, C e D
12.º anos: 1.º, 2.º, 3.º e 4.º cursos
CURSO COMPLEMENTAR DOS LICEUS
(Regime Nocturno Intensivo)

Informações pormenorizadas na Secretaria
Rua Vitor Cordon, 41-47
1200 LISBOA
Telefs.: 36 88 37/37 17 22/37 17 23/37 17 83/37 37 72

Desceu de Braga a Campo Maior

“Modernidade”, “génio” e “alegria” em discursos de Mário Soares

A modernidade e a Europa começaram em Barcelos; o troço de estrada Campeã-Parada de Cunhos é uma obra genial da engenharia portuguesa; há uma grande alegria da população portuguesa — eis uma síntese possível do périplo de fim-de-semana efectuado pelo Primeiro-Ministro e candidato à Presidência da República, Mário Soares.

As palavras de Mário Soares, em Barcelos, foram pronunciadas numa sessão solene em que era dado conhecimento das 19 propostas apresentadas no concurso aberto para a construção da nova ponte sobre o Cávado, cuja adjudicação está para breve, provavelmente até ao final do mês.

Ainda em matéria de construção de estradas, Soares teria oportunidade de voltar a pronunciar-se durante uma visita que fez aos, cerca de 90 «stands» das feiras Movelnor e Antiqua, que inaugurou. Na ocasião, disse Mário Soares que a auto-estrada Porto-Braga tem condições para arrancar em breve com a comparticipação dos fundos comunitários para ajuda ao desenvolvimento.

O Primeiro-Ministro aproveitaria para garantir que Portugal, tem, neste momento, «condições financeiras de suporte e dinheiro suficiente para actuar rapidamente e promover o desenvolvimento necessário, bastando apenas, para o efeito, que exista tranquilidade política».

Antes fora a inauguração dos sete quilómetros que fazem parte do itinerário principal Porto-Bragança. Lembrou que os espanhóis terão de fazer a ligação aos itinerários portugueses. Desse modo, disse, será possível uma ligação mais directa à Europa e «todos os portugueses poderão viajar pelos países da CEE sem passaporte e com um simples Bilhete de Identidade».

Por essa razão, acrescentou, «os nossos concidadãos perceberão que são agora europeus de primeira».

Assinala-se que o troço inaugurado no sábado pelo

Primeiro-Ministro deveria estar prontos há três anos. Tal não aconteceu porque o nosso País não comparticipou financeiramente na obra como era obrigado pelo contrato de construção subscrito com a CEE.

Alegria

As festas do povo de Campo Maior provam «haver uma grande alegria da população portuguesa», ao contrário do que afirma o PCP no seu discurso «da miséria e do miserabilismo» — afirmou Mário Soares, citado pela NP.

«Nós temos a certeza de que o nosso País está vivo. É um país cheio de energia. Um país que tem capacidade. Vias abertas e rasgadas para o futuro» — acentuou o Primeiro-Ministro.

Mário Soares falava no almoço de encerramento das festas do povo de Campo Maior, para que fora convidado pelo presidente da Câmara local, Manuel Azinahis Nabeiro.

Mário Soares declarou-se impressionado com as festas do povo. Destacou o «esforço feito com inteligência para atrair a atenção do país e dos países vizinhos» e os enfeites de cada rua e as casas caiadas de branco e afirmou que a fama das festas passou já as fronteiras do País.

Destacou também o facto de um milhão de estrangeiros ter ocorrido às festas ao longo dos oito dias em que decorreram, o que constitui um impulso extraordinário para o comércio local.

Criticou o «discurso de miséria e do miserabilismo» feito pelo PCP, referindo que os 10 milhões de contos distribuídos no último ano às autarquias para

obras e comparticipação em projectos de desenvolvimento contrastam com «discursos da miséria», do atraso, do subdesenvolvimento, de que não somos capazes de fazer nada».

«Eles lá têm as suas razões para desmobilizar, para nos tornar cada vez mais um país de Terceiro Mundo, cada vez mais atrasado» — referiu Mário Soares, sublinhando que, pelo

contrário, os portugueses são agora «europeus de primeira».

«Temos de apostar no ensino, na investigação científica, nas novas tecnologias, para conse-

guirmos de facto uma população adaptada e capaz de responder positivamente ao desafio europeu, que é o desafio da modernidade» — acentuou Mário Soares.



Carrinha contra tractor Cinco feridos em Rio Frio

Na Estrada Nacional N.º 5, próximo da Herdade de Rio Frio, no distrito de Setúbal, um tractor chocou, cerca das sete horas desta manhã, contra uma carrinha, tendo ficado feridos com gravidade os cinco ocupantes deste último veículo. A identidade dos sinistrados todos residentes em Alhos Vedros, é a seguinte: Carlos Rodrigues Cardador, que conduzia, Francisco José Ribeiro Dias, David Alves Gomes da Silva, José Manuel Cavaco Matias e Maria José dos Santos. O motorista do tractor saiu ileso do acidente.

Faleceu o prof. Mendes Mourão

Vítima de doença faleceu ao fim da tarde de ontem em Lisboa, o presidente da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnologia, prof. José Mendes Cactano Pinto Mendes Mourão. O extinto, de 41 anos, foi secretário de Estado da Ciência do V Governo Constitucional, presidido pela eng.ª Maria de Lourdes Pintasilgo. O funeral realiza-se amanhã de manhã para o Cemitério dos Ingleses à Estrela.

Tinha sido alvejado a tiro por agente da PSP em Benfica

Brilhante intervenção cirúrgica restituiu a voz a José Gonçalves

Manuel Geraldo

Uma brilhante intervenção cirúrgica, considerada, nas instâncias médicas, como inovadora e de impacto, mesmo a nível internacional, foi realizada, ao que o «DL» apurou, no Hospital de Santa Maria pelo prof. Dinis da Gama, tornando possível o retorno da voz, ainda que por ora parcial, ao funcionário dos TLP José Gonçalves, de 39 anos, alvejado, no passado dia 17 de Julho em Benfica, por um agente à paisana da PSP.

Com a carótida artificial, em matéria plástica, que lhe foi colocada, e ao contrário do que acontecera aquando da entrevista para a reportagem, que publicámos, a 8 de Agosto, José Gonçalves, já consegue tornar-se perfeitamente audível, embora ainda seja notório o esforço que faz para articular algumas palavras mais extensas ou de dicção mais difícil.

Recorde-se que tal como noticiámos, na reportagem sob o título «Disparo de polícia calou este homem», tudo aconteceu cerca da meia-noite, do dia 17 de Agosto, quando, na versão de José Gonçalves, de um grupo de quatro clientes (dois homens e duas mulheres) que estavam sentados na esplanada da cervejaria «Boa Esperança», se destacou um deles, que, dirigindo-se ao proprietário do estabelecimento, se identificou como agente da PSP, mostrando-se disposto a intervir, junto de um jovem que, referiu, estaria a fumar droga. Resposta do proprietário: «Se lhe cheira a erva, e o senhor é polícia, o problema é consigo». A reacção do agente não se fez esperar. Avançou para o suspeito e começou a revistá-lo, ao mesmo tempo que lhe apontava a pistola à nuca.

Foi nessa altura que José Gonçalves, já a preparar-se para seguir para casa, na Estrada das Laranjeiras, interpelou o agente, dizendo-lhe



José Gonçalves: operado ao Hospital de Santa Maria já consegue expressar-se razoavelmente

apenas: «Ó amigo, isso não são maneiras de tratar um cidadão num lugar público. Se tem suspeitas, leve-o à esquadra de Benfica, que fica bem perto, e reviste-o. Mas assim não está certo». Palavras não eram ditas e já Gonçalves recebia um tiro no pescoço, logo caindo inanimado, tendo mais tarde sido conduzido ao Hospital de Santa Maria, onde durante dias lu-

taria entre a vida e a morte, acabando por ficar sem voz, até à intervenção efectuada pelo prof. Diniz da Gama. Quanto ao agressor entregasse-se a um colega que estava de serviço frente à Caixa Geral de Depósitos, na Rua Cláudio Nunes.

Neste momento, e mercê do esforço desenvolvido pelo seu advogado, José Gonçalves já conseguiu alterar a situação jurídica inicial criada pelo auto-de-núncia da PSP, passando de réu a queixoso, ao mover um processo (tentativa frustrada de homicídio) contra o agente José Luís Pais. De notar que, antes deste processo, José Gonçalves chegou a ser convocado para depor no Centro Anti-Droga da Polícia Judiciária (na Rua Conde Redondo), onde também compareceu o jovem envolvido no incidente, de seu nome Gabriel Maria Ferreira Dias. Ainda outro paradoxo, no processo instaurado pela PSP: principal testemunha da ocorrência, o proprietário da cervejaria «Boa Esperança» não chegou a ser convocado, certamente devido à incomodidade do seu depoimento.

Felizmente que para José Gonçalvesa nem tudo terminou tão dramaticamente como o diagnóstico médico fazia prever nos primeiros dias. E tudo graças ao engenho (e à inspiração de um cirurgião que pôde debelar, em parte, as consequências geradas pela agressividade inadmissível de um agente policial. Para quando a erradicação de actos desta natureza quase sempre impunes ao ritmo preocupante em que cada vez mais ocorrem na sociedade portuguesa?...

Pelo proprietário

duma quinta no Cartaxo

Adolescente assassinado ao roubar um cacho de uvas

Paulo Alexandre Pereira Fagulha, de 16 anos, foi morto a tiro pelo proprietário da Quinta Sísudo, no Cartaxo, que o surpreendeu a comer um cacho de uvas retirado de uma videira localizada à beira da estrada. A trágica ocorrência teve lugar no sábado à noite, quando o adolescente regressava a casa vindo de uma prova de ciclismo a que assistira, em Pontével. O agressor, Francisco António, de 65 anos, apresentou-se voluntariamente no posto da GNR daquela vila ribatejana, fugindo assim à indignação de vários populares que se haviam concentrado no local.

Roubados em 800 quando viam televisão

Desconhecidos assaltaram, na noite de sábado, uma residência localizada na Rua D. Francisco de Almeida, em Lisboa, levando do quarto de cama sete anéis, três pares de brincos, duas alianças, dez relógios e outros objectos, tudo no valor global de oitocentos contos. Na altura, os locatários encontravam-se entretidos a ver um programa de televisão na sala de estar. Os assaltantes introduziram-se na casa através de uma janela deixada aberta.

Acidente no Estoril por derrame de gasóleo

Em S. João do Estoril, na Estrada Marginal, verificou-se ao princípio da noite de ontem o choque em cadeia de diversos veículos, devido ao derrame de gasóleo provocado pelo rebentamento do depósito de combustível de um autocarro de turismo. O acidente não provocou acidentes pessoais, mas o trânsito só foi normalizado na zona após os bombeiros terem limpo o gasóleo que cobria o alcatrão numa extensão de várias centenas de metros.

Solidariedade com outro preso

Detidos do "caso FP-25" estão em greve de fome

Os presos do caso FP-25 que se encontram internados no estabelecimento Prisional de Lisboa iniciaram ontem uma greve de fome, como forma de solidariedade para com um outro detido no âmbito do mesmo processo. Trata-se de Manuel Couto Ferreira, que encetara a mesma luta, às zero horas do dia 5.

Contudo, o sub chefe dos guardas prisionais que ontem à tarde dirigia o Estabelecimento Prisional de Lisboa (EPL) recusou confirmar se os presos pelo processo das FP-25 de Abril iniciaram a greve que haviam decidido.

Interrogado pela Anop sobre se efectivamente a greve fora iniciada, o sub chefe — que recusou identificar-se — respondeu na aparência contrariado, a várias perguntas com uma única frase: «a situação na cadeia é normal».

Por fim, disse «boa-tarde» e

voltou as costas ao jornalista, não sem antes, remetê-lo para a Direcção-Geral dos Serviços Prisionais que estava encerrada.

Os detidos no EPL pelo processo das FP-25 de Abril anunciaram no dia 5 que começariam ontem uma greve de fome em solidariedade com outro preso pelo mesmo caso, Manuel Couto Ferreira.

Este entrou em greve da fome às zero horas do dia 5, protestando contra o facto de ter sido transferido clandestinamente — segundo comuni-

cado dos presos — do EPL para a Cadeia de Monsanto, após interrogatório, sem a presença de advogado, nas instalações da Polícia Judiciária.

A transferência de cadeia tem sido vulgar no caso dos chamados arrependidos das FP-25 de Abril, pelo que a mudança de Manuel do Couto, Ferreira do EPL para Monsanto poderia deixar dúvidas nos restantes detidos.

Para dissipar tais dúvidas, Couto Ferreira entrou em greve de fome.

O comunicado em que os presos do processo das FP-25 detidos no EPL anunciavam a greve de fome referia que o objectivo desta acção é conseguir o «imediato regresso» de Couto Ferreira àquele Estabelecimento Prisional.

Engajadora burlou candidato à Argélia

O operário José Ferreira de Sousa, residente em S. Martinho, Rebordosa, apresentou queixa na PSP de Parede dizendo-se burlado por uma engajadora, residente em Vizela. Segundo afirmou, José de Sousa, a mulher, cuja identidade não foi revelada pelas autoridades poli-

ciais, ter-lhe-á prometido um emprego na Argélia a troco de cinquenta contos, mas passados vários meses nunca mais lhe apareceu com o contrato, apesar de ter em seu poder o passaporte e o dinheiro.

Mário
Castrim



E as vagas sucedem-se... Temos a Esquerda Liberal, a Esquerda Democrática, a Nova Esquerda. Que o Marx está ultrapassado, que este nosso tempo já não é o tempo de Marx, que o marxismo, como agente transformador da sociedade, foi chão que deu uvas.

Mas então essa coisa da mais-valia, desapareceu da circulação? Não me digam! Se não desapareceu, quem é que se apodera dela? Pelas vossas alminhas respondam-me lá a isso!

E desapareceram os explorados e os exploradores? Já não existem mesmo? Ai não?! Tem graça, e estavam todos tão caladinhos com essa!

A propósito: e as classes? Piraram-se? A sociedade actual já não está dividida em classes? Desculpem a minha ignorância.

Mas então a sociedade está dividida em quê?... Ou não está dividida em coisa nenhuma? Somos então todos iguais? Caramba, é formidável. Ah, percebo, somos todos iguais mas uns são mais iguais do que outros...

Essa não, meus caros. Lá que a Terra se move, isso move-se. Há quem trabalhe para outros e deles receba a paga do seu esforço físico ou intelectual, paga essa que não corresponde senão a uma parte do produto social do seu trabalho.

Sei isto na prática. O meu vizinho produz cinco cadeiras por dia e recebe o correspondente a uma cadeira e meia. Quem é que se senta nas outras três e meia?

Depois, a gente lembra-se quando se assinou o tratado de Roma. Eu pelo menos lembro-me. Era uma alegria, uma satisfação, vinha aí a CEE, desaparecia a concorrência, os negócios vinham em embalagens esterilizadas, trabalhais, emigrantes, trabalhais, colaborai no milagre!

E agora? Agora, não me dirão? Desempregados são aos milhões, as burguesias nacionais voltam-se contra as burguesias internacionais, os ovos, a manteiga, os carneiros, os automóveis, as máquinas, os aviões, os mísseis, os câmbios, as comichões supranacionais, as lutas cada vez maiores dos sindicatos — tudo está metido num saco de gatos que fazem estremece as paredes do edifício.

Ah, mas a respeito do Marx. Claro que ultrapassado, as classes desapareceram, os interesses harmonizaram-se, os lobos, dentro dos galinheiros, juntam sua voz ao coro geral. Chatice. Tenho de ler Marx para ver onde Marx me diz que Marx está desactualizado.

ARTIGO DE FUNDO

Fortes trovoadas nas regiões do interior

Vila Velha de Ródão assolada por tempestade

Trovoadas e rajadas de vento forte assolaram ontem várias zonas do Norte do País, com particular incidência, no Nordeste Transmontano e na Beira Baixa. Em Vila Velha de Ródão, um autêntico ciclone assolou a região durante cerca de vinte minutos, fazendo cair árvores sobre a estrada. Um porta-voz dos bombeiros locais referiu que o pára-brisas de um autocarro de turismo estilhaçou-se, ao ser atingido por um eucalipto, não se tendo registado, no entanto, feridos. Em Vila Real a tempestade provocou a interrupção momentânea da energia eléctrica.

Para as próximas 24 horas as previsões do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica apontam para céu pouco nublado ou limpo. Vento geralmente fraco. Condições favoráveis à ocorrência de trovoadas nas regiões do interior. Pequena subida de temperatura em especial no litoral oeste.

Alvejado por tiro misterioso

Ontem por volta das 22 horas o jovem Paulo José Machado Mendes Pais, de 22 anos, na Urbanização da Portela de Sacavém, foi atingido com um projectil de arma de fogo que o atingiu na face direita e se alojou na têmpora esquerda.

A vítima encontrava-se sentado num muro a conversar com quatro amigos quando a bala o atingiu, sem que se saiba de onde terá sido disparada e muito menos a identidade do autor da proeza.

Enquanto o Paulo José seguia para o Hospital de Santa Maria, as autoridades policiais, PSP de Moscavide e Polícia Judiciária, iniciavam as diligências para esclarecer o caso.

Com oficina na zona do Alto de S. João

Falsários de dólares eram pai, mãe e filho



A entrada para a tipografia onde os dólares estavam a ser impressos

A polícia Judiciária continua a manter sigilo sobre a identidade dos três falsários responsáveis pela emissão de 700 mil dólares americanos em chapas de 50 e 100 unidades, bem como referenciar a tipografia de que são proprietários e onde as notas estavam a ser impressas.

No entanto o «DL» conseguia apurar que os três responsáveis pela falsificação referenciados pela Polícia como sendo elementos da mesma família, são na verdade um casal com perto de 50 anos e o filho com pouco mais de 20. Quanto à tipografia de que são proprietários situa-se na zona do Alto de São João em Lisboa e está apetrechada com material e maquinaria da mais moderna, tendo uma boa carteira de serviços pelo que não terá sido carência de trabalho a justificação por enveredarem pelas notas falsas.

Ainda e segundo elementos colhidos pela nossa reportagem, o jovem falsário é apesar da idade um grande perito em artes gráficas, dominando com perfeita técnica todas as fases desde a preparação de chapas até à impressão final e respectivos acabamentos.

O juiz de Instrução Criminal a quem foram presentes confirmou a prisão e naturalmente manteve-se sem admissão de caução.

SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA SOCIAL

ACÇÕES DE FISCALIZAÇÃO EM TODO O PAÍS PARA DETECÇÃO DE SITUAÇÕES IRREGULARES



ENTÃO O SR. ESTÁ AQUI
A TRABALHAR E CONTINUA A
RECEBER O SUBSIDIO
DE DESEMPREGO?!

FISCALIZAÇÃO
SEGURANÇA
SOCIAL

NUNCA FAÇA ISTO!

Esta situação poderá causar-lhe graves problemas!



FAÇA VOCÊ MESMO - I
Como reparar deficiências em
sua casa, na alvenaria, telha-
dos, carpintaria.



FAÇA VOCÊ MESMO - II
Como reparar canalizações,
avarias eléctricas, pintar, colar
vidros.



FAÇA VOCÊ MESMO - III
Como fazer isolamentos, resolu-
ver problemas de refrigeração
ou revestir móveis ou paredes.



111 RECEITAS
DE COZINHA INDIANA
Toda a riqueza, sofisticação, di-
versidade e sabor numa das
mais sofisticadas cozinhas do
mundo.



VOCÊ QUE SABE PREGAR UM PREGO(?)...

...sabe afinar a sua moto, cozinhar comida indiana ou fazer amor com a simples pressão dum dedo? Poderão parecer-lhe coisas demasiado diferentes... e talvez não saiba mesmo como fazê-las... Emprego, estudo, política, televisão e problemas não é tudo o que deve esperar da vida.

Para realmente viver a dois, em família, sozinho ou com os amigos, em casa ou em férias, é preciso ter arte. Aquela arte que faz a vida merecedora de ser vivida. Essa, como todas as artes, aprende-se... Por isso editamos as colecções «Arte de Viver» e «Em 10 Lições».

Livros sobre Carpintaria ou Electricidade, Culinária, Computadores, Dieta, Educação sexual... e tudo o mais que tornará a sua vida mais rica e mais fácil.

Aproveite as Férias... comece já.

Queiram enviar-me, contra reembolso, os livros assinalados com um X

Os preços são acrescidos de despesas de envio

- | | |
|--|-------|
| ☐ Faça Você Mesmo - I | 595\$ |
| ☐ Faça Você Mesmo - II | 595\$ |
| ☐ Faça Você Mesmo - III | 595\$ |
| ☐ A Moto em 10 Lições | 630\$ |
| ☐ Congelação e os Congelados em 10 Lições | 650\$ |
| ☐ 111 Receitas de Cozinha Indiana | 560\$ |
| ☐ Como Fazer Amor com a Simples Pressão Dum Dedo | 650\$ |
| ☐ Guia Prático da Sorte | 690\$ |
| ☐ Aplicações Domésticas no Seu Micro-computador | 750\$ |
| ☐ Programação Prática em Língua gem Máquina para o Spectrum | 575\$ |

Nome: _____

Morada: _____

Profissão: _____ Telefone: _____

C. Postal: _____ Localidade: _____

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

Apartado 8 - 2726 MEM MARTINS CODEX



COMO FAZER AMOR
COM A SIMPLES
PRESSÃO DUM DEDO
Um manual de Digitopuntura
aplicado à estimulação sexual.
Os segredos sexuais do Taois-
mo.



GUIA PRÁTICO
DA SORTE
Amor, jogo, dinheiro, saúde.



A CONGELAÇÃO
E OS CONGELADOS
EM 10 LIÇÕES
Como preparar, congelar, des-
congelar e cozinhar congelados.
Cuidados sanitários.



A MOTO EM 10 LIÇÕES
Como fazer a rodagem, condu-
zir na cidade e na estrada, con-
servar, reparar motos de 2 e 4
tempos.

Governador civil de Braga critica autarcas faltosos

O governador civil de Braga, Artur Sousa Lopes, criticou no sábado os autarcas que faltaram à reunião da Assembleia Distrital realizada na sexta-feira, por considerar «importantíssima» para se decidir sobre o futuro daquele órgão e, por arrasto, do Museu dos Biscaínhos.

Devido aos prazos estabelecidos pelo diploma do Ministério da Administração Interna — Decreto-Lei 288/85, de 23 de Junho último — o governador civil, na sua qualidade de presidente daquele órgão autárquico, mandara com antecedência cartas com aviso de recepção a convocar os 39 membros e dias antes contactara telefonicamente todos os autarcas membros.

No dia da reunião da Assembleia apresentaram-se 19.

Sousa Lopes aproveitou a sessão para esclarecer os presentes sobre o Museu dos Biscaínhos e avançou com uma proposta que, no essencial, propõe o estabelecimento de um protocolo com o Instituto Português do Património Cultural (IPPC) em que são salvaguardados os bens patrimoniais e res-

salvada, no futuro, após a criação das regiões administrativas, a passagem da sua gestão para a entidade regional competente.

Sobre a Assembleia Distrital, Sousa Lopes propõe um quadro administrativo mínimo para o seu funcionamento, que se iria apoiar, financeiramente, nas suas receitas próprias e no contributo dos 13 municípios do distrito, através de uma contribuição de 0,3 por cento das verbas do fundo de equilíbrio financeiro, a cada uma das Câmaras atribuídas, sendo o seu pagamento efectuado directamente pelo Ministério da Administração Interna.

CONVOCATÓRIA ASSEMBLEIA DE DELEGADOS SINDICAIS

1. Tendo presente o Artigo 10.º do Regulamento da ADS, e para os efeitos das alíneas a) e j) do Artigo 49.º dos Estatutos deste sindicato, convoca-se a Assembleia de Delegados Sindicais, nos termos da alínea b) do Artigo 9.º do respectivo regulamento, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

a) Informações; b) Questões sectoriais; c) Proposta Reivindicativa para 1986

2. As reuniões realizar-se-ão da seguinte forma:

DISTRITO OU CONCELHO	MINISTÉRIO OU EQUIPARADO	DIA	HORA	LOCAL
Lisboa	Minist. do Trabalho e Segurança Social	18/9	10.00	Na Federação Sindicatos da FP R. Rodrigues Sampaio, 138-3º - Lx
Lisboa	Minist. Agricultura, Minist. Com. e Turismo, Minist. Equip. Social, Ministério do Mar	17/9	16.00	Na Federação Sindicatos da FP R. Rodrigues Sampaio, 138-3º - Lx
Lisboa	Área Geográfica Sintra	17/9	14.30	Nas instalações da Del. de Sintra R. António Bôto, 3 - Mem Martins
Lisboa	Minist. Educação Ensino Superior	18/9	10.00	Na sede do sindicato R. de Santa Marta, 47-c - Lx
Lisboa	Minist. Educação Ensino não Superior	18/9	15.00	Na Federação Sindicatos da FP R. Rodrigues Sampaio, 138-3º - Lx
Lisboa	Serv. Centrais do M. Educ. Minist. Cultura e Ex-Minist. Q. Vida	18/9	15.00	Na Federação Sindicatos da FP R. Rodrigues Sampaio, 138-3º - Lx
Lisboa	Área Geog. de Loures (Loures, Montachique, Louisa, Bucelas, Caneças, Odivelas, S. Ant. Cavaleiros, Povos de Sto. Adão)	18/9	15.00	Nas instalações da Del. Loures Trav. Estado da Índia, 3-1º - Loures
Lisboa	Área Geog. T. Vedras (T. Vedras, Lourinhã, Cadaval, Sobral Monte Agraço)	18/9	14.30	Nas inst. da U. Sind. de T. Vedras Av. Ten. Valadim (ant. Del. do Com.) - T. V.
Lisboa	Minist. Saúde e Minist. Finanças	19/9	17.00	Na Federação Sindicatos da FP R. Rodrigues Sampaio, 138-3º - Lx
Lisboa	Área Geog. Loures (Sacavém, S. João Talha, Camarate, Sta. Iria Azóia, Moscavide)	19/9	15.00	Nas inst. da U. Sind. de Sacavém Tr. do Chafariz, Lt. 7-c - Sacavém
Lisboa	Ministério da Justiça, Ministério N. Estrangeiros, Minist. Adm. Interna, Minist. Ind. Energia, Ministério da Defesa, Pres. República, Pres. Cons. Ministros SEAP	20/9	14.30	Na Federação Sindicatos da FP R. Rodrigues Sampaio, 138-3º - Lx
Beja	Todos	18/9	14.00	Praca Diogo Fernandes, 9 - Beja
Castelo Branco	Todos	20/9	15.00	Na Del. Distrital de C. Branco R. Dr. José Ant. Morão, 87-2º - C. Branco
Évora	Todos	19/9	14.30	Na Deleg. Distrital Évora Lg. Portas de Moura, 21-1º - Évora
Faro	Todos	20/9	15.00	Na sede do Sindicato do Comércio Rua Sto. António - Faro
Portalegre	Todos	19/9	14.00	Na deleg. Dist. Portalegre Av. Pio XII, Lt. 2-c-esq. - Portalegre
Santarém	Todos	16/9	14.00	Na delegação Distrital Tr. dos Pastelheiros, 4-A - Santarém
Setúbal	Todos	16/9	15.00	No Sindicato dos Rodoviários Pr. do Bocal n.º 111-1º - Setúbal
P. Delgada	Todos	17/9	15.00	Na sede do Sindicato R. Misericórdia, 34-1º - P. Delgada
Terceira	Todos	20/9	20.00	Nas inst. Delegação Sindicato Rua do Galo, 88 - A. Heróismo
Horta	Todos	19/9	20.00	Na sede da delegação R. Conselheiro Medeiros, 27-c - Horta

Lisboa, 29 de Agosto de 1985

A MESA DA ADS

**sindicato
dos trabalhadores
da função pública
do sul e açores**



Ordem dos Médicos contra projecto de gestão hospitalar

O projecto governamental de gestão hospitalar é globalmente contestado pela Ordem dos Médicos, ressalta da reunião do respectivo conselho nacional realizada no sábado em Lisboa.

Aquela estrutura considerou que a forma encontrada permite, «e até parece desejá-la, a politização de um órgão que nunca

deveria estar à mercê das flutuações da conjuntura governamental».

A Ordem dos Médicos, de acordo com um comunicado divulgado, defende, «numa perspectiva de descentralização dos serviços públicos», que a nomeação do director do hospital e de outros órgãos de gestão hos-

pitalar deve ser feita sob proposta das próprias instituições.

O projecto de diploma do Ministério da Saúde aponta para a nomeação pelo próprio ministro dos membros dos conselhos de gerência dos hospitais, até agora eleitos pelos seus grupos profissionais, e retira dos conselhos gerais os representantes dos trabalhadores.

Uma das vítimas era de nacionalidade portuguesa

Medicamento para o fígado matou pelo menos três pessoas

Uma empresa farmacêutica suíça suspendeu temporariamente as vendas de Catergen, droga utilizada no tratamento de problemas do fígado, depois de pelo menos três pessoas que a usaram terem morrido em Portugal e na Itália, anunciou hoje um porta-voz.

«Não há provas que relacionem o nosso produto com as mortes, mas estamos a proceder a uma investigação», disse o porta-voz da Zyma, Guy Bietenholz.

nholz.

Anteriormente descobriu-se que o Catergen causava anemia entre alguns pacientes, mas «a sua segurança parecia ser aceitável», disse Bietenholz.

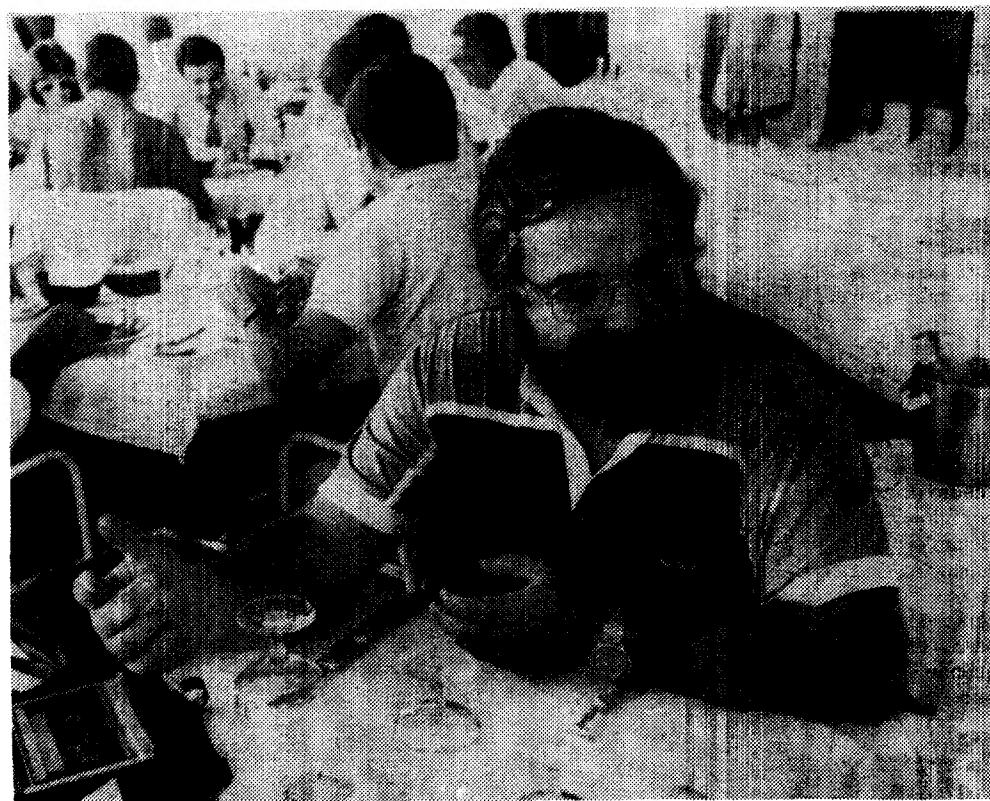
A droga está registada em 50 países europeus, Japão e América do Sul, disse, acrescentando que a Zyma, quinta maior empresa de produtos farmacêuticos da Suíça, não tinha produtos no mercado do EUA.

Bietenholz disse que um por-

tuguês e dois italianos adultos que usavam regularmente Catergen morreram no último ano. As autoridades italianas afirmaram que dois outros doentes morreram, mas a Zyma diz não ter informações sobre eles.

As vendas do produto, que estava no mercado desde 1976, serão suspensas temporariamente até que os resultados da investigação determinem se existiu alguma ligação entre as mortes e a administração do medicamento.

Amanhã na Mesa "DL"



Eduardo Prado Coelho

O que está em causa na próxima eleição presidencial? Como reagem os portugueses perante a «Crise»? Um cínico ainda tem razão para ser optimista? A política ainda é o que era antes? Um professor universitário tem, hoje, de ser igualmente um bom animador de programas de televisão para manter a sua antiga aura? De todas estas questões conversamos, amanhã, na «Mesa DL», com Eduardo Prado Coelho.

Regressavam ao quartel por não terem meios

Chamas carbonizaram catorze bombeiros perto de Armamar

Catorze bombeiros de Armamar, pequena vila luriense a escassos quilómetros de Lamego, morreram atingidos por um raio no combate a um violento incêndio que ao princípio da tarde de ontem eclodiu na serra de Vila Nova (Freixial), no concelho de Lamego, propagando-se em pouco tempo a várias povoações em volta e ao concelho de Tarouca (Vila Chã da Beira). Apenas um dos quinze bombeiros que se tinham dirigido para a zona de fogo, José Manuel Fulgêncio, escapou com vida do braseiro em que num ápice se tornou a área enquadrada pelas povoações de S. Cosmado, Lapinha, S. Martinho de Chão, Simbre, Lumiães e Vila Chã da Beira (Tarouca). Um seu filho, também efectivo dos bombeiros de Armamar, ficaria carbonizado no local: António Manuel Guedes Fulgêncio.

Mal o bombeiro José Manuel Fulgêncio chegou ao quartel, onde contou a tragédia a que conseguira escapar, logo outros efectivos da corporação (cujo corpo era até ontem de 56 elementos), agentes da GNR e populares se encaminharam para a zona de fogo, iniciando as buscas. Estas seriam, contudo, infrutíferas, apesar do pavoroso incêndio, que atingiu várias frentes, estar praticamente extinto. Só esta manhã os seus corpos seriam encontrados, nas condições acima referidas, se bem que inicialmente se julgasse terem sido carbonizados pelas próprias chamas. As vítimas, que viviam em Armamar, foram já todas identificadas.

No entanto, a farmacêutica da vila de Armamar, foi peremptória: os 14 bombeiros que pereceram no combate ao incêndio, foram atingidos por um raio durante a trovoadas que se abateu sobre a zona. Aliás, o violento incêndio foi extinto não pelos bombeiros, mas pelas chuvas que ontem à noite caíram. Um elemento da corporação afirmou esta manhã ao «DL», a propósito, que «se não fossem as chuvas que caíram nas últimas horas, aqui, teríamos fogo para duas semanas».

Vila veste luto

Os bombeiros haviam já abandonado o combate ao incêndio de zona de S. Cosmado, por falta de meios — se bem que Eduardo Pereira tenha afirmado sábado na Guarda que as corporações estão «relativamente equipadas» —, preparando-se para regressar ao quartel, quando foram atingidos por um raio.

Eanes: «muita dor»

O Presidente da República e mulher enviaram hoje um telegrama de condolências aos bombeiros de Armamar e às famílias das 14 vítimas do incêndio, na serra do Freixial (Peso da Régua).

«Profundamente chocados pela dramática ocorrência do falecimento dos bombeiros em combate ao incêndio, comungamos sentimentos de muita dor», escrevem Ramalho Eanes e mulher.

O Presidente da República apresenta ainda os sentimentos pela morte dos «valerosos soldados da paz, falecidos no abnegado cumprimento do dever».

Terá sido essa a conclusão a que chegaram o delegado de saúde do concelho e outras autoridades que esta manhã compareceram em Lumiães, povoação onde os corpos, totalmente carbonizados, foram encontrados. No local esteve também o ministro da Administração Interna, que foi informado da tragédia em Viseu. Eduardo Pereira viajou para Armamar na companhia do presidente do Serviço Nacional de Bombeiros.

Em poucas horas, nas povoações acima referidas, todas inseridas na serra do Freixial (Vila Nova) arderam mais de 350 hectares de mato e floresta, segundo um bombeiro de Armamar, onde esta manhã chegaram mensagens de condolências de vários pontos do País e se chorava a morte daqueles 14 «soldados da paz». Numa curta declaração ao «DL», aquela fonte disse-nos isto, apenas isto: «São as medalhas dos bombeiros. Medalhas que resultaram de um fogo posto», acrescentou.

Armamar era esta manhã uma vila de luto, chorando os seus 14 filhos perdidos no combate às chamas. Duas famílias, pelo menos, haviam perdido mais de um bombeiro. Entre eles havia parentesco diverso.

Comandante também internado

São conhecidas as identidades de todas as vítimas: António Neves Carvalheira, Manuel Carvalheira e José Carvalheira, todos irmãos; António Dâmaso Bernardo e José Dâmaso (primos); Luís Nunes e Francisco

Nunes, também irmãos; e Alipio Alberto Correia Lalim, Manuel Pereira Garcia, Domingos Pinto Cardoso, Manuel Jesus dos Santos, António Manuel Guedes Fulgêncio (filho de José Manuel Fulgêncio, o único sobrevivente), Joaquim Ribeiro e José Oliveira, na sua maioria agricultores, trolhas e trabalhadores camarários.

O comandante dos bombeiros, José Rebelo Igreja, ao ter conhecimento da tragédia foi acometido de forte comoção e internado no hospital de Armamar, onde também se encontrava esta manhã José Manuel Fulgêncio.

«Até o alcatrão da estrada dos Lumiães ardeu, deixando passar as chamas de um lado para o outro da serra», disse um bombeiro de Armamar ao «DL» ao dar uma ideia do que foi o danoso incêndio em que pereceram os seus catorze companheiros.

Figueiró já não arde

Figueiró dos Vinhos já não arde: duas vezes ameaçado de chamas por todos os lados, com escassas horas de intervalo, no passado fim-de-semana, o concelho era esta manhã a imagem viva do desencanto e do cansaço. Casando por parte de todos os seus efectivos, ainda mal refeitos do teste a que haviam sido submetidos entre sábado e esta madrugada; desencanto que tem a ver com a população que cada vez se sente mais indefesa perante viajantes imprevidentes ou ateadores de fogos a soldo de escassos interesses. O pavoroso incêndio que eclodiu sábado de manhã e ontem parecia extin-



O esforço dos soldados da paz termina, por vezes, da forma alheia a tradicional carência de meios.

to, veio a reacender-se ainda antes do almoço e a propagar-se a vasta área do concelho, ameaçando sete povoações: Caramelo, Ervideira, Bairão, Aldeia da Cruz, Val Vicente, Vilas de Pedro e Coelhinho.

Impotentes para atacarem as chamas com algumas hipóteses de êxito, os voluntários locais não só solicitaram o apoio das corporações em volta (Castanheira de Pêra, Alvaizere e Ansião), ainda no sábado, como multiplicaram os seus apelos, ontem, à medida que o fogo estendia as suas línguas. E foi ver, então, como funciona e se avalia a solidariedade dos homens e entre os bombeiros: apresentaram-se em Figueiró dos Vinhos corporações dos distritos mais próximos e de mais de uma província: Torres Novas, Chamusca, Golegã, Entroncamento, Ferreira do Zêzere, Tomar e Vila Nova de Ourém (Santarém), Penela e Soure (Coimbra), mais Oleiros, Porto de Mós, Minde, Vieira de Leiria, Marinha Grande, Pombal, Batalha, Alcobaça e Sertão, para além de Figueiró dos Vinhos, Alvaizere, Ansião e Castanheira de Pêra, como referimos. No Norte, concretamente em Melres, nos arredores do Porto, as chamas foram combatidas pelas corporações de S. Pedro da Cova, Valbom e Gondomar (concelhos de Gondomar), Areosa (Porto), Entre-os-Rios, Fajões (Oliveira de Azeméis), Avintes (Vila Nova de Gaia), Castelo de Paiva, Espinho, Lourosa e Vila da Feira (ambas deste concelho).

Os fogos que ontem se reacenderam em Tábua, Oliveira do Hospital e Pedrógão Grande, foram poucas horas depois controlados, assim como o de Campo de Besteiros, na vertente Leste da serra do Caramulo, que na sua voragem consumiu trezentos hectares de pinhal e mato. O incêndio que ameaçava populações da Guarda e havia provocado o fecho da estrada Guarda-Videomonte, atingindo uma frente de doze quilómetros, estava esta manhã dominado.

As chamas consumiram, sobretudo, mato e pinhal, numa extensão ainda por determinar. Dessa tarefa se encarregarão proprietários e elementos dos serviços florestais depois do rescaldo a que os bombeiros procediam esta manhã, depois do fogo ter sido, às 7 horas, considerado extinto.

Eduardo Pereira na Guarda

MAI empurra culpas para as autarquias

O ministro da Administração Interna afirmou ontem na Guarda que o que se passa com os fogos florestais só terá solução quando as autarquias se empenharem nesse campo. Alijando todas as responsabilidades para as autarquias, Eduardo Pereira considerou que os bombeiros «estão relativamente equipados para acorrer aos fogos na floresta».

O titular da Administração Interna deslocou-se, no passado sábado, às áreas florestais dos concelhos da Guarda e do Sabugal, dois dos mais afectados pela vaga de incêndios deste ano, acompanhado do inspector de incêndios da Zona Centro, e delegações e responsáveis da Federação dos Bombeiros, da Protecção Civil e dos Serviços Florestais do distrito.

Num curto improviso feito na Guarda, o ministro da Administração Interna lamentou que a área consumida por fogos na floresta tenha já ultrapassado em mais de metade a área que ardeu no Verão de 1984 e, para justificar a proliferação de fogos deste tipo, indicou o Inverno chuvoso com o

consequente aumento de flora e vegetação, a par das temperaturas que se têm registado este Verão. Porque, acentuou, «os bombeiros estão relativamente equipados». Por isso, na sua óptica, o que se tem passado tem a ver com «a indiferença com que as entidades locais deixaram chegar a floresta até junto de áreas residenciais».

O ministro não se contentou em defender o seu Ministério, ilibar o Governo e acusar o Poder Local: adiantou, com efeito, não estar previsto, no âmbito do Governo, a atribuição de qualquer verba para as áreas atingidas, na medida em que — sublinhou — «poder-se-ia abrir um precedente que daria origem ao aumento de casos de fogo premeditado e de origem criminosa». No entanto, num outro momento do seu discurso, Eduardo Pereira admitiu vagamente a hipótese de fogos postos (contra todas as indicações dos bombeiros), ao afirmar que a maioria dos casos os fogos não foram ateados.

Acusa a CT da Messa

Governo quer "vergar os trabalhadores pela fome"

Os trabalhadores da Messa decidiram em plenário realizar uma concentração-vigília de 24 horas, no próximo dia 18, junto ao gabinete do ministro de Estado, Almeida Santos, se até ao fim-de-semana em curso não obtiverem respostas concretas aos problemas da empresa. Deliberaram também prosseguir a luta, «até às últimas consequências», contra «a fome e a miséria» que lhes é imposta.

UM comunicado da comissão de trabalhadores (CT) diz que, como se não bastasse os salários não serem pagos, agora «deixou de ser feito o seu processamento», o que põe «em causa o direito ao subsídio de doença, a partir já deste mês».

O documento diz que «por a empresa não ter entregue a relação de vencimentos de 1984, houve trabalhadores que pagaram pesadas multas nas finanças».

A par desta situação, há uma «total fuga ao contacto

por parte dos responsáveis que, segundo a CT, utilizam os mais diversos estratagemas, para além do facto de a administração não aparecer na empresa há mais de seis meses.

A estrutura representativa dos trabalhadores acusa o Governo, «único e inteiro responsável» pelo arrastamento do problema da Messa, de continuar «através do seu aparente desprezo e desinteresse a tentar fazer vergar pela fome e desmoralização a resistência que a razão dos trabalhadores continua a provocar».

O comunicado diz que «a ca-

beça de todos está o ministro de Estado Almeida Santos que o Governo nomeou como coordenador da milagrosa resolução para a Messa de Fevereiro de 1984».

Aquele membro do Governo, diz a CT, «apesar das inúmeras promessas» que fez, chegando a anunciar que «rapidamente iria resolver o problema da Messa», ainda não teve tempo para se encontrar de novo com a comissão de trabalhadores. E são assim passadas «sete semanas».

Quando é que o dr. Almeida Santos «faz o que promete?» — interroga a CT, acrescentando

ser com indignação e revolta que os trabalhadores assistem no período pré-eleitoral ao reeditar de promessas de «mundos e fundos». E cita o caso do próprio ministro de Estado, que «em fotografia espalhada por todo o País afirma que o que prometo, faço. Vamos a isto».

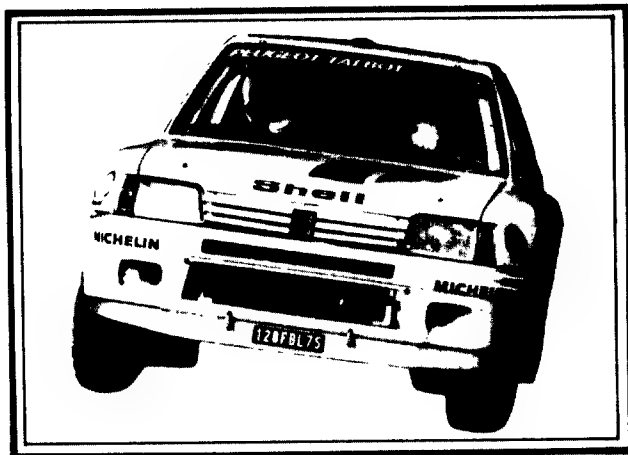
O documento diz ainda que, por todas estas razões, «a luta vai continuar e com ela a reafirmação das justas exigências do pagamento dos salários e garantia dos postos de trabalho e de todos os direitos ora em causa, contra a fome e a miséria».

Vigília na Torralta

Os membros das organizações representativas dos trabalhadores da Torralta realizam amanhã uma vigília junto aos escritórios da empresa, em Lisboa — informou uma fonte sindical.

Segundo Joaquim Pires, membro da comissão de trabalhadores da Torralta (Tróia), a vigília tem como objectivo «protestar contra o não pagamento total dos salários em dívida e apresentar à administração propostas para resolver a situação da empresa».

CHEGAR, CORRER E VENCER



PEUGEOT 205 CAMPEONATO MUNDIAL DE RALIS 1985

Na sua primeira presença no Mundial de Ralis, a PEUGEOT faz uma demonstração de força e tecnologia ao tornar-se vencedora, com o modelo PEUGEOT 205 Turbo 16, quando faltam ainda duas provas para o final.

MOCAR, SARL

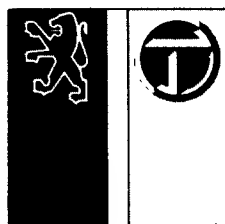
IMPORTADOR E DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO

Posto 1 — Av. António Augusto de Aguiar, 19/A - Tel. 53 91 31 - Lisboa

Posto 2 — Av. Duque de Avila, 66/B - Tel. 54 73 78/9 - Lisboa

Posto 3 — R. D. Luis de Noronha, 26 B - Tel. 77 77 88 - Lisboa

60 Agentes em todo o País.



Portugal

Confederações empresariais não participarão no CNI

As três confederações empresariais (CIP, CAP e CCP) recusam-se a participar no Conselho Nacional da Indústria (CNI), órgão criado por decreto-lei em Agosto passado — declararam os presidentes daquelas confederações em carta enviada ao Primeiro-Ministro.

A criação do CNI manifesta uma «implícita vontade política do Governo em esvaziar de conteúdo o Conselho Permanente de Concertação Social (CPCS)» — diz a carta enviada a Mário Soares pelos presidentes das Confederações da Indústria Portuguesa (CIP), dos Agricultores de Portugal (CAP) e do Comércio Português (CCP).

De acordo com o decreto-lei de 6 de Agosto, o CNI deve funcionar como órgão consultivo do ministro da Indústria e Energia para questões relacionadas com a política industrial e a sua implementação, atribuições que pressupõem uma

filosofia de planificação económica contrária aos princípios vigentes — afirmou o director do Departamento de Assuntos Económicos da CIP.

As organizações empresariais consideram que além do decreto não definir quais são as «associações industriais», estas não podem participar na orientação da política industrial, pretendendo ao contrário «regras para um ordenamento planificado que lhes permita agir em consequência» — disse o representante da CIP.

As organizações exprimem, também, na carta enviada ao Primeiro-Ministro, os seus temores quanto ao precedente para a proliferação de outros conselhos nacionais das diversas actividades económicas, que retirariam da esfera competente a discussão e decisão de matérias que dizem primeiramente respeito aos parceiros económicos e sociais.

Aumentaram empresas com salários em atraso

No segundo trimestre do corrente ano, aumentaram as empresas com salários em atraso, mas diminuíram os trabalhadores envolvidos, relativamente ao trimestre anterior — revela um estudo oficial a que a NP teve acesso.

A Inspeção-Geral do Trabalho (IGT), informa que, no segundo trimestre deste ano, foram detectadas em situação de incumprimento de diversas componentes da retribuição 782 empresas, mais 12,3 por cento que no trimestre anterior envolvendo um total de 34.618 trabalhadores, menos 12,6 por cento que nos três meses precedentes.

O documento da IGT revela ainda que o montante global dos salários em atraso ascendeu, no período, a cerca de 9,6

milhões de contos, menos 11,6 por cento que nos três meses anteriores.

As prestações sociais obrigatórias (Segurança Social e Fundo de Desemprego) representam cerca de 77,1 por cento do total do endividamento detectado no segundo trimestre.

Apesar de terem diminuído em 28,2 por cento, relativamente ao trimestre anterior, as remunerações mensais em atraso ascenderam a cerca de 1,5 milhões de contos, o que representa 14,7 por cento ao endividamento total. O endividamento médio global detectado foi de 40,850 escudos por trabalhador, a nível das remunerações mensais em atraso, contra 49,635 escudos no primeiro trimestre deste ano.

Os pais já trabalham por conta própria

Empresários: retrato enquanto candidatos

Um estudo oficial indica que 90 por cento dos portugueses candidatos a empresários são casados, têm entre 30 e 45 anos, são filhos de pais a trabalhar por conta própria e de mães domésticas.

O estudo referido pela Anop diz que num concurso promovido por um organismo estatal para detectar intenções de investimento, entre 126 candidatos «apenas apareceu uma mulher, enquanto a percentagem de solteiros e divorciados ronda os 10 por cento».

Os candidatos a empresários são maioritariamente (61 por cento) filhos de trabalhadores por conta própria nas áreas da agricultura e indústria.

Poucos são os casos em que os candidatos a empresários, de acordo com o documento «são filhos de operários num extremo, ou de quadros superiores/gestores, no outro».

As mães dos candidatos a empresários são, igualmente, na sua esmagadora maioria, «domésticas, ou trabalhadoras independentes na agricultura, indústria, comércio e serviços e apenas 8 por cento têm emprego remunerado, maioritariamente na função pública».

O documento vai mais longe ao classificar como origem do novo empresário português «um meio familiar de classe média de província com certo desafogo económico, apresentando uma distribuição de funções interfamiliar de tipo tra-

dicional: o chefe de família trabalhando, a mulher em casa».

A maior parte dos candidatos a empresários, nos termos do documento, «provém de um meio provinciano e, entre estes, 44 por cento são oriundos de zonas rurais, enquanto 36 por cento vêm de cidades de distrito do litoral ou zonas suburbanas».

Os pais dos candidatos a empresários em mais de 60 por cento dos casos têm «uma situação financeira média» e os casos considerados de situações financeiras «muito boa ou difícil são apenas marginais», de acordo com o documento oficial citado pela agência Anop.

O mesmo acontece ao nível da educação dos pais dos empresários, em que entre 60 e 70 por cento dos casos «apenas têm a instrução primária, nem sempre completa».

Pelo contrário, a maioria dos candidatos a empresários têm formação considerada «francamente elevada» e em um terço dos casos atinge a formação universitária, completa ou incompleta.

Entre os candidatos de formação universitária a maior fatia cabe aos de formação nas áreas da engenharia e da eco-

nomia.

Mesmo assim, cerca de 15 por cento dos candidatos tinha apenas a instrução primária e 17 por cento formação técnica de nível secundário.

Em termos globais, dois terços dos candidatos a novos empresários, de acordo com o documento, «têm uma formação de base orientada para os ramos técnico ou administrativo, o que mesmo sem uma sólida base de comparação se estima estar muito acima da formação dos empresários portugueses actualmente existentes».

Além de melhorias de formação básica relativamente aos actuais empresários, os candidatos apresentam, em 70 por cento dos casos, «formação pós-secundária muitas vezes de vários tipos».

Quase metade dos candidatos a empresários em Portugal (46 por cento), já trabalharam fora do país e regressaram a Portugal há cerca de cinco anos, enquanto a outra metade é constituída por indivíduos «com acentuada estabilidade de emprego» (que estão na mesma empresa ou organismo há cerca de dez anos).

Em dois terços dos casos, os candidatos trabalham em empresas com mais de cem trabalhadores.

Os que «não têm nenhuma experiência de trabalho em empresas correspondem apenas a 10 por cento dos casos».

A maior parte dos candidatos a empresários «pensa no projecto há mais ou menos seis meses, mas 38 por cento já têm projecto há mais de dois anos».

A não realização dos projectos deve-se, em dois terços dos casos, à «falta de financiamento». Os outros citam motivos para a não concretização dos projectos e «apenas um dos 156 candidatos não refere dificuldades financeiras».

As áreas em que pretendem investir são, na grande maioria, as indústrias extractiva e transformadora, seguidas da química e borracha e, só depois, pelos têxteis e produtos alimentares.

No que respeita à localização das empresas que se propõem construir, mais de metade (55 por cento) destinam-se «aos distritos menos desenvolvidos do Interior, Alentejo e Algarve enquanto apenas 8 por cento de destinam às regiões da Grande Lisboa e do Grande Porto (incluindo cidades e concelhos adjacentes)».

Por último, mais de 60 por cento dos candidatos a empresários querem instalar a sua empresa na região onde nasceram. «Curioso notar que, em alguns casos, se trata de um regresso, uma vez que o novo empresário reside e trabalha numa região diferente e vai implantar o projecto na região de origem», conclui o documento oficial.

CEE admite rever o Tratado e Roma

A Comunidade Económica Europeia inicia hoje, segunda-feira, um debate extremamente controverso sobre a União Europeia e a eventualidade da revisão do Tratado de Roma que esteve nasua origem.

Os ministros dos Negócios Estrangeiros reúnem-se no Luxemburgo a partir das 14 horas, na primeira sessão da denominada conferência intergovernamental, agendada na cimeira de Junho em Milão, apesar da oposição da Grã-Bretanha, Di-

namarca e Grécia.

A conferência conta com a participação dos 10 Estados membros e da Espanha e Portugal, que aderiram ao grupo em 1 de Janeiro.

Os ministros deverão apresentar as suas recomendações sobre qualquer emenda ao Tratado até à próxima cimeira do Luxemburgo.

O máximo que se espera da reunião de hoje é um acordo sobre o local onde os ministros se deverão encontrar de novo.

Autorizada a importação de 41 mil automóveis

O contingente de importação de automóveis montados e des-

montados destinados às actividades industrial e comercial foi ontem oficialmente fixado em 41 mil unidades.

COTAÇÕES DE NOTAS		(Por unidade)	
		COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	48\$77	54\$75	
ALEMANHA FED (marco)	58\$70	59\$80	
ÁUSTRIA (xelim)	8\$30	8\$50	
BÉLGICA (franco)	2\$742	2\$942	
BRASIL (cruzeiro)	\$010	\$020	
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	12\$570	12\$540	
(notas de 5 a 1000)	12\$590	12\$590	
DINAMARCA (coroa)	16\$20	16\$60	
ESPAÑA (peseta)	\$950	1\$070	
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	17\$225	17\$425	
(notas de 5 a 1000)	17\$275	17\$475	
FINLÂNDIA (marka)	27\$90	28\$50	
FRANÇA (franco)	19\$20	20\$90	
HOLANDA (florim)	52\$25	53\$25	
IRLÂNDIA (libra)	183\$70	187\$70	
ITÁLIA (lira)	\$080	\$090	
JAPÃO (iene)	\$681	\$716	
NORUEGA (coroa)	20\$15	20\$65	
REINO UNIDO (libra)	22\$985	23\$885	
SUÉCIA (coroa)	20\$05	20\$65	
SUÍÇA (franco)	71\$35	72\$45	
VENEZUELA (bolívar)	9\$40	10\$40	
Observações:			
1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo			
2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.			

UBP recuperou no ano passado

«Os proveitos das operações activas cobriram os custos das operações passivas, contrariamente ao sucedido no ano passado», esta uma das animadoras conclusões sublinhadas pelo Conselho de Gestão da União de Bancos Portugueses no seu relatório e contas, recentemente divulgado. Por outro lado, sublinha o documento, os depósitos à ordem cresceram a ritmo superior ao observado pelos depósi-

tos a prazo e o montante do crédito concedido registou maior ritmo de crescimento que os depósitos — factos que ocorreram pela primeira vez desde a fusão dos bancos que deram origem à UBP.

Estes são alguns dos indicadores que levam a administração do banco a afirmar que «o exercício de 1984 reflecte uma situação promissora» na UBP.

De acordo com o relatório,

face aos condicionalismos envolventes, e em particular a cada vez maior importância que as políticas económicas superiormente definidas têm como factor determinante da rentabilidade e expansão das instituições bancárias, o Banco decidiu concentrar a sua estratégia de desenvolvimento na reorganização interna. Para isso a União de Bancos apostou na modernização tecnológica com a im-

plantação de um novo sistema informático, na formação profissional, numa maior intervenção na área internacional e na criação de novos serviços bancários, designadamente o «Cartão Cliente UBP e os caixas automáticos (ATM'S)».

Entretanto, e com o objectivo de ajustar melhor a estrutura dos recursos próprios do banco foi autorizado o aumento do seu capital social para 5,5 milhões

SARAU DE GINÁSTICA

HOJE ÀS 21.30 H

TORRES VEDRAS NO PAVILHÃO DA FÍSICA

Com a participação das ginastas da URSS, Polónia e Portugal incluindo Campeões do Mundo e Olímpicos, nas classes Desportiva, Rítmica e Acrobática

ORGANIZAÇÃO:

— PELOURO DE DESPORTO DA CAMARA MUNICIPAL DE TORRES VEDRAS

COLABORAÇÃO:

— ASSOCIAÇÃO PORTUGAL U. R. S. S. — CONSELHO LOCAL DE TORRES VEDRAS

— ASSOCIAÇÃO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTIVA DE TORRES VEDRAS

24 HORAS

Canadá também diz não

O Canadá não tomará parte no «programa de investigação norte-americano de mísseis sediados no Espaço». Iniciativa de Defesa Estratégica (SDI), porque não é do interesse nacional, anunciou em Otava o primeiro-ministro canadiano Brian Mulroney.

«Depois de uma cuidadosa e detalhada análise, o Governo do Canadá concluiu que as políticas e prioridades prosseguidas pelo Canadá não justificam um esforço governo-a-governo em apoio ao programa de investigação SDI», disse Mulroney numa conferência de Imprensa.

O Canadá é o terceiro país da NATO a recusar-se a participar no programa norte-americano popularmente conhecido como «Guerra das Estrelas».

Estenssoro propõe «trégua social»

UMA «trégua social», que se prolongue até finais do ano, foi proposta pelo governo do presidente Vítor Paz Estenssoro aos dirigentes da central sindical boliviana (COB)., anunciou o porta-voz do Governo, Reynaldo Peters.

Hoje à tarde, os dirigentes da central sindical vão reunir-se para decidir que medidas serão adoptadas contra o plano económico do governo.

«Temos explicado à direcção da COB o alcance do decreto supremo 21060 (que inclui 170 artigos denominados Nova Política Económica aprovado em 29 de Agosto) e temos trocado ideias e observações», disse o ministro Reynaldo Peters, a um grupo de jornalistas.

Os ministros dos Transportes, Minas, Trabalho, Finanças, Defesa e Informação, sob a tutela da presidência do ministro da Planificação, Guillermo Bedregal, lograram o compromisso da direcção da COB de levar a proposta do Governo à reunião de hoje, a fim de iniciar o diálogo entre governo e trabalhadores.

Reynald, Peters reiterou, entretanto que se prosseguir a greve da COB, o governo fará cumprir as leis e a Constituição da República.

O Papa no Principado

O Papa João Paulo II condenou duramente o aborto na sua visita de um dia ao Liechtenstein, afirmando ser um crime repugnante tirar a vida às crianças.

O Papa também instou os 27 mil habitantes católicos do Principado, que possuem o mais elevado rendimento «per capita» da Europa, a cortarem com o «mundo egoísta que ameaça os seus valores cristãos».

Este foi um dos seus mais ferozes ataques ao aborto que é ilegal no Principado mas que é permitido sob determinadas circunstâncias nos países vizinhos: Suíça e Austria.

«O aborto é um crime repugnante», disse o Papa aos líderes do país no castelo de Vaduz, residência do devoto príncipe do Liechtenstein Franz Josef II.

Proposta de Arafat

O líder da Organização Para a Libertação da Palestina (OLP) Yasser Arafat, propôs a Israel um plano para «alcançar a paz a troco de um território».

Ao anunciar a sua iniciativa, numa conversa via satélite, com a Convenção Anual do Comité Antidiscriminação Árabe-Americano, Arafat expressou a sua esperança de que a proposta seja aceite por «toda a opinião pública internacional, pelas Nações Unidas e por todas as Forças Democráticas e Progressistas de Israel».

O líder da OLP disse esperar o apoio dos Estados Unidos para conseguir a paz.

Cocaína

A cidade brasileira Guajara Mirim, na fronteira com a Bolívia, e o maior centro de tráfico de cocaína do Mundo, afirmou o delegado do Ministério público da região, em declarações publicadas pelo diário «O Globo».

Segundo o delegado Jose Osmar Araújo, as operações começam na cidade boliviana Guayara, Merin, separada pelo rio, Mármore da cidade brasileira Guajara Mirim, no Estado amazónico de Rondônia.

Polícia chilena não distingue oposições

A Polícia de Segurança chilena prendeu 64 opositoristas nas suas casas, depois de três dias de agitação violenta contra o regime militar, revelaram em Santiago fontes oficiais.

O governo anunciou que pode expulsar alguns dos dos «dissidentes» agora presos para o exílio interno.

O porta-voz governamental, Francisco Cuadra disse que as prisões faziam parte da repressão aos organizadores e participantes em manifestações contra o presidente Augusto Pinochet.

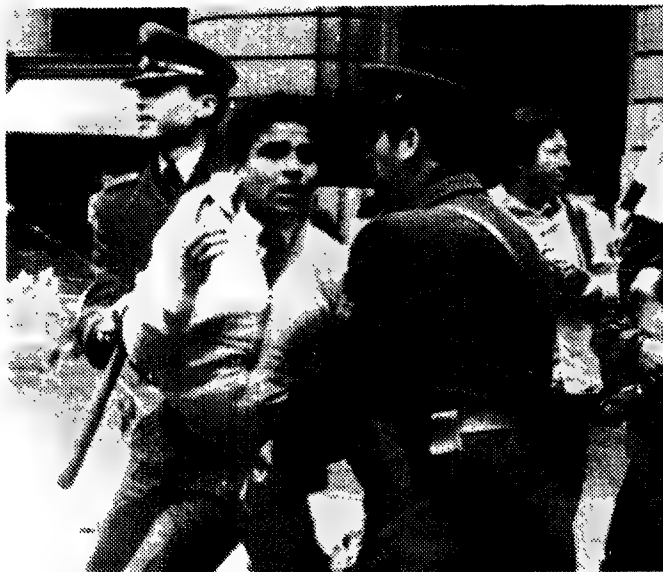
Entre os presos incluem-se activistas dos meios laborais, estudantes e organizações de moradores dos bairros degradados.

Todos os «dissidentes» o termo é da agência NP, foram acusados de violarem a segurança nacional.

Nas rusgas domiciliárias efectuadas por detectives armados foram também detidos pelo menos, quatro dirigentes dos partidos socialistas democráticos que evitaram a manifestação e se aliaram a um amplo «acordo nacional» com grupos moderados da oposição em apoio de propostas constitucionais para ultrapassar a fase do regime militar.

O ministro da presidência do Chile disse que «não podemos conversar sobre o futuro do país, quando a violência é a causa dos problemas que afectam a opinião pública». Jornalistas comentaram: «Tal qual pilotos».

Francisco Javier Cuadra considera «inaceitáveis, nas



Mais um para a cadeia no Chile

circunstâncias presentes», as reivindicações contidas na proposta de «acordo de transição para a democracia plena» apresentada por onze partidos da oposição de direita, centro e esquerda.

O acordo inclui eleições de um presidente da República e de um Parlamento nacional por sufrágio directo, a legalização dos partidos políticos e a revisão da Constituição chilena de 1980.

A primeira resposta do governo do general Augusto Pinochet ao plano apresentado há algumas semanas foi de fazer observar que algumas das propostas da Oposição são incompatíveis com a Constituição vigente e que os aspectos

positivos do documento já foram «implementados pelo governo».

Os violentos incidentes, que se registam em Santiago desde a jornada de protesto convocada quarta-feira passada pela oposição de esquerda para comemorar o décimo quinto aniversário da eleição de Salvador Allende à presidência do Chile, foram utilizados pelo ministro Cuadra para endurecer a posição de rejeição das propostas da oposição democrática.

Cuadra disse que o «acordo» não pode constituir uma base séria de negociações porque «alguns dos seus subscritores não têm uma atitude coerente».

Falhado golpe de Estado na Tailândia

As tropas rebeldes que hoje de madrugada desencadearam uma tentativa de golpe de Estado na Tailândia renderam-se cerca de 10 horas depois — informou um comunicado oficial.

A rendição teve lugar pouco tempo depois de expirar o prazo dado em ultimato pelas forças que se mantiveram leais ao governo — até às 18h00 TMG (09h00 de Lisboa).

Um porta-voz militar disse que as forças militares rebeldes tinham-se rendido junto do quartel-general do Supremo Comando e que os blindados que cercavam o palácio do governo estavam a regressar às suas unidades.

O primeiro-ministro Prem Tinsulanonda, que se encontrava de visita à Indonésia e que inicialmente disse que adiaria o regresso a Banguecoque até uma clarificação da situação, partiu para o seu país logo após as primeiras indicações de que o golpe tinha fracassado.

Os rebeldes, autointitulando-se «Partido Revolucionário», tinham-se apoderado do supremo comando militar do país e, num comunicado, ordenavam a dissolução do Parlamento e a suspensão da Constituição, justificando o seu acto com o objectivo de melhorar a situação económica do país, que efectivamente não é famosa.

CHEQUE-TREM
Conta aberta na C.P.

O CHEQUE TREM é um novo meio de pagamento que permite a aquisição sucessiva de serviços ferroviários. Apresenta-se em duas modalidades: nominat vos e de Empresa, e com dois valores: 12 500\$00 e 17 500\$00, beneficiando o comprador de uma redução de 15% no acto da compra. O CHEQUE TREM é um novo título de transporte com validade ilimitada que pode adquirir todos os tipos de bilhetes para 1.ª e 2.ª classes para com-
boios
nir
mais e
rapidos.
Suplemen-
tos, reser-
vas, despa-
cho de auto-
móveis e co-
bi-
brancas em
transito. Não é válido no entanto para
combustos transvas nem nas áreas de
utilização do passe social.
O CHEQUE-TREM já entrou em cir-
culação e encontra-se em qualquer
estação da CP ou nas Agências de
Viagens.

15% de redução imediata

CP
caminhos de ferro - caminhos de futuro

com-
boios
nir
mais e
rapidos.
Suplemen-
tos, reser-
vas, despa-
cho de auto-
móveis e co-
bi-
brancas em
transito. Não é válido no entanto para
combustos transvas nem nas áreas de
utilização do passe social.
O CHEQUE-TREM já entrou em cir-
culação e encontra-se em qualquer
estação da CP ou nas Agências de
Viagens.



Manuel Fernandes: ajoelha um opositor



Álvaro no chão e Veiga Trigo atento



Porto ataca pelo alto

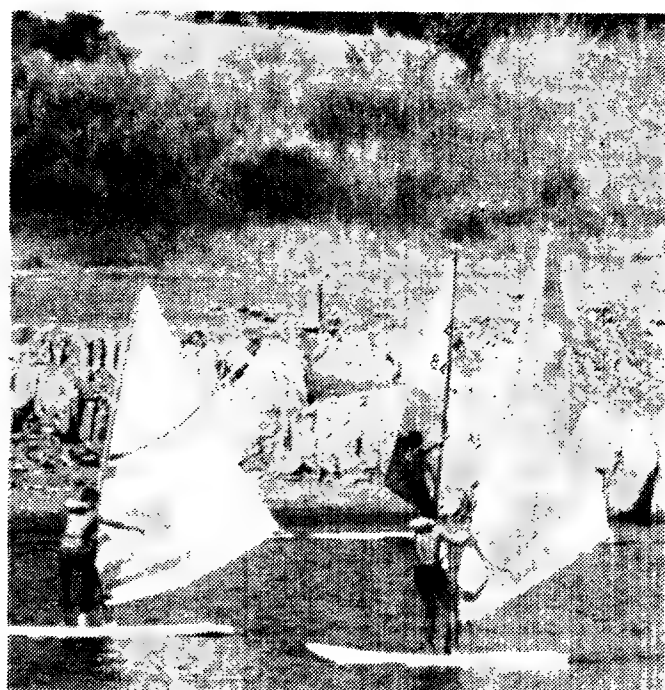
Futebol: surpresas e confirmações

Jornada n.º3. Ronda com muitas surpresas. Foi em Guimarães onde o Benfica perdeu pela segunda vez no torneio. No Funchal onde o Salgueiros na «versão Humberto» venceu por um solitário gol. Em Belém o Belenenses realizou

exibição de «grande gala» frente aos bracarenses de Calisto. Alvalade foi palco de mais dois golos de Manuel Fernandes e assistiu-se a uma arbitragem medíocre dum árbitro que é por alguns apontado como figura de proa da arbitra-

gem. Nas Antas, em vez dos costumados aplausos foram escutados assobios de desencanto. Portimão foi palco onde os «melros do Choupal» iam causando um certo «escândalo». Como se vê aconteceu futebol!...

Pág. 16



“Avisiada”: desporto para todos

Desporto para todos em Avis. A «Avisiada» é isso mesmo. Desporto de massas em manifestação de festa popular. Centenas de pessoas têm vindo ao longo de vários dias a desenvolver intensa actividade desportiva e cultural nas diferentes localidades daquele concelho alentejano, participando numa iniciativa levada a efeito pelo pelouro de desporto e cultura da Câmara Municipal de Avis com o patrocínio das juntas de freguesia e colectividades regionais.

Um acontecimento que constituirá um marco de orgulho para aquela autarquia, porquanto a adesão tem revelado o interesse da população por tão relevante iniciativa.

A «Avisiada» é demonstração de como se deve fazer massificação desportiva e apenas se lamenta que tais exemplos não possam ser continuados em todos os municípios do país dando às populações, com particular incidência na juventude, as condições para a prática do desporto. E não nos esqueçamos de que desporto é, também, uma forma de cultura.

A «Avisiada» prossegue com o êxito que daqui se aplaude.

Fórmula Um

Prost corre para o título



Ginastas soviéticas na “Festa do Avante”

Entre as manifestações de carácter desportivo que se integraram na Festa do Avante!, realizada nos últimos três dias no Alto da Ajuda, o nosso destaque vai para a presença de uma de-

zena de ginastas da União Soviética que, perante milhares de pessoas, exibiram (com rara beleza, algum sortilégio e inquestionável fascínio) o seu talento e as suas reconhecidas, apreciadas e

aplaudidas potencialidades de atletas que ostentam no seu palmarés títulos de âmbito europeu e mundial. Entre as presentes uma nota muito alta para Olga Bitche-rova (Mestre Emérito de

Desporto da URSS), campeã absoluta da Europa e do Mundo e vencedora da Taça do Mundo e da Universiada.

A foto fixa um excelente momento da sua actuação.

Resultados e marcadores

BOAVISTA, 5-AVES, 1
Filipovic (2), Tonanha (2) e Rafael e Carlinhos
PORTIMONENSE, 2-ACADÉMICA, 2
Pita (2), Barry e Flávio
MARÍTIMO, 0-SALGUEIROS, 1
Janita
V. SETÚBAL, 3-COVILHÃ, 1
Jason (2), F. Cruz e Jorge Tavares
BELENENSES, 3-BRAGA, 0
Paulo Monteiro, Sobrinho e Jorge Silva
V. GUIMARÃES, 2-BENFICA, 1
Oliveira (pr.), Roldão e Carlos Manuel
FC PORTO, 3-PENAFIEL, 1
Semedo, Gomes, J. Pinto e Sanhá
SPORTING, 3-CHAVES, 0
M. Fernandes (2) e Saucedo

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	G	P
Sporting	3	3	0	0	11- 1	6
Boavista	3	3	0	0	8- 1	6
FC Porto	3	2	1	0	6- 2	5
Guimarães	3	2	1	0	3- 1	5
Portimonense	3	1	2	0	4- 3	4
Belenenses	3	1	1	1	4- 3	3
Setúbal	3	1	1	1	3- 2	3
Chaves	3	1	1	1	3- 4	3
Salgueiros	3	1	1	1	2- 3	3
Benfica	3	1	0	2	10- 4	2
Académica	3	0	2	1	4- 6	2
Braga	3	1	0	2	4- 6	2
Marítimo	3	1	0	2	2-10	2
Sp. Covilhã	3	0	1	2	1- 5	1
Aves	3	0	1	2	3- 8	1
Penafiel	3	0	0	3	1-10	0

Próxima jornada (domingo, 17 horas)

Covilhã-Portimonense, Aves-Porto, Benfica-Setúbal, Chaves-Boavista, Salgueiros-Guimarães, Braga-Sporting, Penafiel-Marítimo e Académica-Belenenses.

2.ª e 3.ª divisões: pontapé de saída

Finalmente os campeonatos secundários começam no próximo fim-de-semana. Quanto à 2.ª divisão não existe qualquer questão que coloque dúvidas quanto ao «arranque» ainda que no que respeita à 3.ª, persista o diálogo entre os representantes dos clubes (formados em comissão), a Federação e o Governo quanto à distribuição das verbas do Totobola e Totoloto e ainda a questão que envolve os clubes da série «E» e se relaciona com subsídios de deslocação aos Açores e Madeira. Pensamos, no entanto, que a solução seja encontrada por forma a que os «nacionais» se iniciem dentro dos prazos regulamentares.

«Portugal dos pequeninos»

Organizado pela Comissão de Desenvolvimento do futebol juvenil do distrito de Coimbra está a decorrer em diversas localidades daquele distrito um torneio internacional com a participa-

ção das equipas do Belenenses, Académico, Real Madrid, Sporting, União de Coimbra e uma selecção da AF Coimbra. Resultados dos primeiros encontros: Belenenses, 3 - Académica, 1; Sporting, 3 - União de Coimbra, 1; Belenenses, 0 - Real Madrid, 1 e Sporting, 3 - Selecção, 1.

Associação de Lisboa organiza Curso de Técnicos

A Associação de Futebol de Lisboa vai organizar o seu I Curso de Técnicos Distritais entre as inscrições abertas até ao dia 15 do corrente e tem como objectivos a alcançar, um maior aperfeiçoamento e rendimento técnico da prática do futebol. A AFL pretende dedicar este curso a praticantes que se encontram a treinar equipas de muitos dos clubes filiados. Serão ministradas as seguintes disciplinas: condição física, técnica e tática, medicina desportiva, leis de jogo, organização do futebol distrital, futebol juvenil e psicologia desportiva.

«Portista» Elói está em brasa

O já portista Elói — ainda ao serviço do Botafogo — anda em brasa com o seu clube e desejo de tomar lugar num qualquer avião que o transporte às Pedras Rubras, tendo lamentado a falta de pagamento de três meses de vencimento e outras quantias devidas, e ameaça fazer accionar os trâmites legais se até final da próxima semana não lhe pagarem, e partir imediatamente para Portugal. Citando o nosso estimado colega «Jornal de Notícias» Elói teria afirmado: **estou conflante de que nos próximos dias estarei pronto a vestir a camisola do FC Porto.**

No Brasil, como por aqui, o conflito entre clubes e futebolistas roda no mesmo sentido...

Futebol: campeonato nacional — jornada 3

Benfica: abdicação ou me

Seja como for, uma derrota do Benfica, ainda que seja contra um opositor com alta cotação na «bolsa europeia», será sempre acontecimento surpreendente. Quanto às razões desta nossa teimosa convicção remetemos o amigo leitor para o palmarés singular do futebol benfiquista construído ao longo dum historial que é orgulho de milhares. Por isso, considerámos que esta nova derrota da turma que agora não é orientada pelo inadaptado Pal Csernai, mas sim comandada por um reputado treinador que pelo 4.º ano se encontra a trabalhar para o clube é motivo de surpresa para nós e outros, e de profundo desencanto para muitos mais. Primeiro nas Antas e agora em Guimarães, o Benfica cedeu quatro pontos aos seus pares e, naturalmente, começou a descrença de alguns dos seus dedicados prosélitos quanto à reconquista do prestígio tido em tempo ainda recente.

Ainda que os seus dirigentes insistam na afirmação de que o elenco é suficiente e valioso apenas para travar as críticas dos que recomendavam a revalorização do plantel, todos sabemos que o Benfica conta nas suas fileiras alguns dos mais valorosos e credenciados artistas do «chuto na bola» — não há aqui qualquer intenção pejorativa quanto à profissão de futebolista — só que os seus mais directos opositores (e incluímos o Boavista no lote) cuidaram de se valorizar ainda que não tenham sido desfalcados de qualquer pedra nos tempos recuados. E bom será que tenhamos



Em Belém houve exibição de grande regalo

em atenção que João Alves, Filipovic, Frederico, Stromberg, Chalana e também Humberto Coelho certamente que não tiveram em Vando, Rui Águas, Vítor Duarte, César Brito ou Simões os substitutos que se lhe possam aproximar em génio, talento e demais potencialidades. Esta a verdade que terá de ser compreendida por todos e ignorá-la será no mínimo fugir às responsabilidades...

Porto vacila

Parece que sim, e o próprio treinador Artur Jorge admite que as «coisas» não correm dentro das previsões generalizadas e prometidas aquando do encontro inaugural frente ao Benfica. A falta de Eurico poderá constituir alguma atenuante para a oscilação global da equipa, só que não será razão única. Há oito dias em Paranhos, aconteceu um empate algo comprometedor e no sábado os assobios que ecoaram nas Antas não foram inspirados pelo agrado da exibição. Começo de temporada? Entrosamento demorado? Crise de forma de um ou outro elemento? Talvez seja apenas isso e desejamos que sim porque o jogo com o Ajax (que ontem venceu por conclusante 7-0) aproxima-se e todos desejamos que os «dragões das Antas» vão caminhando Europa fora.

Salgueiros «mostra-se»

Derrota (0-2) no Bessa frente ao «europeu» Boavista, empate

Belenenses: O reencontro

Chegou a afirmar-se que o inglês Melia estava na «corda

Saucedo

bamba» e como treli do Restel sentira u Aves e pe no passad respondei mostrou estádio p tado por (vel de tod azul vesti adeptos. grande A reconheç mentos» meros ac simistas (será a rea norte ante a exibição

Sporting, 3-Chaves, 0

Candeia que segue à frente...

Prometera o treinador flaviense, Raul Águas, que a sua equipa iria a Alvalade «dar o máximo». A promessa foi, em boa medida cumprida. O Chaves deu tudo o que podia e sabia, sobretudo nos primeiros 45 minutos. E de tal modo, que o Sporting sentiu reais dificuldades no acerto de agulhas e na busca do caminho para a baliza de Fonseca. Mas, na ânsia de cumprir a qualquer preço, a palavra de ordem de «dar o máximo», os esforçados, e nada toscos transmontanos excederem-se no jogo duro, por vezes violento e, por aí perderam a possibilidade de criar uma grande surpresa nesta terceira jornada do nacional.

Para tanto ajudou igualmente a peregrina ideia do técnico verde-branco de colocar Romeu como defesa esquerdo. Hábíl estratega com um futebol inteligente Romeu, é, todavia, demasiado lento. E, como se isso não bastasse, tocou-lhe pela frente o mais rápido e perigoso dianteiro flaviense, António Borges que, enquanto durou (quase toda a primeira parte) desorientou Romeu e abriu brechas na defensiva da casa. É que para além das fugas laterais de Borges, os centrais Morato e

Venâncio tiveram pela frente outros dois rápidos e talentosos dianteiros, Jorge Plácido e Jorge Silva, bem apoiados pela experiência de Ferreira da Costa e pela força e capacidade técnica de Paulo Rocha, os três atacantes de Chaves criaram sérios embaraços aos novos internacionais leoninos. Iam estragando a festa.

Só que... a defesa azul-rubra, excessiva na distribuição de «fruta» aos avançados do Sporting, começou a criar alguma

animosidade. E, Saucedo que entrou, a substituir Carlos Xavier lesionado (Manuel José pensou inicialmente em Romeu...), teve, por via dessa rudeza, uma entrada duríssima sobre António Borges. Resultado: Borges saiu e não voltou. Dois minutos depois o argentino não perdoou uma oportunidade à entrada da área e desfeiteou Fonseca. Recomeçado o jogo, Vivas, Amândio e Bio, insistiram na dureza, com ou sem bola. E foi sem bola que Amândio pregou uma cabeçada em Saucedo. O fiscal de linha viu e correu a avisar o árbitro. Terminou aí a resistência transmontana.

Os restantes dois golos, de Manuel Fernandes (será que o seleccionador nacional embirrou mesmo com o avançado da pontaria afinada?) resolveram a partida.

Saliente-se, porém e uma vez

mais, que apesar da derrota, a equipa de Chaves mostrou em Alvalade que tem pernas para andar e continuar na divisão maior do nosso futebol. Precisa, talvez, de um pouco mais de serenidade. Força, técnica e talento não lhe faltam para fazer um campeonato tranquilo a criar, até, algumas surpresas.

Quanto ao Sporting, salvo a infeliz ideia de Romeu no lugar de Fernando Mendes, Manuel José parece estar a encontrar o onze certo. O regresso de Jaime Pacheco, o operário do «miolo», pode vir a dar outra produção e segurança ao futebol leonino. Sábado, o ex-portista jogou com força e alegria nos primeiros 40 minutos, foi a fase mais embaraçada da equipa, com o Chaves a criar problemas. Depois veio o cansaço e a natural substituição mas pergunta-se: Jaime Pacheco está realmente curado?

Na fre força e cc rendimen des e de am trio n turo o di

Quanto cisco Sil nheça as preparaç forte e te valade) r tões. Não vantou o vez o ve que ficou rança, c cedo não quando (António dão tive devem e Mais pe rança, m a regra c futebol.

...nera circunstância?



Saucedo: força, precisão e... golo

bamba» e teria os dias contados como treinador do grande clube do Restelo, apenas porque consentira um empate frente ao Aves e perdera em Chaves, mas no passado sábado a sua equipa respondeu aos descrentes e mostrou sobre o palco do seu estádio um futebol de autêntico regalo, perante o Braga orientado por Calisto. Exibição notável de todos os intervenientes de azul vestidos, e os milhares de adeptos, da colectividade do grande Acácio Rosa, souberam reconhecer que os «acontecimentos» anteriores haviam sido meros acidentes. Os mais pessimistas questionarão: mas qual será a realidade? A apatia e des-norte ante o Aves e o Chaves ou a exibição de gala de sábado? A

resposta cabe a Melia e seus comandados.

Sporting: Força e crença

Naturalmente que os testes a que a turma de Manuel José foi submetida nestas três jornadas do campeonato, defrontando o Penafiel, Aves e Chaves, não serão os mais rigorosos para aferir das actuais potencialidades da equipa, só que o «calendário» lhe foi favorável, proporcionando confrontos com opositores de valia inferior e que servem para que o treinador vá encontrando a equipa-padrão, e porque os resultados são positivos a moralização e força psicológica vai-se cimentando. Refira-se, todavia, que Manuel José ao contar com o genial

Jaime Pacheco terá encontrado o conjunto ideal e receamos que não venha a enfrentar uma «crise de quantidade» sobretudo nos sectores avançado e no «miolo». E que dizer da forma soberba do «Manel», que em cada jogo «ensarilha» as defensivas contrárias?

Boavista em bom começo

Três jogos, três triunfos, oito golos marcados e um apenas sofrido. É este o resumo da produção do futebol da turma do Bessa (João Alves a justificar a opção de Valentim Loureiro), que brevemente vai medir forças com o poderoso Brugge, da Bélgica. Tal como o Sporting, também se nos afigura que os

testes (Salgueiros, Penafiel e Aves) não permitem um julgamento perfeito das condições da equipa, no entanto tudo indica que o conjunto (fortemente reforçado) vai dar seguras garantias.

Portimonense e os demais

Citamos o Portimonense apenas porque se trata dum participante nas competições europeias a começar dentro de uma semana. Em verdade a turma agora comandada pelo jovem «expert» Vitor Oliveira não se encontrará na plenitude das suas capacidades (nem ela nem as outras), mas o «nulo», frente à Académica, poderá mesmo evidenciar que a equipa não está muito mal, já que recuperar dois golos contra os «matreiros pardalitos» mostra que os jogadores se encontram moralizados. Quanto aos outros há que considerar o excelente começo dos comandados de António Morais (e o triunfo sobre o Benfica é prova bastante) que parecem prometer o retorno ao plano cimeiro. Sobre os outros concorrentes, julgamos que os resultados tem sido normais até mesmo o Penafiel, onde José Moniz reafirma que «estão no bom caminho», porquanto jogar em Alvalade e nas Antas e receber o Boavista é obra!...

E ao «correr do teclado» fizemos uma análise geral esquecendo-nos de que nos cumpria comentar apenas a jornada. Aconteceu.

AH

Seleção partiu para Estrasburgo

Amanhã: «ensaio geral» para Praga

Na noite do passado sábado os responsáveis do Gabinete Técnico da FPF, divulgaram o nome dos 16 elementos escolhidos para participarem na «operação-Estrasburgo» em jogo de preparação para o confronto do dia 25 do corrente com a Checoslováquia, seguindo o encontro com Malta (12 de Outubro) para finalmente se completar a «longa maratona» a 16 do mesmo mês frente à RFA. José Torres e seus adjuntos continuaram a ignorar escandalosamente Manuel Fernandes e não se entende porque foram igualmente votados ao ostracismo Diamantino e José Beto. Isto porque Sousa e José Luís só agora foram notados pelos «experts» federativos em troca por Litos e Carlos Manuel (lesionados). Porque o benfiquista Nunes se tenha ressentido dum «toque» no jogo de Guimarães foi promovido o belenenses Jaime que fazia parte do lote das «esperanças». Para Estrasburgo seguiram: Bento, Damas, João Pinto, Laureta, Marato, Venâncio, Frederico, André, Semedo, Pedro Xavier, Gomes, Futre, Álvaro, José Luís, Jaime e Sousa. Entretanto quanto às «esperanças» foram chamados Carlos Xavier, Jorge Silva e Rui Barros em substituição de Mito, Jorge Plácido e Germano.

Considerando o «elenco» que mereceu a aprovação de Torres & C.^a, é de prever que no «ensaio» de amanhã, o onze inicial seja este: Bento; João Pinto, Venâncio, Morato e Laureta; Semedo, André, José Luís e Sousa; Gomes e Futre.

A comitiva portuguesa saiu de Lisboa pelas 12.30 horas fazendo escala em Paris estando a chegada a Estrasburgo prevista para cerca das 18.30, ficando instalada no Centro de Estágio da Adidas que se situa a cerca de 20 quilómetros daquela cidade.

Chefia a comitiva Amândio de Carvalho que integra além dos 16 jogadores já referidos, o secretário-geral César Grácio, os treinadores Torres e Jaime Graça, médico Camacho Vieira, massagistas João Silva e Joaquim Cotovio e o roupeiro António Gonçalves.

O encontro realiza-se às 19.30 (hora portuguesa) e o regresso está previsto para as 19.40 horas de quarta-feira.

EA

Totobola A chave

Sporting-Chaves	1
Guimarães-Benfica	1
Setúbal-Covilhã	1
Marítimo-Salgueiros	2
Boavista-Aves	1
Belenenses-Braga	1
Portimonense-Académica	X
A. Madrid-Barcelona	1
Espanhol-Real Madrid	2
Bétsis-Gijón	X
Bayern-Hamburgo	1
E. Frankfurt-B. Uerdingen	X
M'Gladbach-Colónia	X

Jogue connosco

CONCURSO N.º 37/85

15 de Setembro de 1985

Aves-Porto	2
Braga-Sporting	X
Benfica-Setúbal	1
Covilhã-Portimonense	1
Salgueiros-Guimarães	X
Penafiel-Marítimo	1

Chaves-Boavista	X
Académica-Belenenses	X
Lourosa-Varzim	2

Fafe-Rio Ave	1
Peniche-Águeda	X
U. Santarém-U. Coimbra	X
Oriental-Farense	2

Casos e Factos

Golos: mais dois do «Manel»

Continuando a ser ignorado pelo seleccionador José Torres, o sportinguista Manuel Fernandes continua a evidenciar a sua actual condição físico-técnica excepcional, jogando de forma soberba e marcando golos em todos os encontros. Depois de cinco remates certos frente ao Penafiel, coube-lhe apontar o tento do triunfo no jogo com o Aves e no passado sábado nas «barbas» dos responsáveis da equipa dita de «todos nós», averbou mais dois golitos. Três jogos e oito tentos, mas, mesmo assim, Torres não o escolhe. Coisas...

Até ao momento foram marcados 69 golos (20-21-28) estando o veterano arti-



«Manel»: e vão oito...

lheiro de Sarilhos na frente com os citados 8, seguindo-se Carlos Manuel, Gomes e Tonanha todos com 3 e depois um grupo de 8 com 2 e 36 que somente visaram (com êxito) as redes opositoras uma vez.

Disciplina: uma expulsão

Depois de Kiki (Chaves) ter com a amostragem do «amado» primeiro futebolista a ver

rela». Saliente-se que nas três jornadas já realizadas foram exibidos 2 vermelhos e 43 amarelos e como nota positiva uma palavra de apreço para o Penafiel que teima em manter fora da onda... O Chaves (4 amarelos e 2 vermelhos) segue no comando da indisciplina, seguindo-se o Sporting e o Aves (6), Marítimo (5), Salgueiros, e Braga (4), Portimonense (3), Covilhã, tência» e um deles (Rogadas, do Marítimo) é reincidente porquanto na ronda anterior tinha sido igualmente contemplado

Guimarães.

Arbitragem: uma excepção



Francisco Silva. má nota em Alvalade

Ressalvando a eventual agressão cometida pelo árbitro portuense Joaquim Gonçalves sobre o futebolista Kiki, quando do encontro de Coimbra, e respeitando a jornada inaugural do campeonato, não surgiram ainda casos graves no decurso desta temporada. Sobre a actuação das equipas de arbitragem nesta jornada, poderemos

considerar ter havido alguns lapsos de julgamento por parte de Xavier Oliveira (Setúbal - Covilhã), Veiga Trigo (Guimarães - Benfica), não terá acertado totalmente, enquanto Carlos Esteves situou-se à beira do «excelente» no Marítimo - Salgueiros e João Rosa (Portimonense - AAC), Raul Nazaré (Boavista - Aves) e Rosa Santos (Belenenses - Braga) não terão cometido o mínimo lapso. Negativismo arbitral (e o argumento de que os jogadores não facilitam, não colhe o nosso acordo) houve em Alvalade sendo seus intérpretes os três «juizes» vindos de Faro chefiados por Francisco Silva. Noutro local se anota a crítica do nosso companheiro Eugénio Alves sobre os incidentes de Alvalade. Aqui, apenas se lamentam.

Frases soltas

Elas aqui ficam.

CALISTO (treinador do Braga): «triunfo justíssimo do Belenenses». JOSÉ MONIZ (treinador do Penafiel): «o nosso campeonato começa domingo». (VIEIRA NUNES) (treinador do Covilhã): «o Covilhã deu muitas facilidades». AMÂNDIO (jogador do Chaves): «Saucedo inutilizou o nosso «capitão». AD FAVIE (técnico do Feyenoord): «Manuel Fernandes é um jogador extraordinário». Professor NECA (treinador do Aves): «com esta sorte o Boavista será campeão». VAN DER KART (técnico do Ajax): «desculpe, mas não faço qualquer comentário». MÁRIO NUNES (treinador do Marítimo): «o árbitro não teve influência no resultado». MORTIMORE (técnico do Benfica): «vou ter que falar com os meus jogadores». HENK HONWAART (observador vindo de Brugge): «nós não somos o Aves».

Mário Silva: vencedor absoluto

Mário Silva, ao volante de um BMW M1, foi o vencedor absoluto da Rampa da Penha, prova pontuável para o Campeonato Nacional de Velocidade, organizado pelo Targa Clube.

Para além dos carros do nacional «A» e «N» correram também os carros do nacional de velocidade/iniciados e ainda os do Grupo B, extracampeonato.

António Borges (Volvo 240 Turbo), venceu o Grupo A e Mário Silva (Renault 5 GT Turbo) o «N».

Os vencedores dos iniciados foram Hélder de Oliveira (Rover) e José Graça (Fiat Ritmo Abarth) nos agrupamentos «A» e «N» respectivamente.

O nacional de velocidade é tido o primeiro campeão. É Edgar Fortes que ao conseguir um brilhante segundo lugar a 1.55.670 (102.706 km/h) e os centésimos de segundo de Mário Silva, vencedor na prova destinada aos carros de série, sagrou-se campeão nacional do Grupo N. Para o piloto da Renault bastava-lhe ficar à frente de Jorge Petiz e de João Salavessa para assegurar o título.

Quanto à prova do agrupamento A, que era aguardada com bastante expectativa uma vez que iria opor um António Rodrigues (Volvo 240 Turbo) e um Manuel Fernandes (BMW 635 CSI), ambos candidatos ao título do respectivo agrupamento, e necessitavam de pontuar para garantir a melhor posição do campeonato. No entanto, António Rodrigues a jogar em casa, não deu qualquer hipótese ao seu adversário e venceu com um certo à vontade esta corrida, dando assim um importante passo para a corrida ao título. Por sua vez, Manuel Fernandes, não conseguiu ir além de um modesto quarto lugar o que lhe compromete bastante as suas aspirações.

Durante as duas subidas, o forte opositor ao vencedor foi Rufino Fontes, em Alfa Romeo GTV 6, que viria a classificar-se em segundo lugar no

Grupo E e em terceiro da geral. A terceira posição foi para outro Volvo 240 Turbo, tripulado por Artur Mendes, pelo que ficou demonstrado em Guimarães que os carros suecos já ultrapassaram os problemas que os vinham afectando desde o Autódromo do Estoril.

No lote dos concorrentes do Grupo B extracampeonato, Mário Silva foi o melhor e obteve a vitória absoluta da Rampa. De facto tal vitória não surpreendeu, já que Mário Silva possui o potente BMW M1, não dando hipóteses a outros carros, apenas António Rodrigues ousou ficar na mesma casa de minuto mas a 3 segundos do primeiro classificado.

Hélder de Oliveira (Rover 3500), venceu destacado a prova do Grupo A/iniciados, fazendo o traçado em menos 12 segundos que o segundo classificado que foi Pedro Mariano (Renault 11 Turbo).

No Grupo N/iniciados, José Graça (Fiat Abarth), após um despique com Carlos Leitão (Renault 5 Turbo), conseguiu levar a melhor na subida e alcançou o primeiro posto. José Macedo (Golf GTI), actual líder deste agrupamento, não foi além da terceira posição.

Classificações

Geral: 1.º Mário Silva — BMW/M1 — Grupo B — 1.55.670 (102.706 km/h); 2.º António Rodrigues — Volvo 240 Turbo — Grupo A — 1.58.160 (100.540); 3.º Rufino Fontes — Alfa Romeo GTV 6 — 2.01.050 — Grupo A (98.141); 4.º António Barros — Renault Turbo — 2.01.810 — Grupo B — (97.529); 5.º Artur Mendes — Volvo 240 Turbo — 2.02.600 — Grupo A — (98.900); 6.º Manuel Fernandes — BMW 635 CSI — 2.03.260 — Grupo A — (96.382); 7.º Mário Silva — Renault Turbo — 2.05.140 — Grupo N — (94.934); 8.º Edgar Fortes — Renault Turbo — Grupo N — 2.05.460; 10.º José Peres — BMW 635 CSI — Grupo A — 2.06.470.

Grupo A: 1.º António Rodrigues — Volvo 240 Turbo — 1.58.160; 2.º Rufino Fontes — Alfa Romeo — 2.01.050; 3.º Artur Mendes — Volvo 240 Turbo — 2.02.600.

Grupo N: 1.º Mário Silva — Renault Turbo — 2.05.140; 2.º Edgar Fortes — Renault Turbo — 2.05.470; 3.º Carlos Barata — Renault Turbo — 2.08.480.

Grupo A — Iniciados: 1.º Hélder Oliveira — Rover 3500 — 2.08.710; 2.º Pedro Mariano — Renault Turbo — 2.20.890; 3.º Manuel Trindade — Fiat 127 — 2.24.080.

Grupo N — Iniciados: 1.º José Graça — Fiat Ritmo — 2.13.460; 2.º Carlos Leitão — Renault Turbo — 2.13.930; 3.º José Macedo — Golf GTI — 2.15.970.

Grupo B: 1.º Mário Silva — BMW M1 — 1.55.670; 2.º António Barros — Renault Turbo — 2.01.810; 3.º Araújo Santos — Ford Escort RS — 2.08.380.

Atletismo: Grande Prémio de Roma

Aurora: apenas mais uns dólares...

Com a presença de alguns dos mais credenciados atletas mundiais, realizou-se em Roma o «Grande Prémio» em atletismo, no qual participou a nossa excelente Aurora Cunha que «metida» entre as grandes vedetas Mary Decker, Puica, Zola Budd e outras, não conseguiu classificar-se melhor do que no 6.º lugar com um tempo muito distante do seu recorde nacional. Decker estabeleceu novo recorde dos EUA com 8.25,83 enquanto Aurora completou os 3000 metros com 9.08,00. Curiosamente Zola Budd estabele-

ceu o recorde da Inglaterra e Maricia Puica melhorou igualmente o máximo romeno. Saliente-se que esta foi a melhor prova do Grande Prémio.

Os vencedores das provas:
Masculinos: 200 metros: Calvin Smith, EUA, 20,54 seg.; **400 metros:** Mike Franks, EUA, 45,24 seg.; **1500 metros:** José Abascal, Espanha, 3.36,21 min.; **5000 metros:** Doug Padilla, EUA, 13.27,79 min.; **110 metros barreiras:** Tonnie Campbell, EUA, 13,27 seg.; **Comprimento:** Mike Conley, EUA, 8,22 metros; **Dardo:** Tom Pe-

tranoff, EUA, 90,80 metros; **Salto com Vara:** Sergei Bubka, URSS, 5,85 metros; **Disco:** Imrich Bugar, Checoslováquia, 66,26 metros.

Femininos: 100 metros: Florence Griffith, EUA, 11,00 segundos; **3000 metros:** Mary Decker Slaney, EUA, 8.27,83 min.; **400 metros barreiras:** Judy Brown-King, EUA, 54,38 seg.; **Comprimento:** Jackie Joyner, EUA, 6,91 metros; **Salto em Altura:** Steka Kostadinova, Bulgária, 2,00 metros; **Lançamento do Peso:** Mihaela Loghin, Roménia, 20,82 metros.

Albertina Machado tira recorde a Aurora

Albertina Machado, do Sporting de Braga bateu em Vigo, Espanha, o recorde nacional dos 800 metros ao correr a distância em dois minutos quatro segundos e um décimo, conquistando assim o seu primeiro recorde nacional.

O anterior máximo pertencia a Aurora Cunha, FC Porto, com 2.05,4 minutos desde 1984, a qual passa agora a deter os recordes dos 1500, 3000, 5000 e 10.000 metros.

Fórmula Um:

GP de Itália

Prost silenciou Monza

O francês Alain Prost confirmou em Monza o favoritismo quanto à conquista do título de campeão mundial de Fórmula Um ao vencer uma prova disputada na «casa» do seu opositor mais directo (Michele Alboreto). Após esta prova não só Prost consolidou a sua posição na frente da pauta como a McLaren remeteu a Ferrari para a posição secundária. Classificação do GP de Itália:

1.º Alain Prost, França, McLaren, 1.17.59,451 horas; 2.º Nelson Piquet, Brasil, Brabham, 1.18.51,086; 3.º Ayrton Senna, Brasil, Lotus, 1.18.59,841; 4.º Marc Surer, Suíça, Brabham, 1.19.00,060; 5.º Stefan Johansson, Suécia, Ferrari, a uma volta; 6.º Elio de Angelis, Itália, Lotus, a uma volta; 7.º Patrick Tambay, França, Renault, a uma volta; 8.º Martin Brundle, Inglaterra, Tyrrel, a uma volta; 9.º Thierry Boutsen, Bélgica, Arrows, a uma volta; 10.º Philippe Streiff, França, Ligier, a duas voltas.

Classificação actual

Condutores: 1.º Alain Prost, França, 65 pontos; 2.º Michele Alboreto, Itália, 53; 3.º Elio de Angelis, Itália, 31; 4.º Ayrton Senna, Brasil, 23; 5.º Stefan Johansson, Suécia, 21; 6.º Nelson Piquet, Brasil, 19; 7.º Keke Rosberg, Finlândia, 18; 8.º Niki Lauda, Áustria, 14; 9.º Patrick Tambay, França, 11; 10.º Jacques Laffite, França, 10.

Construtores: 1.º McLaren, 79 pontos; 2.º Ferrari, 77; 3.º Lotus, 54; 4.º Williams, 25; 5.º Brabham, 24; 6.º Renault, 15; 7.º Ligier, 13; 8.º Arrows, 9; 9.º Tyrrell, 4.

A próxima prova do campeonato do mundo o grande prémio da Bélgica realiza-se no domingo no SPA-Francorchamps.

Citroen apresenta BX sport

126 cavalos à solta

No ambiente calmo e agradável de uma estalagem situada frente ao mar, próximo do Guincho, juntou há dias a Citroen vários jornalistas, designadamente os «aceleras» que tratam e falam dos carros novos, das suas cilindradas, cavalos e outras coisas mais. Era uma tarde quente. Junto de uma pequena e sinuosa piscina (lamentavelmente esquecemos os fatos de banho...) rodeada de relva bem tratada instalaram Francisco Romãozinho e Pedro Almeida a nova vedeta da casa, O BX Sport.

É um carro bonito, sim senhor! E confortável. Experimentámos, ou melhor, pilotámos a «máquina» durante breves minutos na estrada do Guincho. Foi um «cheirinho» apetitoso, com o senão apenas do desconforto seguinte, quando entramos no nosso utilitário e sentimos aquela frustração... Adiante.

O perfil do comprador, indicado pelos homens da marca, aponta para o homem entre os 30-40, «casado, com filhos, activo, desportista, de um nível socioprofissional elevada. Este último requisito é, aliás, essencial. Um carro como o BX Sport que visa competir com outros gémeos da BMW, da Audi, da Volvo, etc., não é exactamente um carro barato. Mas vai dar cartas nesse mercado das boas e desportivas marcas.

Apareceu em França pela Primavera. Vai estar entre nós pelo Outono. A ideia inicial dos construtores era a de fabrico em série especial, limitado às mil unidades. Mostraram-no, agra-



Jornalistas observam o BX Sport

dou, de mil passou sucessivamente para as duas mil e quinhentas, cinco mil. Há dias, de Paris, chegou a Lisboa o telex: o BX Sport vai ser construído em série e comercializado em duas cores metalizadas envernizadas (cinzento pérola e cinzento raposa).

Como assinalou o especialista da revista «Auto Hebdo», o BX Sport é, na sua categoria, o «único a propor o compromisso ideal desporto/conforto». E com esta vantagem suplementar para um certo e justificado nacionalismo francês, mais simpático para latinos e meridionais: já não é preciso atravessar o Reno para se «encontrar qualquer coisa de equivalente».

O painel de instrumentos, o volante desportivo de três braços, os bancos revestidos de jersey/veludo cotelê preto, com chevrons negros e cinzentos, painéis de porta revestidos de veludo preto, fecho centralizado das portas, elevador eléctrico dos vidros, preequipamento de rádio e direcção assis-

tida, vidros coloridos, faróis de nevoeiro, jantes de alumínio sport, pneus largos de baixo perfil, minigrelha que melhora o arrefecimento do motor, eis alguns dos pormenores interessantes deste «126 cavalos selvagens» como assinalou a crítica francesa.

Outros pormenores: Dum motor de 105 cm3, alimentado por 2 carburadores horizontais, que desenvolve uma potência de 136 HP DIN a 5800 rpm, com um binário de 17,2 mkg a 4200 rpm, garante ao Citroen BX Sport performances brilhantes (0-100 km/h em 8,9 segundos; 0-400m em 16,4 segundos; 0-1000m em 30,5 segundos; velocidade máxima de 195 km/h) que tornam a sua condução num verdadeiro prazer.

A melhoria do coeficiente de penetração (CX=0,325) permite atingir estes resultados mantendo consumos razoáveis: 6 litros aos 100 km a 90 km/h; 8 litros aos 100 a 120 km/h e 11,4 litros aos 100 km em circuito urbano.

EA

Hóquei em patins

Sanjoanense quer a «supertaça»

Um tanto surpreendente, mas de forma contundente, a Sanjoanense impôs dura punição à poderosa turma do FC Porto, ao triunfar por 5-2 no primeiro encontro da Supertaça realizado em S. João da Madeira.

É evidente que no próximo confronto, a efectuar no palco das antas, os portistas poderão

superar este «score» e vencer o troféu em disputa, todavia terão que contar (e já viram como é) com forte oposição de uma turma naturalmente disposta a segurar o resultado.

O técnico Cristiano não se mostrou pessimista quando no termo do jogo afirmaria que o troféu iria para a sala das Antas.

Arbitrou Clímério Ferreira e as equipas alinharam e marcaram:

SANJOANENSE — Reis; Lima (1), Gentil (1), Miguel (1) e Zeca (1). Jogaram ainda: Licínio (1), Gil, Rui Conceição e Pedro.

FC PORTO — Domingos; Alves, Domingos Carvalho, Vítor Hugo (1) e Almas. Jogaram ainda: Realista (1) e Vale.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DA MARINHA GRANDE

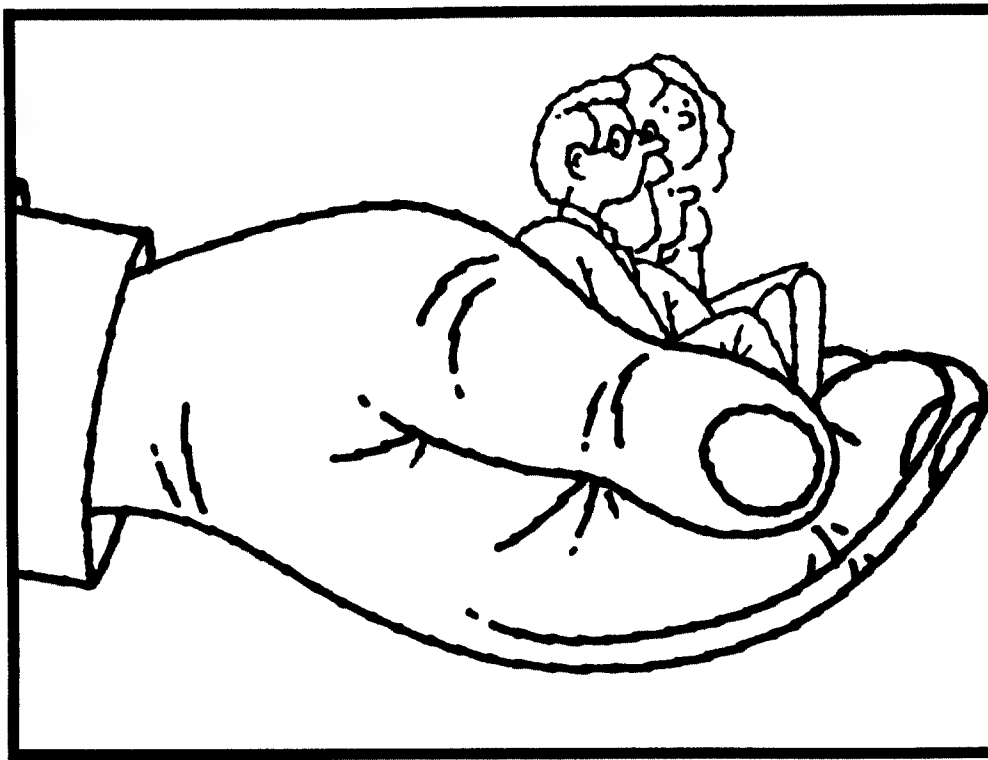
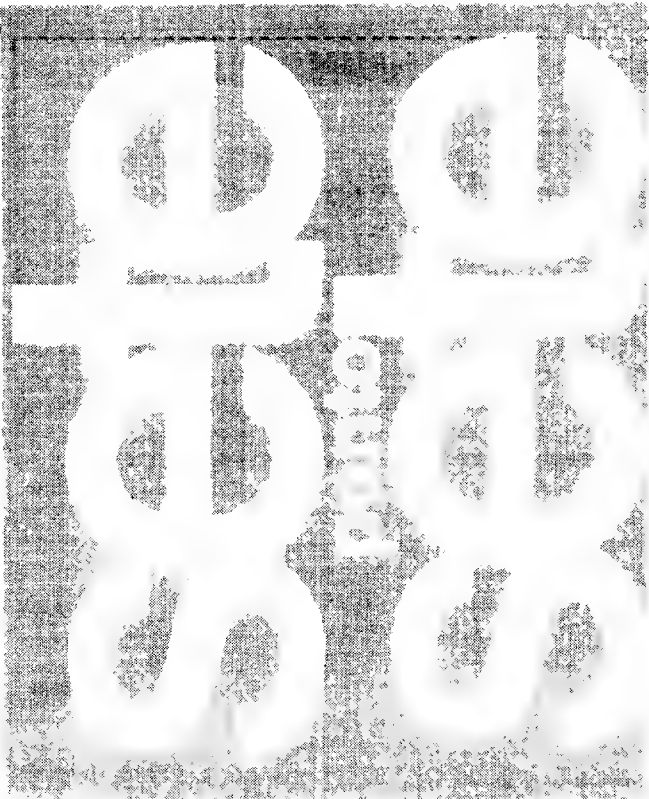
ANÚNCIO

FAZ-SE SABER que pela terceira secção do primeiro Juízo desta comarca da Marinha Grande, nos autos de Execução Ordinária, registados sob o n.º 57/83, que o exequente DOMINGUES & MARTINS, Lda com sede nesta vila, move contra o executado MÁRIO MANUEL RIBEIRO, casado, comerciante, residente no Largo Cristóvão da Gama, n.º 11, 3.º direito, Damaia, Amadora, correm editos de VINTE DIAS, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do referido executado, para no prazo de DEZ DIAS, findo o dos editos, reclamarem o pagamento dos respectivos créditos pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real.

O Juiz de Direito
(Augusto José Baptista Marques de Castilho)

A Escrivão de Direito
(Maria Gabriela Matos)

D.L. 1.ª Pub. — 9/9/85



Serviços Secretos & Democracia

• quatro exemplos:
EUA, Grã-Bre-
tanha, Itália e RFA

«Dossier» nas págs.
23, 24 e 25

Consagração em Veneza

ou o desafio de Manoel de Oliveira

É preciso um verdadeiro gosto do risco para ousar mostrar integralmente o filme de Manoel de Oliveira, adaptado da peça de Paul Claudel, *Le Soulier de Sain*, na competição oficial, em Veneza. Esta escolha anunciara-a Gian-Luigi Rondi, director da mostra, logo na apresentação, em Cannes, fora do concurso, de uma versão reduzida de duas horas e cinquenta minutos. Como nos fora prometido encontrámos pois um *Soulier de Satin* verdadeiramente «fleuve», com uma duração de cinco horas e cinquenta minutos.

Nem por isso o filme é a reprodução mecânica da peça. Embora sem nada ter modificado ao texto de Claudel, Oliveira, com a colaboração de Jacques Parsi, efectuou uma montagem na massa dramática original. O realizador português, que admira muito o trabalho de Jean-Marie Straub

(*Chronique d'Anna Magdalena Bach, Moïse e Aaron*), reinjectou vida no que era, à partida, teatro.

O «écran» torna magnífica a representação dos actores ao mesmo tempo que nos aproxima do texto. Embora mantendo o controlo absoluto dos artistas e limitando a sua margem de manobra, Manoel de Oliveira deixa-os livres de escolher «a sua» leitura do papel que interpretam, de respirar com o texto.

A narrativa inicia-se após um curto prólogo, apelo à imaginação do espectador, e depois um parêntesis em português onde Paulo Rocha, o realizador da *Ilha dos Amores*, bastante extraordinário como pregador, recita do alto da sua cátedra um texto de época de exaltação a Portugal.

O teatro do mundo

O cinema entra então no cinema. Mais exactamente, a câ-



mara aproxima-se de um «écran» no lado do palco e atravessa-o para nos propor, na

melhor tradição shakespeariana, o teatro do mundo.

Mas Oliveira não representa o

falso realismo de um teatro «arejado» pelo cinema. Ficamos no teatro, num palco de teatro. No entanto, tudo estala sob o impulso simultâneo do texto, dos trajes da época, dos cenários estilizados.

Cada sequência, moldada numa cena da peça, forma um todo, assim como cada «jornada» poderá muito facilmente ser projectada em separado na televisão. O cinema traz um suplemento de mobilidade ao teatro, com os seus cenários escamoteáveis de cartão, as suas luas de Châtelet, as mudanças de lugar efectuadas prestisismo. Esquecida essa agitação muito discreta, a presença muito atraente da música de acompanhamento, a aventura contada desenrola-se quase na intimidade entre os actores e cada espectador tomado individualmente.

O êxito de Oliveira repousa todo inteiro no rigor do seu sis-

tema de filmagem, ao mesmo tempo que se vê a sua estreita comunhão de pensamento com Claudel. *Le Soulier de Satin* é a antítese do cinema, tal como ele hoje se pratica. A câmara filma cenários e actores de frente, afasta todo o suspense psicológico.

Claudel revive para a posteridade, última testemunha dos sonhos loucos de um catolicismo conquistador. É a renovação de um clássico da nossa literatura. Os actores não representam tanto um texto como o vivem. No entanto, Anne Consigny destaca-se do resto da distribuição.

O cinema pode ser também o teatro e mais ainda a literatura. Veneza e Gian Luigi Rondi distinguiram-se ao quebrar as opressões da tradição de um cinema onde a palavra há muito que perdeu a sua função original de «revelação».

Louis Marcorrelles

A jovem aventura de um produtor

ou como os franceses vêem Paulo Branco

Ao vê-lo sem o conhecer, desengonçado, de calças e cabelos demasiado compridos, qualquer banqueiro lhe fecharia a porta do seu gabinete. Mas este português de trinta e cinco anos, com a aparência — escolhida — de um estudante atrasado ou de um revolucionário americano, conseguiu nestes últimos anos uma bela reputação de produtor feliz no mercado cinematográfico europeu. E os banqueiros, em todo o caso os franceses, aprenderam a receber Paulo Branco com uma certa deferência, a temperar a sua inquietação perante as audácias deste pé-descalço obstinado, que confessa com a vontade, e seja qual for o seu interlocutor, sentir no cinema, muito exactamente, o prazer do jogo.

Do jogo de azar, sim, a que se dedicou durante algum tempo, antes de preferir a roleta russa de um cinema de exigência. «**Pelo menos aí, diz, tenho a sensação de conservar as minhas paradas, enquanto que no jogo...**» Paulo Branco fala de boa vontade dos seus filmes, da sua jovem aventura, com as palavras e a alegria de quem comenta, depois de um percurso de inferno, a vitória de um par de reis sobre quatro ases.

«**Fazer banca...**», «**lançar os dados...**», «**o maior risco...**»... Quer lembre com emoção a epopeia de *L'Etat des choses* de Wim Wenders ou anuncie o próximo Rozier ou o primeiro filme do francês Jean-Pierre Limozin, gosta de dar de si, com um humor não isento de «coquetterie», a

imagem do apostador a perder, que tenta recuperar de madrugada, com uma última ficha, o seu mês de salário perdido no pano verde. «**Estou sempre no limite**», explica ele.

Com o *Soulier de satin*, que o português Manoel de Oliveira adaptou da obra de Paul Claudel, Paulo Branco, se continuarmos com as suas comparações com o jogo, teria estado perto do suicídio a tiro nos jardins do Casino. «**Ninguém acreditava, nem mesmo, de início, o ministério francês da Cultura, que depois nos concedeu o seu auxílio financeiro.**» Quem iria acreditar nas possibilidades desse filme-fleuve (seis horas e meia), desse drama hispânico da conquista em trajes de época, realizado por um cineasta pouco conhecido do grande público?

Irrepresentável. No entanto, o jovem produtor ainda salvou as coisas. Cannon, — o grupo financeiro — flibusteiros que há dois anos o imperialismo dos americanos perturba, comprou os direitos mundiais do *Soulier de satin*, e entregou um avanço de duzentos mil dólares; Claudel em «**soap opera**», em episódios destinados aos telespectadores do Michigan..., o venerável Oliveira ainda não voltou a si do espanto.

«**Assinaram em cinco minutos, diz Branco, só com o objectivo de obter uma mais-valia cultural. Depois aconteceu o mesmo com o avanço de 500 000 dólares que a Cannon nos concede para a Ilha do tesouro, o próximo**

filme, segundo Stevenson, que Raul Ruiz filma actualmente em Portugal. Assinaram o argumento sem o ler nem visionar as obras deste cineasta.» Também eles grandes apostadores mas que têm os meios de apostar sem ver.

Modo de sentir

Na Mostra de Veneza, Paulo Branco está um pouco em sua casa. Sempre acompanhado pelos dois filhos, tornou-se, com os anos, o amigo e o salvador de alguns cineastas europeus sem um chave. «**Preciso de sentir as pessoas de qualidade. Nunca produzi dois filmes da mesma maneira e produzo vários ao mesmo tempo.**» Também diz que «**detesta perder**» e é para preparar um filme de Ruiz, para oferecer Lisboa a Alain Tenner «**Dans la ville blanche**», para permitir a Jacques Ruzier ou ao velho Manoel de Oliveira que filmem, que ele «**encontra sempre maneira de se desembaraçar**», mesmo à custa, se necessário, de alguns aborrecimentos administrativos em Paris, devido à sua gestão dos avanços sobre receitas francesas. Ele recebe uma boa parte da ajuda financeira portuguesa — o que por vezes lhe censuram em Portugal — onde faz a campanha europeia das co-produções para a defesa de um cinema de cultura.

«**Talvez um dia me estampe, diz ele, então farei outra coisa.**» A produção cinematográfica encontrou-a ele um pouco por acaso e antes de

mais para fugir, antes de terminar um curso de química, ao serviço militar em Angola. Paulo Branco encontrou-se em Paris onde viveu «**cinco anos de uma felicidade incrível**». Na altura da Revolução dos cravos, em 1974, tomou o primeiro avião para Lisboa, liberta da ditadura. Lembra-se de se ter embriagado a bordo, na companhia do cineasta Glauber Rocha — hoje desaparecido — e de exilados que regressavam depois de vinte anos de ausência.

Teria podido ficar. Mas Paris já fazia falta a esse estrangeiro permanente. «**Comparadas com a capital francesa onde é preciso lutar, Lisboa, Madrid ou Roma são cidades de província ideais para passar o fim-de-semana.**» Mas com o seu furor «**parisianista**» e a sua inconstância geográfica, Paulo Branco é um pouco injusto para com o seu país natal. Ele próprio terá contribuído com a sua actividade entre a França e Lisboa para dar a Portugal, nos últimos anos, uma das cinematografias mais dinâmicas da Europa.

Parisiense, europeu, seja. Mas Paulo Branco sempre até agora se recusou a ir a Nova Iorque. «**Prefiro conservar virgem na minha cabeça, diz ele, o desejo da América.**» Ficará para mais tarde. Para outra aventura que deixa amadurecer em si. Talvez mesmo para outros riscos que não os do cinema. «**Gosto da ideia, mesmo falsa, de que lá poderei partir do zero.**»

Philippe Boggio

O «Voyeur», ou a essência do Homem

C. O Olho é um Ovo

Se para Descartes se trata, como vimos, de retirar o olho ao homem acabado de morrer para se poder construir cientificamente o processo da visão, deduzindo daí o que respeita ao Sujeito que vê, e tentando reflectir sobre o órgão, Bataille segue caminho bem diverso. O corte na carne implicará, para ele, uma desconstrução que designa a questão seguinte: uma vez extraído o olho, que se pode fazer com ele?

O Sujeito cartesiano é acompanhado de um cálculo da vista que se estende sobre a anatomia do olho, operação que não se faz sem produzir um certo prazer — o prazer da sublimação. Mas o Sujeito permanece também, apesar de próprio, um animal-máquina. As dobras formaram-se na sua memória, espécie de traços mnésicos capazes de despertar paixões, de influenciar o comportamento. A visão exacta é subtendida pela perturbação, necessariamente. Descartes empregar-se-á então a distinguir o reflexo, o fisiológico, a palavra, o animal-máquina, do voluntário, do espiritual, do signo, do Ego.

Bataille, por seu turno, jogará sobre dois tabuleiros ao mesmo tempo. O apogeu do cogito coincidirá com o apogeu da animalidade. A **História do Olho** tem a ver com a anatomia que trabalha na **Dióptrica** e dissecar-a em dois momentos.

O prazer da anatomia recusará, em Bataille, limitar-se a um processo de moralização; ele rejeitará a máscara da cientificidade, anulará a distinção cultural que a sublimação fornece para reclamar do prazer puro, do «bom prazer» soberano (visto que o olho se associa ao poder) da satisfação pulsional. Enquanto o problema da visão trai, em Descartes, o laço que une o olhar à sedução, a vista ao olhar doente, perturbado e perturbador — laço que o filósofo pretenderá romper — em Bataille, é esse laço que estará em evidência. Importava a Descartes anunciar o escrito como uma cura; a Bataille pertence considerá-lo como um sintoma. Em última instância, se a obra de Descartes invoca a **catarse**, a de Bataille não deixa de operar um regresso à **orgia**.

A **História do Olho** proclama a história do sexo. Já tínhamos anotado que o homem erguido, de pé, exibiu o seu sexo ao mesmo tempo que olhava o Outro, pondo-o em perigo e devendo velá-lo para o defender (Janelas Indiscretas, III).

Escondendo o sexo, o homem admitia o poder do olhar do outro e, na mesma ocasião, a passagem incessante que se faz do olho para o sexo. Por isso, olhar para o Outro transforma-se infalivelmente, para Bataille, em reencontrar a postura a quatro patas, como nos assinala, no texto, a figura do touro.

Descartes gosta do **clima frio** da Holanda e aprecia, sobretudo, o conforto do seu quarto bem aquecido, dentro do qual medita, à luz de candelabros (e até sobre o seu 'luar'). A **História do olho** acontece sob o calor tórrido de Espanha, sob a violência da sua vacilante luminosidade. O brilho quase palpável da atmosfera ilumina o primeiro momento da anatomia, um momento marcado pela brutalidade; a acção desenrola-se numa arena, um exterior portanto, um **exterior quente**. O segundo momento — preciso e controlado — efectuar-se-á numa igreja, um **interior**, e interior **fresco**.

Três personagens principais animam as cenas anatómicas: o narrador, Simone e Sir Edmond. Este último considera Simone «o ser mais simples e mais angélico que alguma vez existiu à superfície da terra» (1, pág. 57). De facto, Simone sabe — e sabe com um saber intuitivo. Ela **age**. Não se constata nela nenhuma distância, nenhuma sublimação, nenhum recalcamento. O seu sexo equivale, de algum modo, a asas.

1. A autópsia selvagem

Dois tempos compõem o primeiro momento anatómico da **História** que se desenrola numa arena onde tem lugar uma corrida de touros. Primeiro tempo: — o matador mata o touro, oferece a Simone os testículos do animal que não resiste ao prazer de se sentar sobre eles, porque a canícula estimulou nela a pulsão animal que tanto a assalta e que ela deve, absolutamente, satisfazer, de modo imediato. Segundo tempo: — No próprio instante em que Simone atinge o

êxtase, o segundo touro derruba o matador e **arranca-lhe um olho**.

Parece, por conseguinte, que é sob o signo desta cena em dois tempos que se dá a ler a passagem do confessional, que antecede a segunda anatomia. O episódio conterá, numa só história, os percursos que vão do olho ao sexo, do homem ao animal, do olho e do sexo ao crime.

2. De uma janelinha gradeada...

O segundo momento anatómico consumar-se-á numa igreja onde Simone, para grande espanto de Sir Edmond e do narrador, decide confessar-se. Para o fazer fecha-se com o padre dentro duma «caixa», como comenta o narrador. Caixa negra, sem dúvida, (como uma variante da **camera obscura**) onde tudo se torna possível porque, a partir de

fora, ela provoca a imaginação: «Enquanto ela se confessava, eu esperava com extraordinário interesse o que iria resultar de gesto tão imprevisto. Já supunha que aquele sórdido ser ia emergir da caixa e atirar-se à ímpia para a flagelar.

Preparava-me, mesmo, para derrubar e espezinhar o horrível fantasma, mas nada de comparável ocorria: a caixa mantinha-se fechada, Simone falava longamente à janelinha gradeada e mais nada acontecia» (1, pág. 61).

O gesto de Simone consistirá em devolver à janela a sua função. O confessor espera palavras, acredita no Verbo todo-poderoso, na segurança de uma relação oral. Pensa ordenar simplesmente a retirada do corpo. Simone desequilibrará a instalação dessa relação oral, essa encenação do som. Mas esquecer o olhar é demasiado fácil.

Visto que é de poder que aqui se trata, e visto que o confessor aplicará uma sentença, é preciso que ele perceba que a sua escuta não é senão a negação do olhar. Sendo a sua posição a do poder, ela está forçosamente ligada ao olho, quanto mais não seja, e para começar, ao olho de Deus. Simone obrigará assim o padre a pôr de lado a boca e o ouvido para reencontrar a relação com o olho. E de facto, quando ele olhar, estará perdido.

Através do gradeamento da janelinha, Simone mostra o seu sexo suscitando assim, no confessor, o reflexo fisiológico de um animal-máquina que o conduz a repetir o pecado original. Perdido, desesperado por ter descido tão baixo, o padre anima-se de um último fôlego; uma escapatória oferece-se-lhe, ele quer-se-á mártir, numa derradeira tentativa de su-

blimação: «Uma espécie de absurda alegria começou a abir-lhe a boca, cruzou os braços sobre o peito nu e olhou-nos por fim com os olhos estáticos: o martírio... pronunciou então, com voz subitamente enfraquecida e no entanto arrancada como um soluço. O martírio... Uma estranha esperança de purificação chegava ao miserável, e os seus olhos como que se lhe iluminavam» (1, págs. 65-66).

Vai de si que a esperança era vã, porque o projecto da **História** consiste exactamente em eliminar tudo o que se relaciona com a pureza, com a purificação. Trata-se de uma expiação do domínio da **catarse**, de rejeitar o seu poder.

Notas:

(1) Bataille, G.: **Histoire de l'oeil**, in **Oeuvres Complètes**, T.I, Paris, 1970.



David Cornelis de Courelles (séc. XVIII), Dissecção da parte direita do rosto, in **Binet e Descargues, Desenhos e tratados de anatomia**, Paris, Chêne, 1980, pág. 192.

A seguir: O Olho é um Ovo (continuação).

Uma explosão social na Polónia pode ser hoje incontável

— diz Brosnis Geremek, conselheiro político de Lech Walesa

Medievista de renome internacional, o professor Brosnis Geremek foi, desde o nascimento do sindicato Solidariedade, um dos conselheiros mais próximos e escutados de Lech Walesa.

Preso por altura da proclamação do estado de sítio em Dezembro 1981, foi libertado um ano depois, e de novo internado entre Maio e Julho de 1983. Na primavera passada foi licenciado do instituto de história da Academia polaca de Ciências.

cinco anos depois da assinatura dos acordos de Gdansk, o professor Geremek concedeu a um correspondente, que deseja conservar o anonimato, uma entrevista em que descreve a estratégia que deve hoje ser a do Solidariedade.

— Observa-se hoje na população polaca um sentimento de frustração engendrado pela degradação da situação económica e a recusa pelo poder de todo e qualquer compromisso com a sociedade. Alguns acham que essa situação podia ser geradora de uma explosão social muito violenta. Que pensa disso?

— É certo que esse risco existe e espero que possamos evitá-lo. Com efeito, em vários planos, pode dizer-se que estamos numa situação bastante dramática. Por um lado a degradação das condições de vida da população acelerou-se, e, por outro lado, a economia polaca esea muito doente.

Infelizmente, de momento, uns e outros, o poder e a sociedade, não parecem compreender a gravidade da situação. Não penso que o conflito político na Polónia se tenha apagado. Estamos num período em que o conflito é latente e a sua evolução totalmente imprevisível. (...)

Claro que o Solidariedade quase domina aquilo a que se podia chamar o «estado espiritual» da nação, enquanto que a Igreja goza de uma incomparável autonomia moral. Mas se se produzir uma explosão social, ela arrisca-se a ser incontável. É precisamente a ausência de solução política no horizonte que torna esse perigo muito real.

— Quando Walesa disse: «Vamos agir à maneira de Gandhi», exprimiu uma convicção pessoal ou a orientação profunda da estratégia do Solidariedade?

— Estou persuadido de que essa frase de Walesa é importante para a filosofia de acção do Solidariedade. Walesa é cristão e a sua concepção da acção está muito profundamente enraizada no ensinamento da Igreja. Desde Agosto de 1980 que ele está convencido de que o Solidariedade deve avançar certos valores morais; é aqui que eu veria a referência a Gandhi.

Mas o problema da não-violência diz respeito a todo o movimento social na Polónia. Este movimento, na sua imensa maioria decidiu não recorrer a meios violentos para atingir os

seus objectivos.

Pode perguntar-se se todas as greves organizadas pelo Solidariedade não foram na verdade combates que repousavam na violência. Segundo penso, a greve não é a procura de uma mudança política através da violência. Pelo contrário, a greve é uma manifestação não violenta. (...)

Este movimento podia manter-se não violento depois de 13 de Dezembro? Alguns meios activistas acham que a sociedade deveria ter recorrido à violência para impedir que o 13 de Dezembro decorresse de um modo tão «doce». Também há quem diga que essa atitude não violenta, não só facilitou a obra de destruição de 13 de Dezembro como lhe permitiu ir mais longe. (...)

Mas eu estou persuadido de que o sentimento da imensa maioria do povo polaco é que tivemos razão de agir assim. Essa filosofia de acção a longo termo é a mais eficaz, a mais compensadora.

Parece-me que, em face de um regime autoritário, é preciso opor valores morais. É isto que mais os incomoda...

— Não pensa que a população deverá pôr em acção uma verdadeira estratégia não-violenta?

— Essa linha de reflexão é extremamente importante para o futuro do Solidarnosc. Até hoje este género de proposta não foi seguido. (...)

Mas vejamos o que se passou durante a manifestação do último 1 de Maio em Varsóvia: uma multidão de quinze mil a vinte e cinco mil pessoas estava cercada pela polícia. Era uma multidão alegre em que as pessoas estavam contentes por estar juntas. Logo que se esquivassem, um gesto de violência (por exemplo, quando alguém queria pisar uma bandeira), logo isso era evitado. «Não façam uma coisa dessas no momento do confronto com a polícia, a multidão decidiu sentar-se bloqueando a rua. Não foi a primeira experiência do género na história dos movimentos sociais, como sabe. Mas para esta multidão era uma descoberta. Ela teve lugar aqui, no solo de Var-



sóvia, no dia 1 de Maio de 1985. Parece-me que é através de descobertas deste género que podemos desenvolver a nossa prática dessa estratégia da não-violência. (...)

— Há quem evoque a existência de contradições internas no selo do poder polaco, que podiam precipitar uma crise política do regime.

— É claro que se podem descobrir divisões no interior do aparelho directivo da Polónia. Não direi que essas divergências sejam menores porque, de certo modo, o futuro do país depende delas. Mas não me parece que tenham um papel determinante na evolução da situação.

Primeiro porque os próprios polacos já não acreditam que seja possível realizar as suas aspirações profundas graças à substituição de uma equipa directiva por outra. Depois, o jogo político na Polónia não parece determinado pelas relações entre o poder polaco e a sociedade mas pelas relações entre a Polónia e o «grande irmão». (...)

— Justamente, continua a crer que a URSS possa aceitar uma certa liberalização na Polónia que não põe em causa as opções fundamentais de Moscovo neste país?

— Não o creio totalmente. A história da Polónia diz que esta tem hoje uma posição diferente dentro dos países do leste. O papel considerável da Igreja, a existência da agricultura privada, contribuem para fazer de modo que a sociedade polaca, já seja, pela força das coisas pluralistas. Estas conquistas mostram que Moscovo foi obrigado a compreender as aspirações profundas dos polacos, que estas devem ser tomadas em conta numa apreciação realista da situação.

Penso, de resto, que os dirigentes polacos têm uma margem e manobra muito mais importante do que eles próprios dizem. Em 1980, a criação de um sindicato independente parecia totalmente inaceitável. Pois bem, ele foi aceite, de boa ou de má vontade.

Oponho-me a essa concepção fatalista que afirma que já nada é possível na Polónia porque o seu destino foi selado uma vez por todas em Yalta.

A experiência mostra que houve uma linha de evolução na Polónia e que há até hoje possibilidades inexploradas. Na minha opinião, na situação internacional actual, haveria possibilidades se a Europa tivesse uma política própria, uma política europeia que integrasse o problema do leste. A União Soviética nunca aceitará uma mudança da situação política polaca sob a pressão do seu grande parceiro americano ou em proveito deste. Mas estou, pelo contrário, convencido de que a Polónia pode obter um estatuto político diferente no quadro de uma solução europeia.

Compromisso

Quero ser bem compreendido. A curto prazo não acredito na possibilidade de uma mudança radical da situação política e internacional do bloco do leste. Pelo contrário, creio que a Polónia pode inventar no interior deste sistema, um modelo de poder, um modelo de gestão económica, um modelo de relações entre o poder e a sociedade que sejam diferentes.

Como todas as soluções políticas, este estatuto particular

deve resultar de um compromisso: um compromisso entre o monopólio do poder e as aspirações democráticas da população. (...)

A experiência de Agosto de 1980 mostra que é de encarar tal solução. Os operários aceitavam o «monopólio do partido no Estado». Essa fórmula, muito importante, nem sempre foi bem compreendida; ela significa que se põe fora do Estado tudo o que não diz respeito ao poder puro, isto é, à economia, à cultura, às possibilidades de expressão pública.

Porque deve o poder aceitar uma tal solução? Muito simplesmente porque o monopólio absoluto praticado até agora, se revelou muito ineficaz, não só na gestão económica mas também na gestão dos homens.

— Mas a experiência actual não mostra que o poder não quer mudar nada na situação?

— É certo que nestes últimos tempos a sociedade obteve poucas coisas. Mas pode acreditar que a brecha que se abriu em 1980 ainda não se fechou. No nosso sistema, a introdução de um movimento sindical independente fez nascer uma espécie de contágio pela liberdade. Apesar do 13 de Dezembro, apesar da irrupção dos tanks nas ruas da Polónia, a obra do Solidariedade não foi apagada e é inapagável. Gerações de polacos são e serão marcados pelo espírito do Solidariedade.



Sinais dos Tempos

1 — Em algumas revistas francesas tem surgido um curioso anúncio da Schweppes, a duas páginas e agradavelmente colorido. Numa foto tirada na Praça Tien Anmen, China, em 1967, uma multidão sentada mostra uma figura de amarelo, destoante, que segura uma garrafa da tónica Schweppes: uma montagem perfeita.

A publicidade francesa tem-nos trazido nos últimos tempos surpresas imaginativas destas. Por trás de toda uma lógica que se torna evidente e que é, se bem vimos, caracteristicamente francesa. Esta é uma ideia publicitária perfeitamente pós-marxista, tida por gente que viveu o maoísmo do Maio de 68 e depois evoluiu para concepções renovadas de mercado (questão inerente: grande número das noções mais criativas e abertas do liberalismo capitalista presente é formulado por pessoas que tiveram anteriormente um militantismo esquerdista).

Sabemos como o maoísmo francês de fins de 60 e princípios de 70 foi particularmente libertário, na realidade muito diferenciado da matriz chinesa, substancialmente estalinista. Cerca de quinze anos depois não é de estranhar esta ironia que sorri em meio ao fervor dos rostos, que veste de amarelo com toda a simbologia que a cor aqui tem, e que troca um objecto de condução e devoção ideológica por um outro de consumo imediato.

Muitas coisas estão nesta imagem implicadas — a morte da ideologia e de um certo empenhamento societário visando objectivos fixados, a sua substituição por uma atitude hedonista de fruição despreocupada dos oferecimentos facilmente alcançáveis e consumíveis dos modos actuais da sociedade ocidental.

2 — Estaline olhando-se ao espelho, Estaline ladeado por uma ninfa, Lenine de joelhos por terra, gatinhando, são obras de Komar e Melamid, fundadores da Sots Art; uma série de retratos de Lenine com várias hipóteses de desfiguração facial, por Badhanyan; de Kassapalov um quadro onde figura uma garrafa de coca-cola, no lugar da cápsula a cabeça de Lenine.

Estão exilados em Nova Iorque, mas não se consideram dissidentes ou anticomunista, desejariam mesmo voltar para trás, para a União Soviética. Como material referente para os seus trabalhos usam a estética do realismo socialista, utilizam as imagens da propaganda soviética, sobretudo no período estaliniano, estão obcecados com as figuras históricas do comunismo ideológico; a tudo isso dão enquadramentos de uma estranheza difícil de perspectivar, absurda, provocativa, ambígua. A crítica nova-iorquina de arte tem ficado perplexa, chama-lhes de «woody allens soviéticos».

Não colaram à cultura ocidental, reivindicam a «alma russa», são «aberrações decadentistas» da arte soviética mas querem-se sobretudo como artistas soviéticos, são vítimas do sistema mas também suas resultantes a nível psicossocial. Lenine e Estaline, arquétipos mentais, ocupam-lhes o subconsciente, feito caldo valorativo que vai estar em permanente conflito com «bichinho» destabilizador da sua criatividade: um bizarro amor-ódio.

Ridicularizam o comunismo não podendo deixar de ser comunistas, desmitificam o soviétismo sendo saturadamente soviéticos. São revoltados, mas não rebeldes, são a excrescência, não a alteridade — são «o outro lado» da questão da má consciência, do escape, a oportunidade de delírio.

3 — O «Litteratouinaia Gazetta» dedicou-lhe uma página inteira, juntando uma foto sua: a de um rapaz com aspecto ainda muito adolescente, imberbe, de olhar triste, ou talvez sonhador, fardado. Soldado enviado para o Afeganistão, o jovem Nicholai Tchenik foi morto em combate, quando de um ataque «de rebeldes com os olhos cheios de ódio».

Fizeram-lhe um busto de bronze, organizaram um museu com fotografias suas, objectos pessoais e cartas que é visitado diariamente por estudantes, transformaram-no em protagonista de um folhetim televisivo — «os seres desaparecem mas a sua memória jamais se apaga. Nicholai Tchenik pela sua conduta exemplar ajudar-nos-á a todos a agir heroicamente nas nossas actividades quotidianas». Ele tinha-se atirado contra o grupo de afegãos rebeldes, e logo foi atingido por uma granada. Acto de coragem liminar e voluntária? de inconsciência premeditada? Uma coisa ou outra fizeram dele um mártir.

Que cultura nos dias de hoje ainda inclui nas suas perspetivações a martirologia, a noção do herói e exemplo público? A religiosa, como o têm demonstrado os guerrilheiros do Islão nos seus actos suicidas. O que acontece então para que uma ideologia política possa fomentar o culto do herói? — É a condição de todo o sistema totalista de compreensão do mundo, que tem de eleger os seus sacrificados, os cristãos na arena dos leões como o bom operário comunista que deu mais X horas de trabalho pelo cumprimento do Planos e recolheu depois à clínica de repouso. Condicionalismo despoletador de imaginários fiéis e até há bem pouco de todo o pensamento humano. O Mártir serve a Razão de Ser.

4 — Duas fotografias, em duas revistas. Na «Actual», mulheres russas andam às compras no Iémen, observando os produtos expostos; na «Le Nouvel Observateur», o restaurante da Gare de Kazar, em Moscovo, com todo o seu fausto e ar de solenidade, encimando a quarta parte de uma longa reportagem de K. S. Karol, «Viver em Moscovo em 1984».

Ambas as imagens «falam»: dos privilégios dos conselheiros soviéticos no estrangeiro, do nível de vida da elite moscovita. Num texto escrito depois de uma viagem à União Soviética o escritor americano Norman Mailer afirmava ser a população do país visitado uma imensa classe média, condição social ainda mais generalizada, dizia, do que a própria América. De qualquer modo, e quas, quase como nos States, existe na União Soviética uma burguesia (Solutizer brincou um pouco com esse facto ao forjar a personagem de «Popov», um milionário homem de negócios russo).

Não é por acaso que K. S. Karol se refere no seu trabalho à convergência dos sistemas industriais ocidental e de Leste. O poder de compra privilegiado, o luxo a «filtragem» para os lugares de decisão e, na sequência, de usufruto, as exclusividades de vários tipos, são factos sociais em acatuação de fenómeno, mesmo que se critiquem as «tendências consumistas» e os «costumes burgueses», hipocritamente como diz o inquirido de Karol, porque os valores oficiais são os proletários.

A «limousine» comunista é uma arte da contradição? Não tanto, antes uma condição do político na divisão das gentes entre dirigentes e dirigidos, gestores e geridos, e outras dualidades de organização de múltipla espécie.

Tropicalismo e condição portuguesa

• Uma festa na Juke Box, por Rui Eduardo Paes

Antetexto — Há dois domingos atrás houve na Juke Box uma festa tropical, que tinha como determinante levarem-se no máximo duas peças de roupa, para justificar a temperatura aludida, com a aparência exótica necessária para um verdadeiro efeito. Isto evidentemente com o objectivo de se dançar, de se comunicarem os corpos e os olhares.

Os rapazes foram mais despidos, conseguindo eles com isso significarem-se mais tropicais, cultivando mesmo um certo erotismo masculino. As raparigas comederam-se, ao contrário do que está a acontecer já bastante pelas praias, mas com as saudáveis excepções. E houve os que insistiram no traje ocidental, mais os que puseram em dúvida levarem de facto o máximo estabelecido. Mas quem lhes ia perguntar o que usavam por baixo?

A ideia não estranha, na verdade: é Verão, o que em nós é Sul e nos mediterraneiza culturalmente soltando um imaginário a querer aproximar-se mais dos trópicos — temos como que essa vocação; para mais, a Juke Box é lugar de música e de dança, os referentes de ambas estando abaixo do Equador. Mas a mundanidade da apresentação, sempre europeia, constrange as hipóteses do vestir tropicalizado. Logo, uma festa como esta tem lugar porque o tropicalismo ainda nos é estrangeiro. Ela revela uma curiosidade, não um acultamento definitivo de usos de Verão.

A libido esteve lá, mas foi mais a representação de um desejo e não a sua acção. Condição portuguesa.

Entretanto — A festa é a ocasião do invulgar, do que não é, em definitivo, pertença do quotidiano. É um acontecimento celebrante e acontece porque celebra. Foi uma noite de dança diferente das outras



Fotos de Francisco Paraiso

Continua na pag. 26

O mal-estar gerado em França pela insuficiência do relatório Tricot sobre o caso «Rainbow Warrior», e na RFA pela «deserção» de Hans Joachim Tiedge lança novamente luz sobre uma velha questão: a das relações entre os Serviços Secretos e os poderes que, nas democracias, são supostos controlá-los. Estados dentro

de Estados, instrumentos da ordem parlamentar ou dos governos, os serviços secretos obedecem a diferentes modelos, mas o que os torna semelhantes prevalece e dita, na maioria dos casos, a sua própria lei. O «dossier» que hoje publicamos fornece um quadro de reflexão sobre quatro exemplos insuficientemente conhecidos.

EUA: um controlo teoricamente forte dos poderes executivo e legislativo

As actividades dos serviços de Informação americanos exercem-se num quadro legislativo e regulamentar preciso que surgiu com a criação da Central Intelligence Agency (CIA) em 1947, e que foi reforçada com a lei sobre a vigilância dos serviços de Informação (Intelligence Oversight Act) de 1980. Este texto institucionalizou o controlo do legislativo sobre o funcionamento da CIA e principalmente sobre as suas operações «secretas»

Até ao caso do Watergate, no qual a CIA estava indirectamente implicada, nenhuma estrutura impunha a essa organização que desse conta das suas actividades, e ainda menos que anunciasse as operações secretas que tencionava levar a efeito. O chefe do executivo podia simplesmente, à sua vontade, comunicar ou não aos «leaders» as acções projectadas.

No seio do executivo, várias organizações exercem um controlo e supervisionam as actividades da CIA, a começar pelo Conselho Nacional de Segurança (NSC), criado ao mesmo tempo que a CIA. É composto por um número restrito de personalidades, entre as quais o

presidente dos Estados Unidos, o vice-presidente, o secretário de Estado, o secretário da Defesa, o director da CIA.

Desde 1981, este último também é membro do gabinete. Assim Casey, o actual director da CIA é uma personagem muito importante porque, para além das suas próprias responsabilidades à testa de organização, supervisa as actividades dos outros organismos de Informação, como a Agência Nacional de Segurança do Pentágono, os serviços do Departamento de Estado, assim como os das três armas (Exército, Marinha, Aviação).

O controlo do executivo é igualmente exercido por um

conselho consultivo composto de personalidades que não pertencem à Administração e são qualificadas, pela sua experiência e competência para supervisionar o trabalho das organizações de Informação e, se necessário, fazer recomendações. Eles não são remunerados.

Ainda no quadro do executivo, o conselho de vigilância dos serviços de Informação (Intelligence Oversight Board), composto de três membros tem por missão determinar se as actividades da CIA estão conformes com a legalidade. Este organismo não partidário tem a sua sede permanente na Casa Branca. Também prepara as directivas em intenção do conjunto dos serviços de Informação.

Duas comissões do Congresso

Assim, a CIA é uma instituição oficial que funciona às claras. Em todo o caso o seu orçamento mantém-se secreto e, segundo a lei de 1949 não é obrigada a revelar a sua organização, o seu funcionamento, o número e o nome dos seus agentes.

Em todo o caso surgiu uma

mudança importante após diversos inquéritos do Congresso, depois do Watergate. Até à lei de 1980 o director da CIA era unicamente responsável perante o presidente e o Conselho Nacional de Segurança, que estudavam as propostas de missões e as acções de contra-espionagem. Hoje, o director da CIA também deve prestar contas ao legislativo, isto é, a duas comissões do Senado e da Câmara, compostas, em igual número, de membros dos dois partidos. O princípio essencial estabelecido pela legislação de 1980 é que o executivo deve informar o Congresso com antecedência ou em tempo oportuno das operações «secretas» dos serviços de Informação. Os membros das comissões podem pedir em qualquer altura explicações específicas.

A lei proíbe o emprego de fundos públicos para as operações secretas, salvo quando o presidente decide que, em razão de circunstâncias excepcionais, a missão encarada é «essencial» para a segurança do país. Neste caso o presidente é obrigado pela lei a informar os membros das comissões da autorização dada a operações justificadas por circunstâncias excepcionais

cujas apreciação é deixada à sua discricção.

Praticamente, as propostas de operações «secretas» são estudadas por um grupo restrito no seio do Conselho Nacional de Segurança que compreende o presidente, o vice-presidente, o secretário de Estado e o secretário da Defesa, que se reúnem sem os seus adjuntos.

Precauções

Mesmo os liberais da esquerda do Partido Democrata acham que o sistema de vigilância e de controlo funcionou bem no seu conjunto. Foram tomadas medidas de precaução. O director da CIA e o seu adjunto, nomeados pelo presidente, devem receber o aval do Senado.

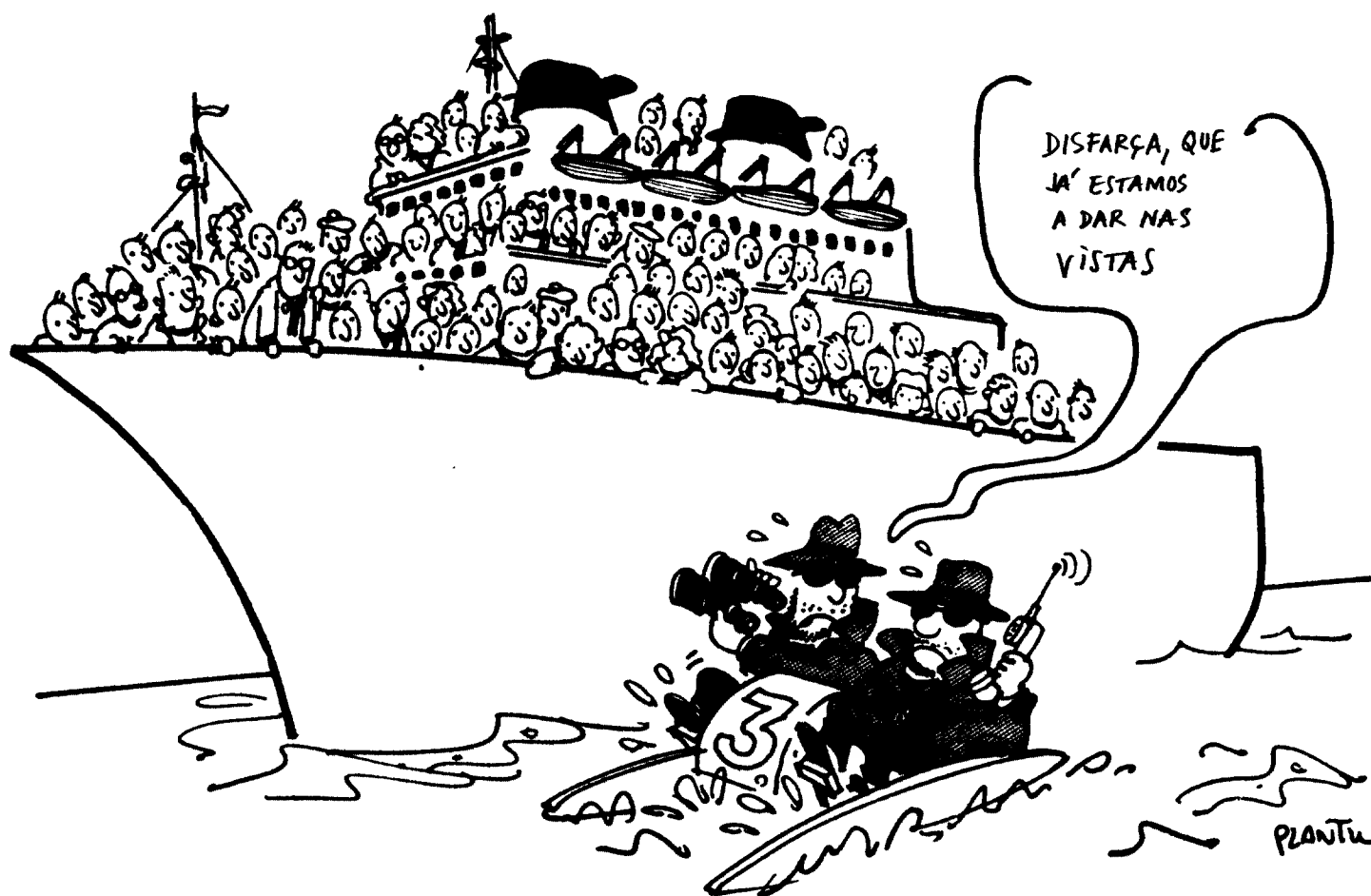
Eles podem ser escolhidos entre os civis ou entre os militares do activo ou da reserva, mas é excluída a hipótese de os dois postos serem ocupados por oficiais. No seio do legislativo, os membros das comissões do Congresso são nomeados por oito anos no Senado e por seis na Câmara, isto para evitar que não sejam demasiado «condicionados» pelos serviços nos quais exercem a sua vigilância.

Por fim, uma ordem do presidente proíbe que se recorra ao assassinio ou, como se diz pudicamente, a uma **liquidação física**, salvo no quadro de uma acção militar autorizada. Teoricamente, a CIA não deve ser implicada numa operação militar. Na prática, tanto na Nicarágua como no Líbano, a CIA financia e apoia vários grupos paramilitares.

A falar verdade, a cooperação entre a CIA e o Congresso depende essencialmente da personalidade do seu director. Os «profissionais» da CIA queriam que a sua organização se concentrasse na investigação, na avaliação das informações. Mas quando o director da CIA é um político como Casey, são inevitáveis os choques com o Congresso.

Há um consenso sobre o Afeganistão, mas no que diz respeito à Nicarágua os pontos de vista de Casey não são os da maioria do Congresso. Assim, apesar das denegações da CIA, uma comissão parlamentar queixou-se de não ter sido informada das operações de minagem do porto nicaraguense de Corinto.

Henri Pierre



Grã-Bretanha: os Serviços de sua majestade pura e simplesmente "não existem"

Os britânicos têm reputação de ter sido os mestres da contra-espionagem moderna. Foram eles que fizeram dela um género literário, muitos anos antes de Ian Fleming ter criado a célebre personagem de James Bond. Mas, apesar disso, os serviços secretos de Sua Magestade «não existem». Pelo menos oficialmente. Isto é, não têm nome, não têm estatuto legal e nenhum texto do governo ou de qualquer organismo do Estado se lhes refere. Portanto segredo total embora as actividades do MI 6 e do MI 5 não sejam ficção e a imprensa não se prive de tentar descobrir o seu mistério, apesar das «Notas D» dirigidas de tempos a tempos às redacções para recomendar que as preservem.

Essa lei do silêncio levada ao seu máximo não é uma precaução **pro forma**. Ela é uma notável excepção num país onde o controle de poder no sistema parlamentar passa por ser modelar. Ela deixa ao governo um domínio muito reservado que escapa completamente às investigações de resto múltiplas e incessantes — dos deputados de Westminster. A respeito disto, as suas perguntas ficam sempre sem resposta, salvo se um escândalo mais importante não pode, na verdade, ser evitado.

O MI 6, também chamado Secret Intelligence Service, ocupa-se da informação exterior, função que faz dela praticamente a equivalente da DGSE. A sede londrina do seu estado maior está situada em Century House, onde só se vê esta indicação anódina: Government Communications Bureau. A espionagem seria para os ingleses um prolongamento da diplomacia? O MI 6 depende, em todo o caso, do secretário do Foreign Office e os diplomatas britânicos costumam falar dos «amigos» fazendo alusão às pessoas deste serviço que lhe está adjunto.

Tal como para o MI 5 (contra-espionagem), a direcção do MI 6 deve estar em contacto com o gabinete do primeiro-ministro. Personagem-chave e desconhecido da política britânica, sir Robert Armstrong assegura a coordenação e preside a um comité restrito encarregado de informar o chefe do governo. Mas este controla mostrou-se por vezes insuficiente porque o MI 5 e o MI 6 aproveitando-se da sua «não-existência» e, consequentemente, da ausência de uma regulamentação precisa do seu funcionamento, adquiriram uma independência ou uma autonomia que os governos sucessivos, até ao da senhora Thatcher, procuraram frequentemente limitar com mais ou menos sucesso. A autoridade do primeiro-ministro exerce-se no fim de contas de maneira essencialmente dissuasiva, através do poder de nomear e de sanear o director geral de cada um destes serviços e por meio da atribuição do seu orçamento.

A «Special Branch»

O MI 5 ou Security Service está colocado sob a tutela do ministro do interior, secretário do Home Office. Foi fundado em 1909 para contrabalançar os «conluíus» alemães mas também franceses (a Entente Cordiale era ainda muito ou demasiado recente).

Segundo fontes diferentes, mil e quinhentas a duas mil pessoas trabalham sob a responsabilidade da direcção de Curzon Street, à qual se faz pudicamente referência nos corredores do governo falando da «caixa postal 500». As actividades do MI 5 que o seu desenvolvimento ao desencadear da guerra fria, traduziram-se sobre tudo através de numerosas e espectaculares expulsões de diplomatas soviéticos. O Reino Unido de-

tém, na Europa, um record na matéria.

Mas as operações de informação ou de «intervenção» do MI 5 estão a ser cada vez mais orientadas para a prevenção do terrorismo do IRA e para outros perigos que parecem menos evidentes a muitos. O braço armado do MI 5 é o «Special Branch»: trata-se de um organismo cuja existência é reconhecida visto fazer parte da Metropolitan Police, isto é, da Scotland Yard.

O Special Branch foi fundado em 1883 para lutar contra os activistas republicanos irlandeses. Os seus efectivos elevam-se hoje a umas mil e oitocentas pessoas que trabalham em estreita colaboração com a brigada anti-terrorista criada em 1976, também na Scotland Yard.

Para certas operações, o MI 5 e o MI 6 também podem contar com o reforço constituído pelo Special Air Service (SAS), unidade do comando de elite, único elemento do dispositivo de conjunto dos serviços de espionagem e de contra-espionagem que pertencem ao Ministério da Defesa. Os membros dessa unidade fizeram as suas provas fazendo embuscadas mortíferas aos homens do IRA, na Irlanda do Norte, e preparando, com dias de avanço, o desembarque nas Malvinas, em 1982. Mas os homens do SAS podem também servir para outras ocupações além-mar, aparentemente menos gloriosas.

Devido a acordos bilaterais — e discretos — feitos com os Estados Unidos no fim da Segunda Guerra Mundial, os ser-

viços secretos trabalham trabalham em estreita relação com as agências americanas. Uma das consequências desta aliança, por vezes considerada excessiva pelo Partido Trabalhista, foi a criação do SIGINT (Signals Intelligence) especializada na interceptação das telecomunicações internacionais, principalmente as do Leste.

É uma das máquinas aperfeiçoadas do sistema de defesa ocidental com instalações de escuta das bases militares britânicas de Chipre (1) e o centro de Cheltenham, em Inglaterra (ou Government Communications Headquarters, GCHQ), que, de súbito, em fins de 1983, estava em plena actualidade, quando a senhora Thatcher decidiu proibir toda a actividade sindical aos 6000 membros civis do pessoal.

Os serviços secretos britânicos tiveram muitos aborrecimentos, principalmente porque nos anos 50 e 60 foram infiltrados ao mais alto nível pelos soviéticos. Foi muito retumbante o caso da deserção de Kim Philby, chefe da secção anti-soviética do MI 6, ou da traição de George Black, também do MI 6. Época cruel: em 1951, Guy Burgess e Donald Maclean, dois diplomatas importantes do Foreign Office, desapareceram e passaram para Leste.

O zelo político do MI 5

Será denunciado demasiado tarde o elitismo tradicional dos serviços secretos concebidos pelos seus dirigentes e pelos seus quadros como clubes muito fechados onde se encontram em maioria antigos alunos de Eton e

de Cambridge com tendência para desprezar o governo, sobretudo se ele é trabalhista, e partilhando frequentemente uma homossexualidade julgada de bom tom, e um certo fraco, hoje ultrapassado, pelo comunismo.

Black, Maclean, Burgess correspondem, mais do que os outros, a este perfil, assim como Sir Anthony Blunt, sumidade em história de arte, ligado à corte, que em 1964 confessou ter fornecido aos soviéticos informações preciosas, o que só seria revelado em 1979, depois da sua morte. Assim como Michael Bettaney, um quadro do MI 5, preso o ano passado por ter feito ofertas aos soviéticos.

Apesar dos desmentidos do governo da senhora Thatcher, o antigo director geral do MI 5, Sir Roger Hollis (falecido em 1973) continua a ser suspeito de ter sido um «super-espião» a soldo do KGB. O recrutamento dos dois serviços foi alargado nos últimos dez anos, mas parece que o «espírito da casa» persiste.

Actualmente o MI 5 é objecto de outras desconfianças: ele entregou-se a com tanto zelo quanto a definição das suas funções é ignorada, à vigilância de vários dirigentes sindicais. (Entre os quais Arthur Scargill leader do Sindicato dos mineiros) e dos militantes do movimento pacifista.

Esta tarefa do MI 5, que não é nova, ter-se-ia tornado claramente imperativa desde a chegada ao poder da senhora Thatcher que, durante a greve dos mineiros provocou vivos protes-

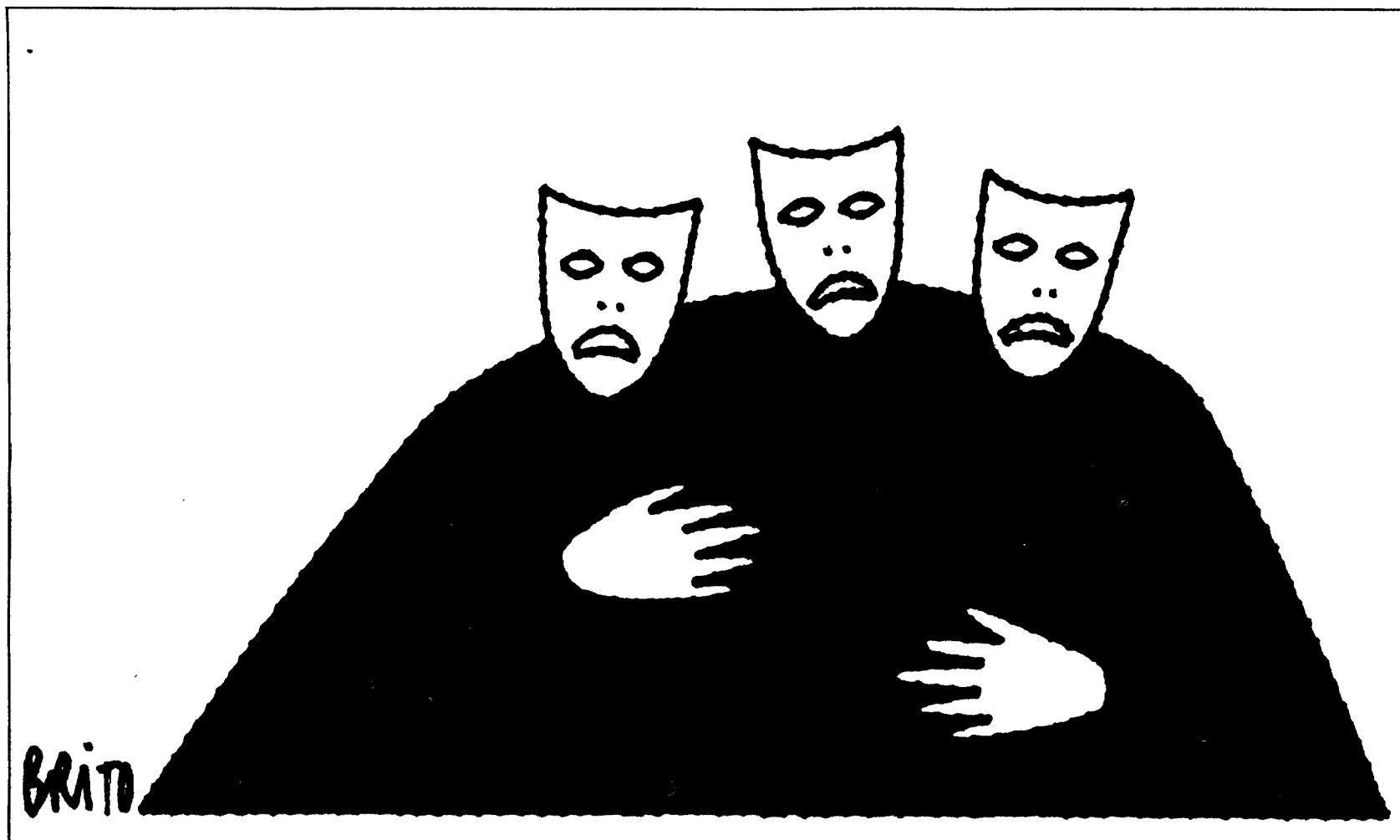
tos da oposição ao denunciar actuações dos «inimigos do exterior».

No princípio deste ano — e isso voltou à memória no momento da recente emissão da BBC sobre a Irlanda do Norte, — os deputados conservadores tinham pedido a supressão de um programa da televisão independente que continha revelações de dois antigos agentes do MI 5. Estes últimos diziam que uma unidade particular do MI 5 era encarregada deste tipo de vigilância política recorrendo a todos os meios da luta clandestina moderna; infiltração, microfones, escutas telefónicas, violação domiciliária e da correspondência.

Sir Harold Wilson, antigo primeiro-ministro trabalhista, acusara antes o MI 5 de o ter vigiado. E, há alguns dias, o **Observer** fez escândalo indicando que o MI 5 era «consultado» para o recrutamento de uma parte do pessoal da BBC. Vários inquéritos efectuados por jornalistas mostraram que há muito que o MI 5 tem um papel de consultor para a atribuição de numerosos postos da administração pública, e é mesmo solicitado para o emprego de quadros superiores de grandes empresas privadas.

(1) Sete militares britânicos do centro de escuta de Chipre estão a comparecer actualmente perante a justiça por ter transmitido múltiplos documentos e informações a uma «potência estrangeira».

Francis Cornu



RFA: a época do general Gehlen já passou

Em Dezembro de 1983, o general Gunther Kissling é demitido das suas funções de adjunto do comandante-geral da NATO, em consequência de um inquérito dos serviços secretos do Exército (MAD) que o acusa de frequentar os bares de homossexuais de Colónia. Dois meses mais tarde é, porém, reabilitado depois de um enorme escândalo que trouxe consigo uma depuração dos principais responsáveis do MAD e quase levou o próprio ministro da Defesa, Manfred Woerner, à demissão. O general fora simplesmente confundido com um sócio.

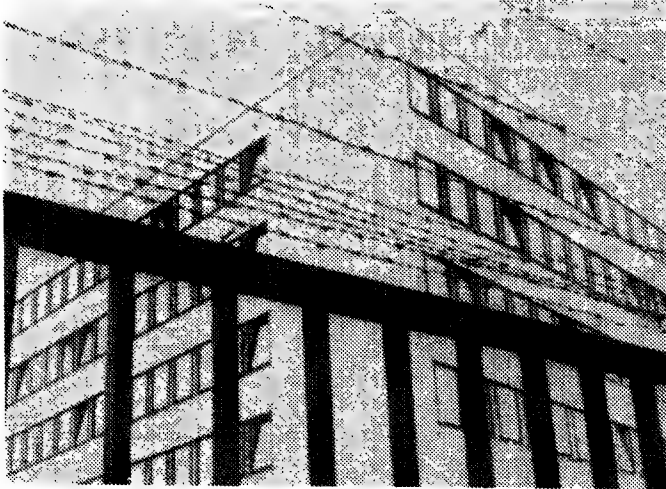
É escusado dizer que o chanceler Kohl teria muito bem passado sem essa última atitude de um dos seus três serviços secretos. A comissão de controlo parlamentar fora mantida à parte do inquérito tal como da decisão de sanear o general, o que fazia com que as culpas fossem atribuídas ao governo.

Já em 1978, era então chanceler Helmut Schmidt, o ministro de Defesa da época, Georg Leber, teve de pedir a demissão em consequência de um caso de escutas telefónicas desses mesmos serviços do Exército. Um mês depois, o Bundestag adoptava uma lei que criava uma comissão de controlo parlamentar constituída por sete membros escolhidos entre os principais partidos representados no Parlamento a fim de olhar pelas actividades dos responsáveis pela informação.

As tarefas de informação cabem na República Federal a três grandes serviços: o depar-

tamento federal e os departamentos regionais para a protecção da Constituição estão principalmente encarregados da vigilância dos movimentos políticos extremistas e de contra-espionagem no território federal. Colocado sob a tutela do ministro federal do Interior, o departamento federal publica todos os anos um relatório público sobre o resultado das suas investigações. O serviço de informação federal (**Bundesnachrichtendienst** — BND) o encarregado da DGSE francesa, — encarregado da espionagem e da contra-espionagem no exterior, está sob a tutela directa do chefe da chancelaria, que também tem uma função de supervisão de conjunto. O MAD, que se ocupa especificamente da informação militar, está sob a tutela do ministro da Defesa.

Há na RFA várias formas de controlo das actividades destes serviços. Não só as comissões parlamentares da defesa e do



interior têm a prerrogativa de organizar comissões de inquérito nos seus respectivos sectores, mas também há um órgão dependente do Parlamento encarregado de controlar as escutas telefónicas. Para mais, uma secção especial da comissão orgânica tem todos os anos o cargo de controlar o orçamento dos serviços secretos. Até à última legislatura esta era composta por um membro de cada grupo parlamentar. Esta disposição foi modificada pela maioria actual a fim de afastar os «verdes» que interpuzeram recurso perante o Tribunal Constitucional de Karlsruhe.

O princípio de um controlo mais geral dos serviços secretos pelo Bundestag foi instituído no tempo do chanceler Adenauer, que mantinha informado das actividades de informação um grupo restrito de parlamentares. Não se tratava, no entanto, de

uma obrigação, e cada chanceler podia agir à sua vontade. Foi preciso chegar a 1978 para que, por iniciativa do grupo parlamentar social-democrata, as coisas fossem fixadas por via legislativa. O controlo é desde então assegurado por uma comissão de sete membros, que compreendem, em especial, os chefes dos grupos parlamentares mais importantes.

Segundo a lei o governo tem o dever de informar «de modo aprofundado» a comissão sobre a actividade dos serviços secretos e sobre os casos de especial importância. O momento, a maneira e a amplitude da informação estão sob a responsabilidade do governo, que deve reunir a comissão pelo menos uma vez de três em três meses. Todos os membros têm, no entanto, o direito de pedir a convocação da comissão, se o julgar necessário.

Na prática, as reuniões têm lugar de quatro em quatro ou de seis em seis semanas. Elas começam habitualmente por um relatório dos responsáveis do governo assistidos pelos chefes dos serviços secretos. Como o texto de lei deixa largamente à apreciação dos ministros a escolha de decidir a que momento e sob que forma informar os deputados, é frequente que estes só saibam de um caso importante quando os primeiros elementos são tornados públicos, o que provoca fricções permanentes. O caso Kießling é revelador.

«O caso Greenpeace também teria podido chegar aqui»

Quando a comissão está ao corrente de um facto, ou se sabe que o governo procura esconder-lhe alguma coisa, ela pode servir-se dos meios consideráveis que possui para ir ao fundo das coisas. Se o governo que é, definitivamente, senhor da informação, pode-se recusar a entrar em detalhes, é-lhe, no entanto, difícil opor-se a um pedido da comissão que pretende ouvir os responsáveis dos serviços em questão.

Embora se trate de um caso secreto, os membros podem, no entanto, pedir que seja levado a efeito um inquérito público sobre determinado caso, por uma comissão de inquérito parlamentar. A noção de segredo mantém-se, na prática, muito lata, e os deputados em causa podem achar que o interesse do Estado lhes aconselha que pas-

sem por cima do interesse do governo. As relações de confiança entre o governo e os membros da comissão de controlo, vários dos quais pertencem à oposição, são muitas vezes determinantes.

O deputado social-democrata Gerhard Jahn, um dos pais da legislação e actual membro da comissão de controlo, reconhece que esta tem as suas falhas.

«O caso do Rainbow Warrior de Greenpeace, teria podido chegar à RFA», acha ele, sublinhando em todo o caso que logo que as primeiras informações fossem conhecidas, a comissão se teria posto em acção para tirar o caso a claro. Mesmo que um governo conservador possa ser tentado a deixar maior margem de manobra aos seus serviços, os riscos políticos são demasiado grandes para soltar muito as rédeas.

As polémicas suscitadas nos últimos anos pelas escutas pelo BND das conversas telefónicas com a Alemanha do Leste, ou a utilização abusiva de pessoas infiltradas pelo departamento de protecção da Constituição, mostram por vezes que a pressão se mantém forte.

Na época em que o general Gehlen, pai do **Bundesnachrichtendienst**, fazia mais ou menos o que queria, parece ter passado sejam quais forem os saudosismos, que alguns ainda possam alimentar, sobre a eficácia dos seus métodos.

Henri de Bresson

Itália: a grande limpeza de 1977

Os serviços secretos italianos têm uma história atormentada, e o menos que se possa dizer é que eles mostraram até aos últimos anos a sua «autonomia» em relação aos corpos constituídos, que tendem mais a ser redes do poder paralelas às do Estado do que a servir este último.

A participação de alguns dos seus chefes na Loja P2, a prisão dos seus dirigentes (por exemplo o general Musumeci, antigo director adjunto dos serviços de informação do Exército), as suspeitas que planam sobre a sua participação em certos grandes atentados que feriram a Itália destes últimos quinze anos e os seus elos com a criminalidade organizada mostram que os serviços secretos italianos estão longe de estar acima de qualquer suspeita.

Desde a reorganização, a 19 de Outubro de 1977, dos serviços de informação que se entrecrocavam e surgiam cada vez mais comprometidos em escândalos, a «coordenação da política de informação e de segurança no interesse da defesa do Estado democrático», compete ao presidente do Conselho (que, eventualmente pode delegar este poder num subsecretário de Estado).

O chefe do governo é ajudado na sua tarefa por um comité executivo para os serviços de informação e de segurança (CESIS) e por um comité interminis-

terial para a informação, composto pelos ministros da Justiça, do Interior, da Defesa, das Finanças e da Indústria.

De seis em seis meses o presidente do conselho deve entregar ao Parlamento um relatório sobre a acção dos serviços de informação. Este é muito geral. Um relatório mais circunstancial é enviado a um comité parlamentar composto por quatro deputados e quatro senadores, que pode pedir precisões ao presidente do Conselho ou ao CESIS. Ele deve verificar, para mais, a aplicação das disposições legais que dizem respeito

aos serviços secretos.

A lei de 1977 institui dois serviços de informação. Primeiro o serviço para a informação e a segurança militares (SISMI), encarregado da defesa da independência e da integridade do território, assim como da contra-espionagem. Ele depende do ministro da Defesa a quem deve transmitir todas as informações que possui. O segundo serviço de informação é civil. Trata-se do serviço para as informações e a segurança democrática (SISDE). Ele depende do ministério do Interior.

Para mais a lei estipula que o «segredo de Estado» pode ser invocado pelos funcionários seus detentores para não depor perante um tribunal. Mas precisa-se que, se a autoridade perante a qual eles deviam testemunhar acha que a invocação do segredo de Estado não tem fundamento, ela pode dirigir-se ao presidente do Conselho, que deve motivar a sua recusa perante o Parlamento.

Essa reforma dos serviços secretos testemunhava a preocupação dos parlamentares em estabelecer mecanismos de controlo sobre o funcionamento dos serviços de investigação. Não foi preciso esperar muito tempo para que se apercebessem que uma boa legislação não basta. Foi precisamente durante

os meses em que essa lei foi discutida no Parlamento que Licio Gelli, o chefe da Loja P2, constituiu a sua rede, que entre outros compreendia agentes e chefes de serviços secretos, principalmente do CESIS...

Na verdade, esta reforma ia provocar tensões políticas.

De um lado, o ministro do Interior (na época Cossiga, actual presidente da República), e uma boa parte da esquerda pediam a criação de dois serviços distintos (civil e militar). Do outro, a hierarquia do Exército, em parte apoiada pela Democracia Cristã, o Partido Social-democrata e a direita, defendia asperamente as prerrogativas de que gozara durante quase meio século à frente dos serviços secretos.

Durante o período fascista já o SISMI perdera a pouco e pouco o seu carácter de serviço de contra-espionagem militar para se tornar um instrumento oculto do poder. Uma primeira tentativa com vista a criar uma Polícia paralela foi a do governo Tramboni, em 1958. Fracassou, porém. Mas, depois, a necessidade de exercer um controlo da sociedade através do jogo de Polícias paralelas, fez-se sentir cada vez mais nos meios de direita.

A intervenção de tais Polícias na vida política tornou-se mais

pesada depois da ascensão da esquerda extraparlamentar no fim dos anos 60...

Ao longo da história dos serviços de informação depois da guerra, a noção de segredo de Estado serviu amplamente para cobrir operações que estavam longe de ser claras, e até compromissos ou cumplicidades evidentes.

Até ao princípio dos anos 80, notam-se vários tipos de desvio dos serviços secretos. Primeiro a sua implicação na estratégia da tensão, e até em tentativas de golpe de Estado que constituíram a resposta da direita ao aparecimento dos primeiros governos de centro-esquerda. Alguns membros dos serviços secretos não seriam estranhos a um atentado como o da Piazza Fontana, em Milão, em 1969, assim como à tentativa de golpe de Estado de Giulio Valerio Borghese.

Outro caso mais original é o embargo de parte dos serviços de informação de personagens que, de simples colaboradores ou informadores, se tornam verdadeiras eminências pardas do poder. Foi o caso de Gelli. A Loja P2 não foi uma emanção dos serviços secretos, mas constituiu um centro de poder oculto em relação orgânica com eles o o estado-maior dos carabinieri.

Outro desvio dos serviços secretos consistiu em lançar falsas pistas a certos inquéritos da magistratura (por exemplo nos atentados na Piazza Fontana, do comboio Italicus ou da estação de Bolonha). Noutros casos, os serviços secretos tiveram estreitas relações com o crime organizado, em especial a Camorra napolitana (caso do rapto do assessor do urbanismo, Girilio, em 1979). Até agora nenhum escândalo chegou ao ministro da tutela dos serviços secretos.

Dito isto, a acção destes serviços não foi somente negativa. O SISDE teve um papel importante na libertação do general americano Dozier, raptado em 1981 pelas Brigadas Vermelhas.

Desde o escândalo da Loja 2, as relações dos serviços secretos com os grupos mais suspeitos da sociedade italiana (organizações ocultas ou crime organizado) parece terem-se tornado mais difíceis. Ao contrário dos seus predecessores, Craxi, desde a sua chegada à presidência do conselho não delegou o seu poder de controlo aos serviços de informação. Durante os dois últimos anos não reventou nenhum escândalo em que os serviços secretos estivessem envolvidos.

Philippe Pons

Doces crónicas

TÍTULO: O MONÓLOGO DO
VAQUEIRO, PERDÃO,
DO POLÍTICO. OU
"O FOLHETIM
cívico!"



NÃO RESPONDO A
PERGUN-
TAS DE
JORNALIS-
TAS DA
**TELEVI-
SÃO!**

EU SOU UM
POLÍTICO
COM UMA MA-
NEIRA MUI-
TO PRÓPRIA
DE ES-
TAR NA
VIDA E
NA POLÍ-
TICA!



Festa na Juke Box

Continuação da pág. 22

por se ter introduzido um **tema** à função habitual, tornando esta em algo de especialmente vivível.

Celebração do tropicalismo pois, de uma faceta que nos é verdadeira mas obscura, possibilidade de uma outra decifração corporal dos ritmos já anteriormente dançados mas sem o enredo ideal, considerado como o **próprio** e por isso mesmo só valendo realmente a pena fruí-los nesta situação.

Claro que se implica um teatro, e é este que se sugere nas roupas. Nas fotografias, ele tem desenhos de ananases na camisa, ela um colar de flores. São **personagens**, pretendem encarnar outros modos de estar, transfigurar-se. Dançam representando mimetizam. O índio pode ser a arara sendo homem, miticamente, mas o ocidental que «veste a pele» do índio (do tropical), demonstra apenas a diferenciação existente — precisamente por isso a teatralidade: é só o «actor» que fica. Ainda a condição portuguesa.

É o que nos diz a seminudez intencionada de alguns. Desvendar a **pele** (bronzead!) não é acto cultural, no sentido do costume africano das mulheres usarem os seios nus, e sim **subcultural** porque se trata de uma **alusão** feita por esta outra cultura, subterraneamente, insignificativa para as suas formas dominantes. São nágedas portuguesas, virilhas portuguesas estas, irremediavelmente.

Rui Eduardo Paes



Responsável de edição, João Mendes

Correspondência, «Diário de Lisboa»/SetePonto Sete, Rua Luz Soriano, 44, 1200 Lisboa

MENSAGENS PESSOAIS

Spectrum 48K

Vende-se um conjunto formado por um computador ZX Spectrum 48K, teclado profissional, televisor, a preto e branco, impressora, gravador e light-pen. Instruções em português. Oferta de vários programas. Tudo por 75 000\$00. Para mais informações contactar para: António Lopes — Telefone 764833

Acupunctura

Medicina tradicional chinesa. A redescoberta da harmonia e do equilíbrio no seu corpo. Neuropatia, espondilose, dores ciáticas, reabilitação, etc. Por licenciada em medicina pela Faculdade de Medicina de Xangai. Ana Wang. Telefone 841447

Tatuagens

Gostaria de fazer uma tatuagem pelo processo de máquina (não manual) e a cores, com a máxima perfeição. No entanto não sei onde a poderei fazer, estando mesmo disposto a deslocar-me a qualquer ponto do País. Apartado 1.867-1.018 Lisboa

Morris 1000

Morris 1.000, 1981, óptimo estado, estofos, pneus, motor, bom preço. Telefone 708645 (noite)

Honda 600

Ano 1972 — Vermelho — bom estado, vendo — Telef. 315093, depois das 19 horas

Torraltá

Investidores com juros em atraso que queiram empreender acção conjunta já em Outubro. Enviar 25\$00 em selos para resposta. J. T. D. Ferreira. Apartado-28 ou Av. Forças Armadas-2200 Abrantes

Quarto

Aluga-se a menina estudante ou empregada. Telef. 606482 — Lisboa

Dactilografia

Faço trabalhos de dactilografia. Telef. 9823845

Mini-jogos Totoloto

Pretende-se contactar a firma que produz os mini-jogos do Totoloto e 1x2 em plástico com o tamanho de 7,5x6cm para futuras enc. de quantidade. Américo R. Olarias, 3. Telef. 864647 — 1100 Lisboa

Regulamento:

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete nem o «Diário de Lisboa» podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais», Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.

Em ténis

João Cunha e Silva e Nuno Marques interrompem carreira dos irmãos Cordeiro



Carvalho Silva jôl ao «tapete»

João Cunha e Silva e Nuno Marques venceram ontem, em pares seniores, o campeonato nacional de ténis ao derrotarem na final a dupla Pedro Cordeiro/José Manuel Cordeiro por 3-1, com os parciais 6/2, 6/3, 6/0 e 4/6.

Em femininos Susana Marques e Susana Carvalho da Silva sagraram-se campeãs na mesma categoria ao vencerem Isabel Costa e Marta Varanda numa final que acabou abruptamente por desclassificação do segundo par. Esta foi de resto uma nódoa que manchou as provas realizadas ao longo de uma semana, no Estádio Nacional do Jamor.

Vale a pena contar o episódio: na segunda partida desta final (a primeira já fora ganha por Susana Marques e Susana Carvalho da Silva, por 6-2), quando o resultado continuava a ser favorável ao primeiro par por 5-2, num «tiebreak»,

Pedro Carvalho Silva: o vice

Marta Varanda, que já havia dado algumas manifestações de histerismo, agarrou a bola e raquetou-a para fora do «court», contra um painel. Teve azar que a bola subiu e foi acertar na cara de uma senhora que assistia, da tribuna, à partida. O árbitro deu imediatamente o jogo por terminado com a desclassificação do par Isabel Costa e Marta Varanda. Isabel Costa merecia melhor sorte...

O jogo entre os irmãos Pe-

dro Cordeiro e José Manuel Cordeiro, campeões nacionais da modalidade durante cinco anos, e os jovens promissores Nuno Marques e João Cunha e Silva teve momentos de grande nível técnico. Não nos esqueçamos que estiveram em jogos os melhores jogadores portugueses de ténis, ou pelo menos, alguns dos melhores.

No sábado disputaram-se as finais em singulares masculinos e femininos.

Pedro Cordeiro. o campeão

Pedro Cordeiro: um grande campeão

Pedro Cordeiro sagrou-se pela quarta vez consecutiva campeão nacional de Ténis ao derrotar na final o jovem Pedro Carvalho da Silva por 3-1 com os parciais 3/6, 7/5, 6/0, 7/5.

A partida, que se realizou no «court» central do Estádio do Jamor, decorreu de uma forma exemplar, e se não pudemos assistir a um jogo de grande nível técnico, assistimos seguramente a uma partida que pôs frente a frente dois grandes senhores da modalidade, dois jogadores de fino porte.

Para o facto de esta partida não ter tido a regularidade técnica de que dela se esperava, por estarem em jogo dois grandes atletas, concorreram o calor e também o cansaço de Pedro Cordeiro e de Pedro Carvalho da Silva, que ambos se haviam esgotado nas meias-finais da véspera. Não nos esqueçamos que Pedro Cordeiro chegou à final depois de vencer João Cunha e Silva por 3-2, numa partida que durou quase cinco horas. Era natural, pois, que decorridas menos de 24 horas, o jogador se ressentisse, como de resto, se ressentiu Pedro Carvalho da Silva, que havia defrontado, também na véspera, um outro grande jogador, João Maia.

Pedro Cordeiro, ao vencer esta final e com ela o título de campeão nacional da modalidade, entra para a história do ténis com honras de grande senhor. São de resto poucos os que se poderão orgulhar-se, aos 22 anos, possuírem quatro títulos nacionais consecutivos, seja em que modalidade for.

Em femininos, Susana Marques, irmã de Nuno Marques, uma das maiores esperanças da modalidade, bateu na final Isabel Costa por 6-4, 6-2. Susana sucede assim a Fátima Santiago, ausente deste campeonato por lesão num pé.

Checos dominaram «open» dos EUA



Hana Mandlikova: sensação nos EUA

O checoslovaco Ivan Lendl venceu o «open» dos Estados Unidos que se disputou nas pistas de Flushing Meadows, ao derrotar na final o norte-americano John McEnroe por 7-6 (7/1) 6/3 e 6/4.

Este é o segundo torneio do Grande Slam ganho pelo jogador checo que em 1984 derrotou McEnroe em Roland Garros.

Título para Mandlikova

A checoslovaca Hana Mandlikova culminou com êxito,

sábado, a sua terceira participação no «open» dos Estados Unidos, conquistando o seu primeiro título em Flushing Meadows ao vencer na final a sua ex-compatriota Martina Navratilova, que detinha o título, em três «sets», com os parciais 7/6 (7/3), 1/6, 7/6 (7/2).

O triunfo de Mandlikova frustrou o sonho da ex-campeã de conquistar pela terceira vez consecutiva o título do «open» norte-americano.

Mandlikova conseguiu vencer à terceira, depois de ter sido derrotada em duas finais pela norte-americana Chris Evert-Lloyd, que neste torneio afastou nas meias finais.

Além de vencer em Flushing Meadows, Mandlikova passa a contar no seu palmarés com um triunfo para o qual venceu sucessivamente Evert-Lloyd (4/6, 6/2, 6/3) e Navratilova, respectivamente cabeças de série número um e dois.

A última tenista a vencer, num mesmo torneio, as duas primeiras do ténis feminino



McEnroe

mundial foi a norte-americana Tracy Austin.

Para Navratilova, que em vinte confrontos anteriores com Mandlikova vencera 14 vezes,

esta foi a segunda derrota em quatro anos na final de Flushing Meadows, depois de ter sido batida em 1981 por Tracy Austin.

Pares femininos

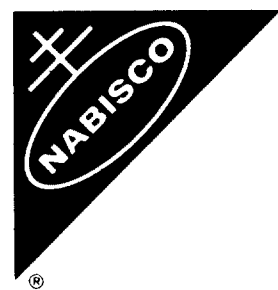
A alemã-federal Claudia Kohde-Kilsch e a checoslovaca Helena Sukova ganharam o torneio de pares femininos vencendo na final a dupla Martina Navratilova / Pam Shriver com os parciais 6/7, 6/2, 6/3.

Pares mistos

Martina Navratilova e Heinz

Guenthardt venceram o torneio de pares mistos, tendo Navratilova conseguido na terceira final, um título nesta edição dos campeonatos, em Flushing Meadows.

Depois de derrotada na final de singulares e de pares femininos, Navratilova, fazendo dupla com o suíço Guenthardt, venceu na final o par formado pelos australianos Elizabeth Smylie e John Fitzgerald, com os parciais 6/3, 6/4.



Royal®

GRUPO





James Weaver e Rick Danko; mais de uma hora de espectáculo não foi suficiente para saciar o apetite do público

Sábado à noite no Alto da Ajuda

Concerto dos The Band provou que o rock não morreu

Quando nos cinemas de Lisboa foi exibido o filme «The Last Waltz», de Martin Scorsese, os espectadores portugueses estavam longe de imaginar que anos mais tarde iriam ver, e ouvir, o grupo que então celebrou a sua despedida. Foi, no entanto, o que aconteceu sábado à noite: dois meses após o reencontro o «The Band» esteve em Lisboa e mostrou aos mais cépticos que o seu som continua a ser um dos pilares do «velho» rock.

São poucos os nomes que sintetizam como o «The Band» o que de melhor se fez na década de 60/70 e foi a memória dessa década que o grupo que acompanhou Bob Dylan trouxe, em noite de quarto minguante ao Alto da Ajuda. Ao longo de mais de uma hora, «The Band» deu ao público que enchia o recinto do Palco 25 de Abril a possibilidade de percorrer com ele a «estrada». E o público respondeu. Chamado por três vezes ao palco, o grupo que este ano foi estrela na Festa do Avante tocou mais seis músicas do que as previstas, enquanto o seu vocalista, Rick Dank, trazia um itinerário no qual Portugal aparece ao lado do Canadá e de Nova Iorque.

No final, cansados, os elementos do «The Band» não escondiam a sua vontade de regressar a Lisboa. «Gostávamos de voltar, mas só depois de podermos descansar três semanas», disse-nos o teclista e saxofonista Garth Hudson. Em dois meses, o grupo fez 42 concertos. Para Hudson, esse número é por si só suficiente para demonstrar a «alegria» de estarem de novo juntos. Alegria que, no entanto, não é partilhada por Robbie Robertson. «Ele não está doente. Que eu saiba está a

fazer um filme. O que é que se passa? Ele apenas não gosta da estrada», disse-nos Hudson, explicando assim a ausência do antigo guitarrista do grupo. Há nove anos, Robbie Robertson, explicando a despedida do seu grupo, dizia: «a estrada levou alguns dos grandes nomes».

Mas os outros elementos do «The Band» parecem agora não estarem preocupados com o seu futuro «on the road». Guardan, no entanto, algumas «superstições». O tema da «Última Valsa» é, talvez, uma delas. Para Garth Hudson «há músicas que não se podem tocar sempre» e aquela está na lista. Por isso não a tocaram no Alto da Ajuda e a sua ausência foi a única expectativa gorada do concerto que, no sábado, transformou a Festa do Avante num «espaço dançante».

Despedindo-se com o tradicional «God Bless you», «The Band» marcou também, no sábado, a distância que o separa da militante Holly Near, uma cantora de folk norte-americana que se apresentou em palco acompanhada apenas por um pianista.

Mas apesar de precário para um espaço tão grande, o piano foi mais do que suficiente para acompanhar a «grande voz» de Holly Near. Deslumbrada com a multidão que aguardava a entrada em cena do «The Band», Holly exclamou que aquela era uma das maiores festas a que já tinha assistido e transmitiu as «saudações do povo dos Estados Unidos que luta pela paz». Transitando do espanhol para o inglês, a cantora folk recordou temas como «Gracias a la vida» de Violeta Parra, «Te Doy Una Cancion» de Silvio Rodrigues e outros sobre a mulher e a «unidade». No entanto, não conse-

guiu agarrar o público que a encarou como um prelúdio ao prato forte da noite.

Era perto da uma da madrugada quando «The Band» abandonou em definitivo o palco. A sua actuação continuou, contudo, a ser tema de conversa no Alto da Ajuda onde, ontem, eram várias as pessoas que exclamavam: «não os vimos nos Estados Unidos, mas ouvimos-os em Lisboa. Era o concerto que faltava».

Entre as delegações estrangeiras à Festa do «Avante», o concerto de sábado constituía também ponto de referência obrigatório. Representantes do Partido Comunista da Alemanha Federal não escondiam, por exemplo, o seu espanto por

verem no meio da assistência alguns (poucos) velhos sentados em cadeiras de praia. Mas estes não são público do grupo que durante 16 anos participou em todos os Festivais de música que hoje fazem parte da história do rock. Após o reencontro, perto, ou mesmo já passados os 40 anos, os elementos dos «The Band» têm entre os seus fãs jovens que na altura em que eles eram «reis» ainda não tinham nascido e para quem o «velho» rock corre o risco de ser uma peça de museu.

Mas, para além da sua qualidade, a actuação do «The Band» teve, a este respeito, o mérito de ser mais do que um desfile de «velharias» ou talvez o rock não morra nunca...

CV



«Há músicas que não se podem tocar sempre», disse-nos Garth Hudson. «A Última Valsa» é uma delas...

Exposições

• Uma exposição de objectos de cerâmica de Maria Estrela e Alberto Cidraes é inaugurada hoje às 18 horas na Sala dos Painéis do Palácio Foz.

• António Pimentel expõe a partir das 22 horas de hoje obras de pintura da sua autoria na Galeria Hotel Albatroz, em Cascais. A mostra estará patente ao público das 15 às 23 horas (Rua Frederico Arouca, 100).

• «Nova Ourivesaria» é o tema de uma exposição que reúne cerca de 80 peças de alunos e professores da Oficina de Ourivesaria do AR.CO., patente no Museu Nacional de Arte Antiga. O Museu expõe simultaneamente uma selecção de peças da sua colecção de joalharia.

• «Paisagens de Cá e de outras Paragens» é o tema da exposição de João Silva patente no Camarim (Rua Heliodoro Salgado, 47-A, em Lisboa), dedicada ao pintor Joaquim Lourenço. Pode ser visitada até ao dia 15 do corrente mês, a partir das 18 horas.

• Luís Soares, Filomena Carmo e António Bronze mantêm em exposição no Armazém Regimental de Lagos 500 peças de cerâmica e 30 peças de tecelagem da sua autoria.

• Termina hoje a exposição de pintura de Martine Nancy de Sousa patente no Pátio Alfacinha, em Lisboa, onde pode ser vista até às 21 horas.

• Uma exposição de escultura em pedra de Luís Perienes e Carlos Dutra, no Museu de Setúbal-Convento de Jesus, assinala hoje às 18 horas o início da Semana Sadina, uma iniciativa da Câmara Municipal de Setúbal.

• Continua aberta ao público a exposição de pintura de Isabel Ferreira na Galeria Municipal de Arte (Rua das Fontes, 41), em Évora, organizada pela Cooperativa Gesto Arte, com o apoio da Câmara local.

• Na Junta de Turismo da Costa do Estoril, Pamela Anderson, pintora inglesa, expõe os seus trabalhos até ao próximo dia 15 do corrente mês.

• Uma Feira de Arte com obras de 105 artistas continua patente ao público no Casino da Póvoa de Varzim. A organização do certame é da responsabilidade de três galerias da cidade do Porto — Alvarez, Dois e Rima e Pavia, abrangendo criações que vão da abstracção à figuração. Impossível nomear todos os artistas, mas referência obrigatória para Cargaleiro, Cesari, João Hogan, João Vieira, Júlio Pomar, Júlio Resende, Lima de Freitas, Espiga Pinto, António Sena, Arpad Szenes, Cruzeiro Seixas, José Rodrigues, Nadir Afonso, Relógio, Salvador Dalí, Roque Gameiro, Vieira da Silva e muitos outros.

• 20 Pintores Portugueses em Madrid é o nome de uma colectiva de pintura que continua patente na Galeria de Arte do Casino do Estoril. São cerca de 50 obras representativas de muitas tendências estéticas, concebidas pelos seguintes artistas: Álvaro Passos, António Araújo, António Joaquim, Albino José Moreira, Carlos Carreiro, Eduardo Alarcão, Francisco Relógio, Gil Teixeira Lopes, Helena Liz, Jaime Murteira, Jorge Portela, José Cândido, Justino Alves, Lázaro Lozano, Lima de Freitas, Luís Pinto Coelho, Manuel Cargaleiro, Matilde Marçal, Paulo Ossião e Thomaz de Mello/Tom. Pode ser visitada entre as 15 e as 24 horas.

• No Centro Cultural de S. Lourenço (Algarve), José Guimarães apresenta as suas mais recentes esculturas e pinturas.

Cinema

• O Garoto do Circo, um filme para crianças de Walt Disney, preenche a sessão de hoje, do III Ciclo de Cinema em Noites de Verão, que o Rocal Clube promove no Jardim de Silves. Esta é a última sessão do ano, como as anteriores às 21.30.

• Prossegue em Arcos de Valdevez no Minho, a Retrospectiva do Cinema Português promovida pelo Grupo de Estudos do Património Arqueológico. Às 21.15 exhibe-se a película As Pupilas do Senhor Reitor, de Perdígão Queiroga.

Livros

• A exposição comemorativa dos cinquentenários da morte de Jaime Batalha Reis e Luís de Magalhães continua patente ao público na Biblioteca Nacional de Lisboa, todos os dias úteis, entre as 10 e as 17 horas.

Alfas Triplex

T. 806496

Alfa 1

-DUNE-
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

Alfa 2

HERBIE
(para maiores de 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e
00.15 h

Alfa 3

A TESTEMUNHA
(para maiores de 12 anos)
13.45, 16.15, 18.45, 21.30 e
24 h

Alfa Club

T. 763319

**DESAPARECIDO EM
COMBATE**
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

Apolo 70

A TESTEMUNHA
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

Ávila

T. 539930

STARMAM
(para maiores de 12 anos)
15, 17, 19.10, 21.45 e
23.45 h

Avis

T. 547163

**AMOR ENTRE
MULHERES**
(interd. a men. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h
5.ª Semana

Berna

T. 776098

-DUNE-
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Caleidoscópio

T. 795093

**A CAIXINHA DE
SURPRESAS**
(para todos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h
5.ª Semana

Capitolio

T. 372358

**CARIMBE-ME SR.
CARTEIRO**
(para maiores de 18 anos)
15, 17, 19, 21 e 23 h

Castil

T. 556824

**O CAMINHO DO
SUCESSO**
(para maiores de 6 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Cinebloco

T. 556824

OS AMANTES DE MARIA
(para maiores de 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

**OS COMANDOS
DA NOITE**
(para maiores de 16 anos)
24

Cine Camões

**O SUPERSÔNICO DA
MORTE**
(não acons. men. 13 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h



Uma cena do filme "Diário de Uma Criada de Quarto" realizado por Luís Buñuel, com Jeanne Moreau e Michel Piccoli

Cine 222

T. 579460

**AS AVENTURAS DE
BUCKAROO BANZAI**
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30 e 21.30 h
**O ÚLTIMO
AMANHECER**
24 h

Cine Portela

T. 2524761

O CONFRONTO
(para maiores de 12 anos)
16 e 21.45 h

A MULHER PÚBLICA
(para maiores de 16 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine

T. 549999

CHINATOWN
(não acons. men. 18 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

**FINALMENTE
DOMINGO**
(para maiores de 12 anos)
23.45 h

Condes

T. 322523

O JOGO DO FALCÃO
(para maiores de 18 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Eden

T. 320768

O BOMBARDEIRO
(não acons. men. 13 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Estúdio

T. 555134

GENTE GIRA
(para maiores de 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h
40.ª Semana

Estúdio ACS

T. 887255

O TESS
(interd. a men. 13 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

Estúdio 444

T. 768078

**IDENTIFICAÇÃO DE
UMA MULHER**
(para maiores de 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Fonte Nova

T. 7145109

**A VINGANÇA DE
PORKY'S**
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
24 h

Sala 2

OS AMANTES DE MARIA
(para maiores de 16 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e
21.15 h

Sala 3

**BABY — O SEGREDO DA
FLORESTA PERDIDA**
(para maiores de 6 anos)
14.45, 17, 19.15 e 21.45 h

Forum Picoas

T. 541037

Auditério 1
**O ESTRIPADOR DE
NOVA IORQUE**
(não acons. men. 18 anos)
22 h

Auditério 2
ROMA CIDADE ABERTA
(n/ acons. men. 13 anos)
21.30 h

Gemini

T. 734009

HERBIE
(m/ 6 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

Hollywood

T. 802859

O JOGO DO FALCÃO
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

Sala 2

AMADEUS
(para maiores de 12 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

Império

T. 555134

LAWRENCE DA ARÁBIA
(para maiores de 10 anos)
14.45, 18.15 e 21.30 h

Las Vegas

T. 631162

**ELECTRIC DREAMS —
AMOR É MÚSICA**
(para maiores de 12 anos)
15.15, 18.45 e 21.30 h

O JOGO DO FALCÃO
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

Londres

T. 801313

**ELECTRIC DREAMS —
AMOR É MÚSICA**
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Montecarlo

T. 681117

BLUSÕES NEGROS
(não acons. men. 18 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Mundial

T. 538743

HERBIE
(m/ 6 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Nimas

T. 574362

HERÓIS E AMANTES
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Odeon

T. 326283

JÚLIA E OS HOMENS
(interd. a men. 18 anos)
15.15, 18.15 e 21.30

Olimpia

T. 325309

**SEXO CONTRA
RELÓGIO**
(Int. men. 18 anos)
Sessões contínuas a partir das
14 h
Filme pornográfico

Pathe

T. 821933

**O REGRESSO DA
CAROCHA**
(para maiores de 6 anos)
14, 16.30 e 21.30 h

RALLY INFERNAL
(para maiores de 13 anos)
24 h

**ADULTÉRIO À
ITALIANA**
(para maiores de 18 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Promotora

T. 637180

HOMENS DE ACO
(n/ acons. men. 13 anos)
15.15 e 21.30 h

Quarteto

T. 771378

**DIÁRIO DE UMA
CRIADA DE QUARTO**
(n/ acons. men. 18 anos)
15, 17, 19, 21.30 e 23.30 h

LARANJA MECÂNICA
(interd. a men. 18 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

A OCASIÃO DA ROSA
(não acons. men. 16 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h

O CLUBE
(para maiores de 18 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.15 e
23.30 h

O ÚLTIMO DRAGÃO
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

**ENCONTRO COM O
AMOR**
(para maiores de 12 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

**A CORRIDA MAIS
LOUCA DO MUNDO**
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

**BREAKDANCE —
RITMO NA RUA**
(para maiores de 6 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

S. Jorge

T. 579144

A TESTEMUNHA
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

REACÇÃO EM CADEIA
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.45 h

Sala 3

O CLUBE
(para maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.15 e
21.30 h

7.ª Arte

T. 730715

EXCALIBUR
(interd. a men. 13 anos)
14.30, 17, 19.15, 21.45
e 24.00 h

Star

T. 804210

O HOTEL DA PRAIA
(não acons. men. 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Terminal

T. 371573

**POLICE ACADEMY 2 (A
PRIMEIRA MISSÃO)**
(para maiores de 12 anos)
13, 15, 17, 19 e 21.30 h

Tivoli

T. 570595

DUNE
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Turim

T. 706666

TOP SECRET
(para maiores de 6 anos)
15, 17.30 e 21.45 h

Vox

T. 880808

**O CAMINHO DO
SUCESSO**
(para maiores de 6 anos)
15, 18.15 e 21.15 h

Xenon

T. 368480

**A REVOLTA DOS
MARADOS**
(para maiores de 12 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Zodiaco

T. 570151

**O IMPÉRIO DOS
SENTIDOS**
(interd. a men. 18 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h

Linha de Sintra

**AMADORA — Cinestúdio
Lido** — «A Revolta dos Ma-
rados», às 15.30 e 21.30
(maiores 12 anos)
AMADORA — Cine-Teatro
— «Fuga do Inferno», às
21.30 (maiores de 16 anos)
AMADORA — Cine Plaza
— «Herbie, no Ralli de Monte
Carlo», às 15.30 e 21.30
(maiores de 6 anos)
AMADORA — Babilónia —
«Perversa sedução», às
15.15, 18.15 e 21.30 (maiores
de 12 anos)

**CACÉM — Cinestúdio Flo-
res** — «Os Tarados do Rio
Louco», às 15 e 21.30 (maio-
res de 12 anos)

MEM MARTINS — Chaby
— Descanso
SINTRA — Carlos Manuel
— «O Segredo da Floresta
Perdida», às 21.30 (maiores
de 6 anos)

Linha de Cascais

**CASINO — «A Vingança de
Porky's», às 17 e 21.15**
(maiores de 12 anos)
**CINE-IMPALA — «Zona de
Perigo», às 16, 21.30 e 24 h**
(maiores de 16 anos)
**SPORT ALGÉS E DA-
FUNDO** — Descanso

Outra Banda

ALMADA — Academia —
«Ruas Selvagens», às 15.30,
18.15 e 21.30 (maiores de 12
anos)
ALMADA — Incrível —
«COM JEITO VAI... DE
BACAMARTE À SOLTA»,
às 15.30 e 21.30 (maiores de
13 anos)

Porto

ÁGUIA DE OURO —
«Herbie no Rali de Monte
Carlo», às 14.15, 16.30,
18.45 e 21.45 (maiores 6
anos)
BATALHA — «Os Glorio-
sos Malucos da Academia do
Volante», às 14.30, 16.30 e
21.45 (maiores de 12 anos)
CHARLOT — «Momento
da Verdade», às 15.15, 18 e
21.30 (maiores 12 anos)
COLISEU — «Dune», às
16.30, 18 e 21.30 (maiores de
12 anos)
FOCO — «Dune», às 14,
16.30 e 21.45 (maiores de 12
anos)
JÚLIO DINIZ — «Mete o
Teu Diabo no Meu Inferno»,
às 15.30 e 21.30 (interd. a
men. 18 anos)
LUMIÈRE — Sala A —
«Carmen», às 15, 17.45 e
21.30 (maiores de 12 anos)
— **Sala L** — «Testemunha de
um Crime», às 15.15, 18 e
21.45 (maiores de 18 anos)
NUN'ÁLVARES — «De-
cameron», às 15.30, 18 e
21.45 (não acons. men. 18
anos)
OLÍMPIA — «Vénus, em
Casaco de Peles» às 14.30
(interd. men. 18 anos)
PASSOS MANUEL —
«Reacção em Cadeia», às
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
(maiores de 12 anos)
PEDRO CEM — «Música
no Coração», às 15, 18.30 e
21.30 (para todos)
RIVOLI — «Motos Infe-
rnais», às 15, 18.15 e 21.30
(maiores 6 anos)
SALA BEBÉ — «Amor
Eterno», às 14.15, 16.20,
18.30 e 21.20 (maiores de 12
anos)
SÃO JOÃO — «A Testemu-
nha», às 15.30 e 21 (maiores
de 12 anos)
STOP — Stop 1 — «Vin-
gança de Porky's», às 14,
16.30, 19 e 21.30 (maiores
12 anos) — **Stop 2** — «A
Testemunha», às 14.15,
16.45, 19.15 e 21.45 (maio-
res de 12 anos)
**TEATRO SÁ DA BAN-
DEIRA** — «Massagista Se-
xual», às 12.30, 15, 17 e 19.
Porno (int. men. 18 anos)
TRINDADE — «O Homem
das Estrelas», às 15.30, 18 e
21.45 (maiores 12 anos)
VALE FORMOSO —
«Terra Sangrenta», às 15.15,
17.45 e 21.45 (maiores de 16
anos)

FARMÁCIAS DE LISBOA, PERMANENTE: ALCÁNTARA: Proibidade, Rua Alcântara, 15-AB (Telf. 638589); AREEIRO-APEADEIRO: Nova Lisboa, Rua Guilhermina Suggia, 12 (Telf. 637721); CAMELE-ARCO CEGO: São Jorge, Lg. Leão 3-AB (Telf. 534627); ENC. RESTELO-ESC. P. VICENTE: Belém, Rua Tristão Vaz, 10-A (Telf. 612248); ESTRELA: Aurelio Rego, Cç. da Estrela, 139 (Telf. 661758); GALINH. CHARNECA-LUMIAR: São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (Telf. 790969); GRAÇA: Almeida Dias, Lg. Graça, 38-39 (Telf. 862909); LG. CAMPO PEQUENO: Miranda, Lg. Campo Pequeno, 36-BC (Telf. 770776); OLIVAIS VELHO: Olivais, Rua Alves Gouveia, 19 (Telf. 311237); PALHAVA: Curie, Av. Mamede Cune, 15-A (Telf. 723220); RESTELO: Restelo, Rua Duarte Pacheco, 11-C (Telf. 610741); SÃO JOSÉ-TIVO-LI: Fernandes, Rua S. José, 187 (Telf. 326476); COLINA DO SOL-BRANDO-AMADORA: Vidal Reis, Urb. Alformelos-Célula G-Lote 35 (Telf. 996540); PONTINHA: Cruz Correia, Est. Santo Elói, 41-A (Telf. 992453); QUINTA DO MENDES-ODIVELAS: Almeida, Pct. à Rua Tomás da Anunciação, 38-B.

REFORÇO: PICHELEIRA: Mariuz, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF/Calçada do Picheleira, 140-BC (Telf. 880703); ALVALADE: Alvalade, Av. da Igreja, 18-A (Telf. 892070); AMOREIRAS-ESTACAO: CARRIS: Ivone, Rua Silva Carvalho, 232-C (Telf. 650760); ANJOS-LISBOA GIN. CLUBE: São José, Rua Anjos, 41-A (Telf. 821732); BAIRRO ALTO: Veritas, Rua Misericórdia, 135 (Telf. 327564); BEATO: Grijó, Rua do Grilo, 25 (Telf. 385264); BENFICA-CHARQUINHO: Macedo, Rua República da Bolívia, 69-C (Telf. 713697); CHELAS: Sacramento, Rua Atriz Palmira Bastos, Lt. 42 (Telf. 570730); ESTRELA-POSSIDONIO SILVA: Tagus, Rua Possidónio Silva, 162-A (Telf. 669485); SALDANHA: Cruz Nunes, Pc. Duque Saldanha, 14-15 (Telf. 41845); SANTA APOLOINIA-CAMINHOS FERRO: Pereira Suc., Rua Paraíso, 98-St. Clara-Hosp. Marinha (Telf. 863224); BURACA-AMADORA: Vaz Martins, Rua António Ferro, 6-A (Telf. 970660); OLIVAL BASTO: Nova, Rua Açores, 11-A (Telf. 9810305); PRIOR VELHO: Matos, Tv. Prioras, (Telf. 2519934); LINHA DE CASCAIS: ALGÊS: Miramar, Rua Ernesto Silva, 83 (Telf. 2112048)-Perm.; LINDA-A-VELHA: Melo Almeida, Rua D. Diogo Couto, Lote 182 (Telf. 4191235)-Até às 19 h.; TIRES: Guimarães, L. Duartes, Lote A-r/c (Telf. 2441616)-Até às 22 h.; ALCABIDECHÊ: Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4 (Telf. 2690363)-Até às 22 h.; PORTO SALVO: Ferreira Bastos, Rua D. Firmino Rebelo (Telf. 2421015)-Até às 22 h.; CARCAVELOS: Central, Rua 5 de Outubro, 25 (Telf. 2470037)-Perm.; S. DOMG. RANA: Godinho Silveira, Rua A. Albuquerque, Lote B-Lj/2 (Telf. 2470361)-Até às 22 h.; MALVEIRA DA SERRA: Luz, Estrada Nacional (Telf. 2850635)-Até às 22 h.; OEIRAS: Mourão Vaz, Av. Moçambique, 18-C (Telf. 2437190)-Até às 22 h.; NOVA OEIRAS: Leal, Quinta da Palmeira, Lote 24 (Telf. 2478737)-Perm.; PAREDE: Grincho, Rua República, 87-A (Telf. 2471204)-Perm.; MURTAL: Primavera, Rua das Parreiras, 2-Até às 22 h.; SASSOELROS: Amaral, Quinta das Encostas (Telf. 2461312)-Até às 22 h.; BIRRE: Imani, Lote 7-B-Hera (Telf. 2852121); MA-

DORNA: Madeira, Rua A (Telf. 2476326)-Até às 22 h.; AMOREIRA: Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos (Telf. 2682313)-Até às 22 h.; MONTE ESTORIL: Ostende, Rua de Espinho, 16 (Telf. 260391)-Até às 22 h.; CASCAIS: A. Costa, Rua Freitas Reis, 24-C (Telf. 280214)-Perm.; OUTRA BANDA: ALMADA: Castro Rodrigues, Rua Capitão Leitão, 21-A (Telf. 2750076)-Perm.; COVA DA PIEDADE: Atlântico, Av. Rainha D. Leonor, 45-A (Telf. 2764466)-Perm.; COSTA DA CAPARICA: Carlos, Av. do Mar, 34-A (Telf. 2401060)-Até às 19 h.; FEIJÓ, P. Borges Rego, 7 (Telf. 2290911)-Até às 22 h.; SESIMBRA: Leão, Av. Liberdade, 13 (Telf. 2233471)-Até às 19 h.; LAVRADIO: J. Consolado, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (Telf. 2043126)-Até às 19 h.; BARREIRO: Natal, Av. Alfredo Silva, 116 (Telf. 2073035)-Perm.; BAIXA DA BANHEIRA: Teixeira, B.º Moçambique, 84-B (Telf. 2040946)-Até às 19 h.; CORROIOS: Universo, Est. Nacional, 10 (Telf. 2290084)-Até às 19 h.; CRUZ DE PAU: Fonseca, Rua Ribatejo, 2-A (Telf. 2211131)-Até às 22 h.; ALDEIA DE PAIO PIRES: Central, Est. Nacional, 9 (Telf. 2210365); MONTIJO: S. Pedro, Av. Camões, 16 (Telf. 2311133)-Até às 22 h.; MOITA: Silva Rocha, P. República, 16 (Telf. 239029)-Até às 19 h.; ALHOS VEDROS: Gusmão, Rua Cândido Reis, 30 (Telf. 2040020)-Até às 19 h.; ALCOCHETE: Gameiro, L. António Santos Jorge, 15 (Telf. 234100)-Até às 19 h.; SETÚBAL: Lisboa, Rua dr. Paulo Borba, 70 (Telf. 22248)-Perm.; Barros, R. Rodrigues F. Costa, 27 (Telf. 23330)-Perm.; Isabel, L. Batalha Viso, Lote 86 (Telf. 21 677)-Até às 22 h.; LINHA DE SINTRA: AMADORA: Carmele, Rua Elias Garcia, Lote 28 (Telf. 933303)-Perm.; Dias e Brito, Av. Marquês Pombal, 45-A (Telf. 934589)-Até às 22 h.; DAMAIA: D. João V, Av. Gurgel Amaral, 2-A (Telf. 970461)-Até às 22 h.; QUELUZ: Zeller, P. da República, 83 (Telf. 950045)-Até às 22 h.; CAMARATE: Batalha, Rua Avelino S. Oliv.º 5 (Telf. 2518669)-Até às 19 h.; CACÉM: Araújo e Sá, Est. Paço Arcos, Lote 1 (Telf. 9240781)-Perm.; ALGUEIRAO: Rodrigues Rato, Rua dos Morés, 1 (Telf. 9212038)-Perm.; MERCES: Claro Russo, Rua Abade Faria, 2-A (Telf. 9215275)-Até às 22 h.; RINCHOA: Araújo-Até às 22 h.; SINTRA: Teresa Garcia-Perm.; COLARES: Abreja, (Telf. 9290088)-Perm.; S. PEDRO DE SINTRA: Valentim, (Telf. 9230456).

Porto/turno Reforço: das 9 às 12 e das 14 às 22h.

PEREIRO: R. da Preciosa, 35; ORDEM DA TRINDADE: R. Heróis e Mártires de Angola; CARNEIRO BARBOSA: R. Firmeza, 99-A; DA AREOSA: R. D. Afonso Henriques, 1/5 — Areosa; ALMEIDA: R. Castelo de Numão, 37.

De dia e toda a noite
R: R. Alexandre Herculano, 384; TERREIRO: R. da Reboleira, 21; BARROS: R. do Bonjardim, 1292; VITÓRIA: R. S. Roque da Lameira, 756; MAIA: R. do Campo Alegre, 192. Coimbra/turno — ESTADIO: R. do Brasil, 348 r/c (ao Carilhão) (T. 712710); UNIVERSAL: Praça 8 de Maio, 35 (T. 23744); M. NAZARÉ: Av. João das Regras, 132 (Santa Clara) (T. 23033).

Teatro e Copos — Finalmente Club

R. da Palmeira. 36 — Tel. 37 26 52

De segunda a sábado, às 00.30

«NÃO HÁ NADA P'RA NINGUÉM». Espectáculo em travesti. Conduzido por Lydia Barloff, com interpretações de Cindy Scrash, Lydia Barloff, Ruth Briden e Viely Batton.

Teatro Vasco Santana

Entrecampos — Tel. 768609

De terça a sábado às 21.30, domingos às 16.00

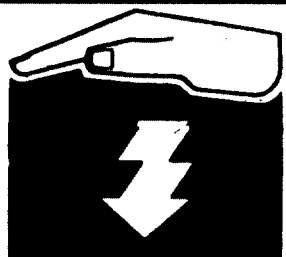
«JARDIM DE OUTONO». de Lilian Hellman. Encenação de Luzia Maria Martins. Com Carlos Mourato, Carlos Santos, Carmen Mendes, Clara Joana, Fernanda Coimbra, Fernanda Montemor e Helena Félix.

Teatro Maria Vitoria

Parque Mayer — Tel. 37 17 40

(De terça a sábado, às 20.30 e 22.45; domingos, às 16.00, 20.30 e 22.45).

«NÃO BATAM MAIS NO ZEZINHO!», de Mário Zambujal, Henrique Santana e Francisco Nicholson.

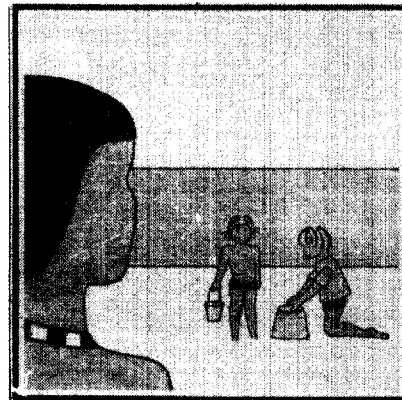


Poupe electricidade

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

(De 2.ª a domingo, às 21.45. Sábados e domingos, às 21.45 e 16.00).

«FININHO MAS JEITOSINHO». Original de João Bettencourt. Versão portuguesa de César Oliveira e Raul Solnado. Com Carlos Miguel, Simone de Oliveira e Filipe Ferrer (12 anos).



VIGIE
as brincadeiras
das crianças

ABC

Memorial Bar

R. Gustavo de Matos Sequeira, 42-A

— Tel. 66 88 91

Quartas e domingos, às 00.30

«CADA UM É COMO É», de Gonçalves Preto
Encenação de Alvaro Faria.



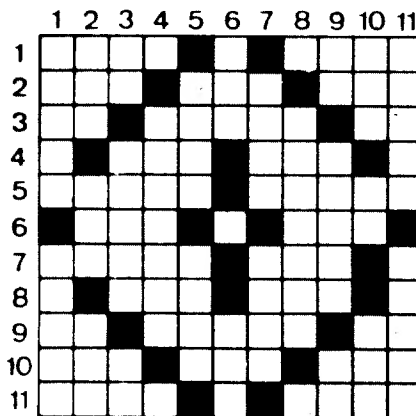
NÃO FUME
EM RECINTOS
FECHADOS

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º

HORIZONTAIS:

- 1 Criança francesa célebre pelo seu heroísmo. Polir.
- 2 Criminoso. Cidade de França. Ruim.
- 3 Aparência. Filtra. Samário (s.q.).
- 4 Oceano. Altar Cristão. Artigo de fimido.
- 5 Da massagens a. Mover os remos.
- 6 Cólera. Hora canónica correspondente às quinze horas.
- 7 Bolha de ar. Preposição.
- 8 Preposição e artigo (pl.). Emprega.
- 9 Nosso Senhor. Sagrado. Mulo.
- 10 Sinal ortográfico. Ecoo. Duzentos e cinco em romano.
- 11 No Malabar, chefe de pescadores, piloto ou capitão de porto. Para.



VERTICAIS:

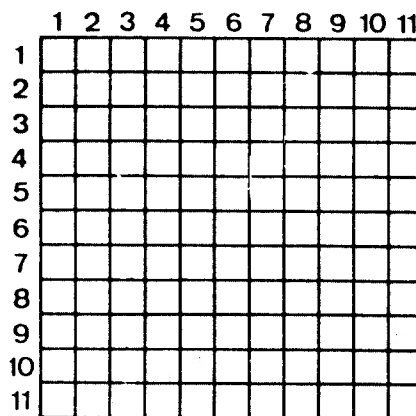
- 1 Destemida. Ventá.
- 2 Prefixo que designa ar. Dê mios. Senhor em inglês.
- 3 Ruténio (sq.). Rio de França afluente do Sena. Vê.
- 4 Pacificos.
- 5 Um dos Estados do Brasil. Sufixo que designa abundância (pl.).
- 6 Em as. Artigo definido. Uma das Espórades.
- 7 Empregar. Inocente.
- 8 Areento.
- 9 Artigo indefinido. Fruto silvestre. Cento e um em romano.
- 10 Seguias. Autores. Mil e duzentos em romano.
- 11 Sussurro. Embriaguez (Bras).

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVAS MODALIDADE PROBLEMA N.º

HORIZONTAIS:

- 1 Gíria. Baixela.
- 2 Prefixo de privação. Ruim. Encorizar.
- 3 Limpes com água. Ódio.
- 4 Carta de jogar. Czar da Rússia cognominado -O Terrível-. Brisa.
- 5 Pisaram.
- 6 Calosidade. Cantiga.
- 7 Virgulas dobradas. Mastiga sem engolir.
- 8 Guarnecer de asas. Falsa.
- 9 Tempo do verbo ser. Circular.
- 10 Altar cristão. Antepassado.
- 11 Sadiá. Samária (s.q.). Caio à cama.



VERTICAIS:

- 1 Guardas segredo. Emparelhadas.
- 2 Nome científico do pato. Costurara.
- 3 Sugara o leite materno.
- 4 Estime. Içara.
- 5 Relativos a óasis. Figura que simboliza o povo americano.
- 6 Fútil.
- 7 Impediram de andar. Distrito da ex-Índia Portuguesa.
- 8 Brago de mar. O mesmo que rabino.
- 9 Apelido. Pobreza.
- 10 Jogo do Brasil. Cidade e porto no golfo da Guiné setentrional na Costa do Ouro.
- 11 Ave trepadora. Irmão de Moisés.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14 526

HORIZONTAIS:

- 1 Am. ANTES. Pl.
- 2 Missa. Liara.
- 3 Elas. Ateli.
- 4 MOREIRA.
- 5 Diápero. QUE.
- 6 Srs. Dou.
- 7 Em. Otão. Elo.
- 8 Ias. ONU. At.
- 9 Ruim. Save.
- 10 Arm. Cor. Fel.
- 11 Aai. Rana.

VERTICAIS:

- 1 AMENDOEIRA.
- 2 Mil. Maura.
- 3 Salas. Sima.
- 4 Assopro.
- 5 Na. Resto.
- 6 Per. Andor.
- 7 El. Iodou. Ra.
- 8 Siar.
- 9 Ataque. Afa.
- 10 Pré. Lave.
- 11 Jaime. Otel.

PROVERBIO:

ANTES MOREIRA QUE AMENDO-EIRA

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14 366

HORIZONTAIS:

- 1 Cairá. Gotas.
- 2 Ardil. Abati.
- 3 Liara. Leira.
- 4 Ad. Il. Or. Ai.
- 5 Romãs. Sales.
- 6 Sós. Rem.
- 7 Aia.
- 8 Altar. Gramo.
- 9 Ara. Aurea.
- 10 Ia. Cadi.
- 11 Or. Au. Somas.

VERTICAIS:

- 1 Calar. Calio.
- 2 Áridos. Ar.
- 3 Ida. Morta.
- 4 Ririas. Arrá.
- 5 Alais. Ara.
- 6 BI.
- 7 Galos. Agá.
- 8 Oberar. Ruço.
- 9 Tai. Lesaram.
- 10 Atraem. Meda.
- 11 Siais. Soais.

ANTENA UM
Onda Média

16.00: A Gaita dos Sete Foles;
 17.00: Informação Regional;
 17.15: Musicomania; 19.00: In-
 formação e Música; 20.00: Mu-
 sical; 20.15: No Estúdio e no Es-
 tádio; 20.30: Música Portu-
 guesa; 21.00: Musical; 21.30: No-
 tes de Luar; 23.00: Título do Úl-
 timo Jornal.
 Noticiários de hora a hora.

FM - Estéreo

15.30: A Música de Piano na
 Era Romântica; 16.00: Música
 do Século XX; 16.36: Solos de
 Cravo e Rameau; 16.45: Tre-
 chos de Ópera de Wagner;
 17.00: Ciclo Beethoven; 17.43:
 Música de Todos os Quadrantes;
 18.00: Música Vocal; 18.40:
 Música de Tecla; 18.58: Música
 de Chopin; 19.30: Terra Viva -
 Planeta Azul; 20.00: Música de
 Câmara; 20.40: Wallenstein La-
 ger Op. 14 (Smetana); 20.56:
 Antologia dos Músicos Portu-
 gueses; 21.30: Os Anos 80: Nes-
 ta emissão, transmite-se a obra
 de Peter Maxwell; 22.15: O
 Canto e os seus Intérpretes;
 23.15: O organista Michel Cha-
 puis interpreta obras de Louis
 Marchand; 23.35: Sinfonia n.º 4
 em mi menor (Brahms); 00.20:
 O meio soprano Janet Baker in-
 terpreta obras de Schubert;
 01.00: Fecho.
 Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda média (283, 290 e 397 m)
 14.00: Tarde à Portuguesa;
 17.00: Rápido das Cinco;
 19.00: Musical; 20.00: Conta
 Corrente; 21.00: Musical;
 21.30: Quando o Telefone
 Toca; 22.00: Portugal e a CEE;
 22.30: Tempo de desporto;
 22.15: Programas Religiosos;
 23.00: 24.ª Hora; 01.00: Peça o
 Que Quiser; 02.00: No Calor da
 Noite.
 Noticiários de hora a hora.

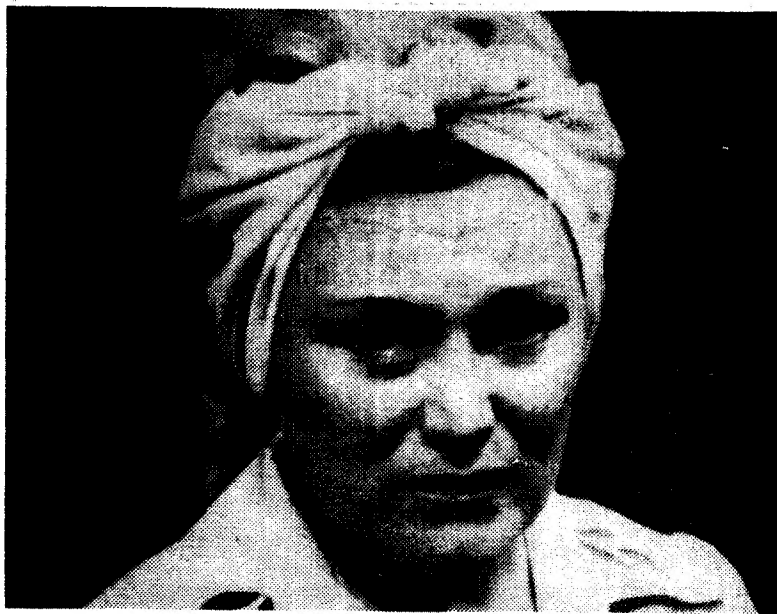
RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O Vapor; 16.00: Som da
 Frente; 17.00: Pé de Vento;
 18.00: Círculo em FM; 19.00:
 Em Órbita; 20.00: Nova Gera-
 ção; 21.00: Mosonautas; 22.00:
 Blues Index; 23.00: Flauta de
 Pá; 24.00: Só Com Gelo;
 02.00: No Calor da Noite.
 Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Onda média

15.00: Meia Tarde; 16.00: Rua
 Capelo; 18.00: Jornal das Re-
 giões; 18.30: Transmissão do
 Terço; 19.30: Memorando;
 20.00: Programa da LARR;
 20.30: Do Dia para a Noite;
 21.00: Horizonte; 22.00: Quan-
 do o Telefone Toca; 22.30: Diá-
 rio do Desporto; 23.00: Clube
 dos Coleccionadores; 24.00:
 Som de Uma Noite de Verão;
 02.00: Estação de Serviço. Jor-
 nal da Madrugada 03.00.

TELEVISÃO



«Louco Amor», como não podia deixar de ser...


18.00 — «Tempo dos Mais Novos»

Mais um episódio de «A Volta ao Mundo com Willy Fog», que se passa entre Singapura e Hong Kong. Depois, vêm as peripécias do desafortunado Calimero.

18.35 — «Notícias»

Bloco informativo de tónica predominantemente regional.

18.50 — «Desportivamente»

Balço dos principais acontecimentos desportivos do fim-de-semana através de entrevistas, comentários e reportagens.

19.20 — «O Mundo da Ciência»

Os progressos científicos do nosso tempo: testes com animais (brrrr!) para a obtenção de uma maior segurança no uso de produtos químicos. E ainda a fabricação computadorizada de automóveis.

19.55 — «Desenhos Animados»

O livro Grande de Petete.

20.00 — «Telejornal»
20.30 — «Boletim Meteorológico»
20.35 — «Louco Amor»

Raquel acaba por concordar que Luís Carlos se esconda em sua casa. Isa avisa Carla que Alfredo resolveu adiar a sua mudança para o apartamento delas por algum tempo, até que consiga outro emprego, porque não quer viver às custas de ninguém. Fernando comenta com Lúcia que, de acordo com o depoimento de Renata à polícia, Luís Carlos não matou o embaixador, mas é culpado do sequestro de João. Alfredo não conta a Cláudia onde está escondido Luís Carlos, para ele não ser encontrado. Luís Carlos diz a Alfredo que a única saída para provar a sua inocência é descobrir o que André tinha contra Renata, que fez com que ele a obrigasse a deixar o País. Depois de presenciar uma discussão entre Muriel e Renata, a respeito de Luís Carlos, Cláudia se dispõe a contar a Muriel tudo o que sabe sobre os problemas que levaram o rapaz a sequestrar João.



«Shakespeare na RTP-2: «Sonho de uma Noite de Verão»


19.30 — «Desenhos Animados»

Serafim, Agente Secreto.

20.00 — «O Povo e a Música»

No cenário da serra da Estrela, danças e cantares pelo Rancho Folclórico de Gouvêa.

20.30 — «Sonho de uma Noite de Verão»

Integrada na série sobre a obra de Shakespeare, produzida pela B.B.C., hoje será apresentada a conhecida peça «SONHO DE UMA NOITE DE VERAÑO», escrita a seguir a «Romeu e Julieta» e cujo tema base é também o amor. No entanto, Shakespeare ao escrever esta sua obra, inspirada em temas já tratados anteriormente por outros escritores — Glauco e Plutarco — envolveu-a num mundo fantástico que em certos momentos quase recorda os clássicos da literatura infantil.

Intérpretes principais: Nigel Davenport, Brian Glover, Helen Mirren, Phil Daniels, Peter McEnery.

Realização: Fligh Moshinsky.

22.30 — «Jornal da Noite»
AMANHÃ
RTP-1

12.05 — Espaço 12/13
 13.00 — «Vila Faia»
 18.00 — Tempo dos Mais Novos
 18.50 — Século XX — O Mundo em Guerra
 19.55 — Desenhos Animados
 20.35 — «Louco Amor»
 21.15 — O Corpo Humano
 21.45 — Actual
 22.45 — «Tudo em Família»

RTP-2

19.30 — Desenhos Animados
 20.00 — «Videópolis»
 20.30 — O Mundo em Guerra — Portugal 1939-45
 21.00 — Sessão das Nove — «Atlantic City»
 21.45 — Jornal da Noite



«A Volta ao Mundo com Willy Fog»: os miúdos não se importam que se trate de uma repetição...

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES
SOS CTC
 A MELHOR ASSISTÊNCIA AO SEU TELEVISOR E VIDEO
 GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
 ESTACÃO DE SERVIÇO PERMANENTE
 T. 88 27 86 — 89 98 26
 Av. S. João de Deus, 13 B • R. de Macau, 8-1.º LISBOA

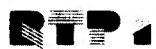
VOCÊ TEM UM PROBLEMA DE BEBIDA?

Em Setembro vamos ter entre nós uma equipa de terapeutas especializados na recuperação integral de alcoólicos. Inscrições limitadas.

Contacte-nos já: **ALCOÓLICOS ANÓNIMOS**

Travessa do Corpo Santo, 32
 1200 LISBOA
 Telefone 896211

GRUNDIG a segurança de um grande nome
 seleccionou para si...



19.20
 «O Mundo da Ciência»



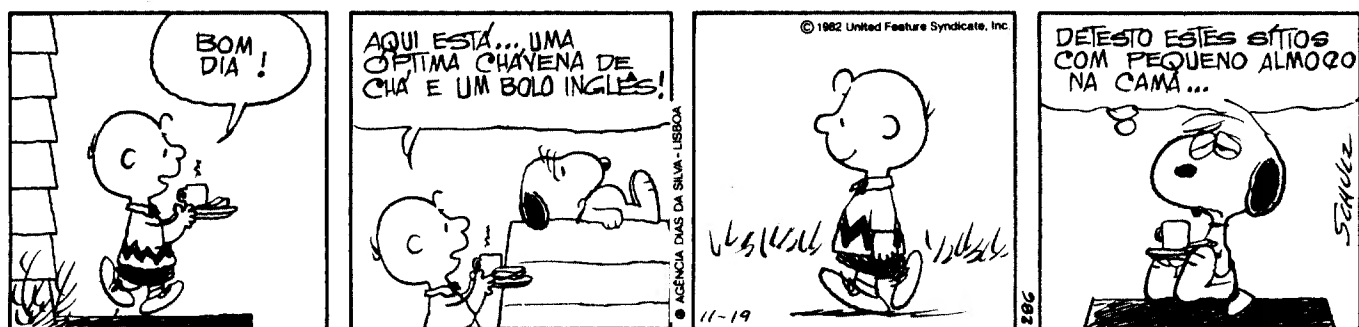
20.00
 «O Povo e a Música»

Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraca, 17 - Cruz Quebrada - Telef 2112871



20.30 — «Louco Amor»



MARÉS DE HOJE

PRAIA-MAR	BAIXA-MAR
10.33 3.00 m	03.35 2.00 m
23.28 3.00 m	16.39 1.90 m

DIA 9

11.51 3.20 m	05.02 1.90 m
17.48 1.70 m	

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:

BRAGANÇA	14°
VIANA DO CASTELO	15°
VILA REAL	15°
PORTO	15°
COIMBRA	16°
CABO CARVOEIRO	20°
CASTELO BRANCO	23°
PORTALEGRE	16°
LISBOA	16°
ÉVORA	16°
BEJA	15°
FARO	16°
SAGRES	17°
PONTA DELGADA	20°
FUNCHAL	22°

Reagan vai lançar sanções contra Pretória

O presidente Reagan vai anunciar hoje um conjunto de sanções económicas contra a África do Sul, disse uma fonte do Congresso norte-americano.

A decisão do presidente, de acordo com a mesma fonte, tem como objectivo evitar uma maior derrota no Congresso.

O Senado norte-americano, controlado pelo Partido Republicano do presidente Reagan, vai começar a votar uma lei que impõe sanções de protesto contra o sistema de segregação racial da África do Sul.

Reagan ameaçou vetar essas sanções. No entanto, enfrentando uma declaração clara de intenções do Congresso que lhe pode ser politicamente prejudicial, o presidente norte-americano foi finalmente persuadido a tomar as suas próprias acções — disse a mesma fonte.

«Basicamente, ele (Reagan) vai tornar legal 99 por cento do projecto de lei, através do poder executivo» — salientou.

O dirigente do Partido Republicano no Senado, Bob Dole, disse na Televisão que, se Reagan anunciasse planos de execução das sanções ele iria adiar a votação da lei até Março ou Abril do próximo ano.

A lei impõe, nomeadamente, a proibição de vendas de computadores norte-americanos à África do Sul e de vendas de tecnologia ou equipamento nuclear.

Cem mil contos do Totoloto divididos por 37 apostadores

A manterem-se as previsões conhecidas até ao fim desta manhã, os 105 mil contos correspondentes ao 1.º prémio da edição de sábado do Totoloto vão ser divididos por 33 a 37 apostadores, que, deste modo, irão receber cada um deles cerca de três mil contos. Para a chave apurada (1, 4, 6, 16, 19, 31 + 12), os escrutinadores recolheram os seguintes resultados: para o segundo prémio de 41 a 45 apostadores, para o terceiro de 2621 a 2680, para o quarto de 70 834 a 77 220 e para o quinto de 1 032 901 a 1 128 890. Entretanto, no Totobola os 15 500 contos de cada prémio irão ser divididos respectivamente por 12 a 14 apostadores e 504 a 540.

Acidente de viação na Madeira

Três jovens carbonizados

Um despiste de automóvel, que viria a incendiar-se causou a morte dos seus três ocupantes, na madrugada de ontem no sítio do Poiso, Canhas, 40 quilómetros a Oeste do Funchal.

Eram três horas da manhã quando o mini com a matrícula IT-62-53 conduzido por Dionísio Fernando Rodes, de 20 anos, acompanhado de José Maria Rodrigues e Solange Costa Freitas, respectivamente de 23 e 20 anos, se despistou e capotou, causando a morte aos seus três ocupantes cujos corpos ficariam carbonizados.

Regressavam do arraial do Loreto, uma festa típica no Arco da Calheta com destino ao Funchal onde todos residiam.

Esta manhã em algumas zonas

Nevoeiro deixou Lisboa sem luz

O nevoeiro em Lisboa ao provocar uma descarga nos isoladores de humidade na central do Carriche, deixou esta manhã sem luz, entre a 7 e 2 e as 7 e 58, as zonas das Amoreiras, Parque, Santa Marta e Entrecampos. Segundo um porta-voz da EDP, estas avarias são normais nesta altura do ano, por causa do nevoeiro, e desaparecerão com as primeiras chuvas.

D/E/C/A/R/A/S/



JOSÉ AFONSO vai receber no próximo domingo a medalha de honra da cidade de Setúbal, cerimónia que culmina a semana sadina, uma iniciativa da Câmara Municipal que tem hoje início. Do programa destacam-se uma exposição de desenhos do pintor Júlio Pomar e uma mostra de escultura de Luísa Perienes e Carlos Dutra, além de um variado programa desportivo e do tradicional concurso de caldeiradas, que se realiza no Largo da Fonte Nova, no sábado.

LAURO ANTÓNIO, que assistiu sábado na Figueira da Foz à antestreia do seu último trabalho, «O vestido cor de fogo», ficou satisfeito com o acolhimento manifestado pelo público. Extraída de uma novela de José Régio, a película conta a história de um homem apaixonado por uma mulher a quem teme a sensualidade e que, por outro lado, se sente atraído pelas transformações políticas do país — em presença o 25 de Abril — mas que se deixa ultrapassar.

RINGO STARR tornou-se, este fim-de-semana, no primeiro ex-beatle avô — reve-

lou o 'Daily Express'. O jornal dizia que Ringo Starr, de 45 anos, estava 'absolutamente encantado' com o nascimento de uma rapariga ao seu filho Zak, de 19 anos. O Express afirmava que Sarah, 25 anos, mulher de Zak, tinha dado à luz uma rapariga — Tatia Jayne — durante o fim-de-semana. Tanto a mãe como o bebé se encontram bem. Zak é filho da primeira mulher de Ringo, Maureen.

CARLOS MELANCIA, ministro do Equipamento Social, anunciou em Braga que no próximo dia 20 estará em Portugal o presidente do Banco Europeu de Investimentos. Aquela personalidade vem ao nosso País assinar o empréstimo à Brisa para a construção do troço da auto-estrada Albergaria-Mealhada. Carlos Melancia sublinhou a importância do acto, uma vez que com o arranque daquele troço se abre caminho para o início da auto-estrada Porto-Braga.

JOSÉ TORRES, seleccionador nacional de futebol, partiu hoje para Estrasburgo acompanhado pelos seus «eleitos», onde pelas 19.30 horas de amanhã fará o pri-

meiro teste ao «quadro» escolhido visando os difíceis confrontos que se aproximam frente à Checoslováquia e RFA com Malta pelo meio. As contestações já se começaram a escutar (e com alguma consistência) por haver ignorado dois ou três nomes em momento de particular inspiração. Simplesmente, a hora que se aproxima deverá ser de confiança. É esse o nosso voto de agora, para o antigo «magriço».

AZEREDO DA SILVEIRA, embaixador do Brasil, em Lisboa, que presidiu no sábado às comemorações da data nacional do seu país, durante as quais sublinhou, como tivemos ocasião de noticiar, a contribuição portuguesa para o facto dos brasileiros representarem uma nação unida e com o mesmo idioma, fez questão de se rodear de alguns convidados inéditos. Pela curiosidade de que se reveste, revelamos a presença de alguns dirigentes do Partido Comunista Português e do brasileiro Juca, proprietário do restaurante Brasuca, este sem dúvida um importante «embaixador paralelo».

Bebés com SIDA devido ao leite materno

Vários bebés contraíram SIDA e médicos de Berlim pensam que devem ter sido contagiados através do leite materno — o que constitui uma modalidade já reportada.

Na sua edição de domingo, o «Bild», jornal sensacionalista, afirma que a dr.ª Johanna Sther, médica de Berlim, citou um caso referenciado nos EUA e três outros na RFA, de bebés provavelmente contagiados através do leite materno.

Num dos casos, uma mulher norte-americana recebeu transfusões de sangue durante um parto difícil e contraiu a doença. Pouco depois, o seu filho apareceu com SIDA, «possivelmente das células do leite materno», afirma a notícia.

Pelo menos três bebés na RFA estão doentes com a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA) e em todos os casos as mães contraíram a doença através da droga.

O jornal inclui uma entrevista com um especialista da doença que declara que as pessoas que possuem o vírus da SIDA não estão automaticamente condenadas à morte.

O dr. Manfred Dietrich, médico chefe do hospital de Hamburgo para doenças tropicais, afirma que não se conhece nenhum medicamento efectivo contra o vírus da SIDA, HTLV-III.

«Mas é da nossa experiência que isto não significa que uma pessoa infectada com SIDA esteja condenada à morte, mesmo quando a vítima mostra sinais graves da doença», teria dito Dietrich.

Acrescentou que o seu hospital tem estabilizado a doença em alguns doentes de tal forma que estes regressem ao trabalho. Mas declarou que o vírus continua no seu sistema e que estes precisam de constante vigilância médica porque se podem desenvolver sintomas a qualquer momento.